

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ– UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS – CCHEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH**

PALOMA MARIANA CAETANO

**EXPERIÊNCIAS DE JOVENS TRABALHADORES EM SEU PROCESSO DE
ESCOLARIZAÇÃO EM MARECHAL CÂNDIDO RONDON – PR (1990-2017)**

MARECHAL CÂNDIDO RONDON - PR

2019

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ– UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS – CCHEL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH**

PALOMA MARIANA CAETANO

**EXPERIÊNCIAS DE JOVENS TRABALHADORES EM SEU PROCESSO DE
ESCOLARIZAÇÃO EM MARECHAL CÂNDIDO RONDON – PR (1990-2017)**

Dissertação de Mestrado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em História, nível de Mestrado, como exigência para a obtenção do título de Mestre em História, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *campus* de Marechal Cândido Rondon.

Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Darc de Souza.

MARECHAL CÂNDIDO RONDON - PR

2019

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Caetano, Paloma Mariana Caetano
Experiência de jovens trabalhadores em seu processo de escolarização em Marechal Cândido Rondon ? PR (1990-2017) / Paloma Mariana Caetano Caetano; orientador(a), Aparecida Darc de Souza Souza, 2019.
98 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, Graduação em História Programa de Pós-Graduação em História, 2019.

1. Jovens Trabalhadores. 2. Experiência. 3. Educação. 4. Juventude. I. Souza, Aparecida Darc de Souza. II. Título.



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46

Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>

Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000

Marechal Cândido Rondon - PR.



PARANÁ

GOVERNO DO ESTADO

Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE PALOMA MARIANA CAETANO, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Ao(s) 21 dia(s) do mês de março de 2019 às 16h00min, no(a) Sala 60, realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação do(a) candidato(a) Paloma Mariana Caetano, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em História - nível de Mestrado, na área de concentração em História, Poder e Práticas Sociais. A comissão examinadora da Defesa Pública foi aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História. Integraram a referida Comissão os(as) Professores(as) Doutores(as): Rinaldo José Varussa, Sergio Paulo Moraes, Aparecida Darc de Souza. Os trabalhos foram presididos pelo(a) Aparecida Darc de Souza, orientador(a) do(a) candidato(a). Tendo satisfeito todos os requisitos exigidos pela legislação em vigor, o(a) candidato(a) foi admitido(a) à Defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, intitulada: "EXPERIÊNCIAS DE JOVENS TRABALHADORES EM SEU PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO EM MARECHAL CÂNDIDO RONDON - PR (1990-2017)". O(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos, e em seguida, convidou o(a) candidato(a) a discorrer, em linhas gerais, sobre o conteúdo da Dissertação. Feita a explanação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) sucessivamente, pelos(as) professores(as) doutores(as): Rinaldo José Varussa, Sergio Paulo Moraes. Findas as arguições, o(a) Senhor(a) Presidente suspendeu os trabalhos da sessão pública, a fim de que, em sessão secreta, a Comissão expressasse o seu julgamento sobre a Dissertação. Efetuado o julgamento, o(a) candidato(a) foi **aprovado(a)**. A seguir, o(a) Senhor(a) Presidente reabriu os trabalhos da sessão pública e deu conhecimento do resultado. E, para constar, o(a) Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon, lavra a presente ata, e assina juntamente com os membros da Comissão Examinadora e o(a) candidato(a). De acordo com o que está previsto no § 8 e § 9 do Artigo 81 do Regulamento do Programa de Pós-graduação em História da Unioeste, a banca de defesa de mestrado foi realizada contando com a participação de membro via utilização de tecnologia de videoconferência. Diante desta circunstância, os membros presentes assinam esta Ata e atestam a conformidade do Prof. Dr. Sergio Paulo Moraes em relação ao resultado da defesa e ao conteúdo do parecer descritivo anexado.


Orientador(a) - Aparecida Darc de Souza


Rinaldo José Varussa



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46

Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>

Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000

Marechal Cândido Rondon - PR.



PARANÁ

GOVERNO DO ESTADO

Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE PALOMA MARIANA CAETANO, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Sergio Paulo Morais

Paloma M. Caetano

Paloma Mariana Caetano

Candidato(a)

Marcia Antiquera

Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História

Dedico este trabalho à Neide, à Aparecida e à Joselene. O apoio e incentivo dessas admiráveis mulheres foram fundamentais nessa jornada.

AGRADECIMENTOS

Se a felicidade só é real quando compartilhada, este é o momento de dividir tal sentimento. Muitas são as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho, direta ou indiretamente. Essa realização não é apenas minha, felizmente.

Faltam palavras para expressar a gratidão que sinto pela minha família e pelos meus amigos. Muitas foram as conversas sobre esta dissertação, algumas bem animadas, outras nem tanto. As palavras de motivação vêm à mente neste instante e realmente sou uma pessoa de sorte por compartilhar o mundo com vocês.

E dentre as venturas da vida, tive uma orientadora que me ensinou muito mais do que como desenvolver uma pesquisa historiográfica. Sem dúvidas, deveria ter aproveitado mais cada encontro, cada conselho e cada ensinamento.

Agradeço a todos aqueles que leram e contribuíram com novos olhares e horizontes para este estudo. A pesquisa é solitária e é preciso de momentos para sociabilizar o pensamento, as inquietações que nos leva a esse caminho.

Este trabalho não seria possível sem a contribuição de todos os professores vinculados ao PPGH de História da UNIOESTE, das discussões da Linha de Pesquisa de Trabalho e Movimento Sociais, da qual faço parte, da CAPES, pela bolsa de estudos, e de todos os alunos do ensino médio com que convivi nesses últimos anos.

Por todos vocês, sou grata!

"Toda sociedade vive porque consome; e para consumir depende da produção. Isto é, do trabalho. Toda a sociedade vive porque cada geração nela cuida da formação da geração seguinte e lhe transmite algo da sua experiência, educa-a. Não há sociedade sem trabalho e sem educação" (LEANDRO KONDER, 2000, p. 112)

EXPERIÊNCIAS DE JOVENS TRABALHADORES EM SEU PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO EM MARECHAL CÂNDIDO RONDON – PR (1990-2017)

RESUMO: O escopo desta pesquisa foi discutir a experiência de jovens da classe trabalhadora em seu processo de escolarização. Trata-se de uma investigação sobre a importância e o sentido que esses jovens conferem à educação e ao trabalho. Nesse sentido, o estudo guiou-se pelas seguintes questões: Como e por que esses jovens trabalhadores conseguem articular trabalho e educação em uma mesma rotina? Quais são as suas preocupações e expectativas para o futuro? As fontes privilegiadas para o desenvolvimento desta pesquisa foram entrevistas e questionário, realizados com alunos de ensino médio, da rede pública de ensino de Marechal Cândido Rondon, no ano de 2017.

PALAVRAS-CHAVE: Jovens trabalhadores; Experiência; Educação; Juventude.

**EXPERIENCES OF YOUNG WORKERS IN THEIR SCHOOLING PROCESS IN
MARECHAL CÂNDIDO RONDON – PR (1990-2017)**

ABSTRACT: This paper aims to discuss the experience of working class youth in their schooling process. Investigate the importance and meaning that these young people give to education and work. In this sense, this study is guided by the following questions: how and why do these young workers manage to articulate work and education in the same routine? What are your concerns and expectations for the future? The privileged sources for the development of this research are interviews and questionnaire carried out with high school students from the public school of Marechal Cândido Rondon, in 2017.

KEY WORDS: Young workers; Experience; Education; Youth.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Jovens trabalhadores em Marechal Cândido Rondon – PR, em 2010.....	29
Gráfico 02: Onde trabalha atualmente?.....	33
Gráfico 03: Qual é o valor do seu salário?	35
Gráfico 04: Você mora com?.....	37
Gráfico 05: O que faz com a sua renda?.....	39
Gráfico 06: O que faz no tempo livre?.....	40
Gráfico 07: Qual a importância do trabalho?.....	49
Gráfico 08: Qual a importância da educação?.....	57
Gráfico 09: Expectativas para o futuro.....	62
Gráfico 10: É possível conciliar trabalho e educação?.....	67
Gráfico 11: Razões para a ausência na esfera escolar.....	77

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO 01: OS JOVENS DA CLASSE TRABALHADORA.....	19
1.1. Juventude: a problemática do conceito.....	19
1.2. Os jovens trabalhadores em Marechal Cândido Rondon.....	28
1.3. Como vivem os jovens em Marechal Cândido Rondon.....	37
CAPITULO 02: OS SENTIDOS DE TRABALHAR E ESTUDAR PARA JOVENS	47
TRABALHADORES.....	
2.1. Trabalho e Escola: duas dimensões de uma mesma realidade.....	47
2.2. Entre a escola e o trabalho: buscando um equilíbrio.....	66
CONCLUSÃO.....	84
REFERÊNCIAS.....	88

INTRODUÇÃO

O escopo central desta pesquisa foi problematizar, discutir e refletir as experiências de jovens trabalhadores em seu processo de escolarização. Procurei compreender como alunos do ensino médio, da rede pública de Marechal Cândido Rondon – PR, encaram o desafio de articular, em uma mesma rotina, o trabalho e a educação. Mais que isso, busquei entender quais os sentidos e qual a importância dessas esferas em suas vidas. Desse modo, a pergunta que orientou esta produção palavras é esta: Por que e como esses sujeitos trabalham e estudam simultaneamente?

Tal questionamento é decorrente de minha experiência, tanto pessoal como profissional, do lugar em que vivo, das pessoas com as quais conversei e conheci. Tudo isso, de certa forma, influenciou na elaboração desta pesquisa, no meu olhar sobre as contradições do mundo em que estamos inseridos. Afinal, “*o historiador, antes de começar a escrever história, é o próprio produto da história*” (CARR, 1961, p. 79). Para dar mais sustentação a esse argumento, teci algumas informações de minha trajetória de vida, na tentativa de evidenciar o quanto essa discussão é cara para mim.

Filha de trabalhadores, minha inserção no mercado de trabalho ocorreu nos últimos meses de 2009. À época tinha 14 anos e cursava o primeiro ano do ensino médio. Não lembro muito dessa época. A memória é seletiva, vivemos entre esquecimentos e silêncios, como bem destaca Michael Pollak (1989). Desse período, faço questão de guardar com carinho as recordações de quando esperava a chegada ônibus, às 07h00, ouvindo música em um fone de celular compartilhado de um amigo. O sabor do pão de queijo da rodoviária, a alegria de trocar passes de transporte por paçocas e a sensação de felicidade nos dias em que a comida do refeitório da empresa era pizza ou lasanha são memórias incomparáveis. Foi um ano indo e vindo, já que morava em São Pedro do Iguaçu-PR, trabalhava no período da manhã na Sadia S/A e estudava à tarde no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), em Toledo – PR, retornando para minha cidade para frequentar o colégio no período noturno. Foi um ano que passou muito rápido, tendo em vista a quantidade de atividades que realizava diariamente.

A grande lição desse ano é que jamais iria trabalhar em um escritório novamente. Era atendente do Plano de Saúde Autogestão. Trabalhava das 08h às 12h. Entrava na sala, ligava o computador, abria a porta para a área interna e a porta da área externa, iniciava o sistema e

começava um roteiro com palavras e gestos precisos. Fazia quatro perguntas: “Bom dia, o que você deseja? Número do crachá? Para quem é a consulta? Com qual médico?”. Digitava no sistema códigos necessários para emitir a guia de atendimento, abria um sorriso, que já era parte desse ritual, e dizia a frase “Só aguardar a impressão”. Não dava tempo de falar mais nada além disso. Não poderia destinar mais que um minuto para atender a cada pessoa. Em determinados dias, chegava a atender a mais de 250 pessoas no período da manhã, entre solicitações para consulta e entrega/busca de exames. Era mecânico demais. No segundo mês de trabalho, já não conferia as impressões antes de entregar. Nos últimos dias de trabalho, ficava impaciente com a demora de algumas pessoas ao responderem.

A melhor parte do dia era o período vespertino. As aulas do curso de “Auxiliar Administrativo e de Produção Industrial” eram fascinantes. Não tinha nenhuma relação com o que desenvolvia no trabalho, muito menos com o que aprendia no colégio. Gostava de aprender sobre mecânica, informática, discutir sobre temas transversais, segurança no trabalho, colaboração. Eram disciplinas e assuntos diferentes, momentos nos quais podia expressar minha opinião. Dedicava-me para tirar boas notas e fazer todas as tarefas. Sentia que aprendia algo que levaria para a vida toda.

Essa vontade de aprender não se aplicava ao período noturno. Aproveitei muito a desculpa “estou cansada” para comover meus pais a me deixarem a faltar à escola. Muitas vezes, realmente estava exausta. Em outros momentos, queria apenas ficar em casa. Qualquer nota acima da média bastava. Alguns professores, que acompanhavam meu processo de escolarização, falavam que meu rendimento escolar diminuiu e que esperavam mais comprometimento de minha parte. Ficava chateada com essas ponderações, mas continuava do mesmo jeito.

O que mudou, nesse ano de trabalho, foi meu guarda-roupa. Com o dinheiro que recebia, um salário mínimo na época, comprei roupas e calçados. Em uma promoção, comprei quatro casacos por impulso. Não por que precisava, mas porque, pela primeira vez, poderia levar para casa tudo o que desejava ter. E assim, trabalhar era algo bom, valia a pena a sequência de perguntas. Minha mãe controlava meus gastos, fazia-me economizar metade do que recebia. Assim, com esse dinheiro economizado e o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), comprei uma bicicleta, um notebook e um celular.

Conheci muitas pessoas maravilhosas nessa fase de minha vida. Todavia, sentia falta dos meus amigos e dos familiares. De segunda à sexta, ficava em função do trabalho, do curso

e da escola. Nos finais de semana, realizava algumas atividades escolares e dormia muito para me recuperar da semana. Deixava de sair com familiares para ficar em casa. Entretanto, eu não via essa rotina como um problema. Convivia com amigos que trilhavam caminhos mais difíceis, que trabalhavam mais horas por dia, em ocupações mais cansativas e, ainda, recebiam um salário inferior. Muitos deles deixaram de estudar durante esse percurso, alguns nem mesmo concluíram o ensino médio. Comparativamente, sentia-me em uma posição melhor, já que consegui conciliar o estudo e o trabalho. Em síntese, trabalhar e estudar eram para mim algo natural, e, quando algum jovem deixava de estudar, encarava isso como compreensível.

Essa experiência só se tornou um objeto de reflexão para mim algum tempo mais tarde, quando ingressei na Universidade. Como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Nesse projeto foi-me possibilitada a oportunidade de realizar oficinas com alunos do ensino médio da rede pública de ensino, ocasião na qual me reencontrei com essa realidade. Ocupando um lugar diferente, deparei-me com vários jovens que estudavam e trabalhavam, salvo as devidas proporções, e que enfrentam dilemas semelhantes aos que eu e outros jovens enfrentamos. Mesmo que o trabalho não seja uma imposição sentenciada pela subsistência familiar, inúmeros jovens o encaram como uma possibilidade de ter acesso ao consumo de bens e de serviços, ao lazer e à autonomia financeira. Norteados por um conjunto de valores, de motivações e de fatores, passam a buscar a sua inserção no mercado de trabalho.

Entretanto, a tentativa de conciliar trabalho e educação nem sempre funciona para todos. Ser estudante e trabalhador é algo cansativo, afeta tanto o corpo quanto a mente. Além disso, prejudica o pleno desenvolvimento dos jovens, na medida em que esses não têm tempo para se dedicarem a atividades culturais/esportivas, em momentos de socialização e lazer. Alguns passam oito horas no trabalho e mais cinco na escola. Descontando o tempo necessário para se locomoverem até esses locais, o tempo para as refeições e as horas que dormem durante as noites, não sobra muito tempo livre.

Compreendendo que trabalhar e estudar são atividades que fazem parte da vida desses jovens, como atividades simultâneas, elas não são vividas de forma articulada. O que aprendem no ambiente laboral não se aplica ao que acontece no ambiente escolar, e vice-versa. Do mesmo modo, é preciso destacar que existem interferências constantes entre essas duas esferas, o que faz com que esses estudantes busquem conciliar tais dimensões. A hipótese desta pesquisa é que esses mundos se confrontam diariamente, por serem antagônicos. Considero que cada uma

dessas duas esferas, trabalho e escola, funcionam de maneira a negar uma a outra. Exceto pelo fato de funcionar no horário noturno, a educação oferecida pela escola dialoga pouco com a realidade de vida e trabalho dos jovens. Por sua vez, os jovens que trabalham enfrentam cotidianamente dificuldades de se manterem estudando. Horários, demandas produtivas, cansaço; tudo conspira para que o jovem se sinta pressionado a escolher entre trabalho e escola. Entretanto, mesmo nesse contexto desfavorável, os jovens seguem tentando se equilibrar entre esses dois mundos. Por quê? Como? Nessa direção, dedico-me a investigar como e por que os alunos do ensino médio, de escolas públicas de Marechal Cândido Rondon – PR, buscam em suas rotinas conciliar trabalho e vida escolar.

Tal discussão foi formulada inicialmente em minha monografia de conclusão de curso, em 2016. Entretanto, muitos questionamentos não foram sanados e instigaram a continuidade da pesquisa. Se antes meu enfoque eram apenas alunos com os quais trabalhei, agora tais questões terão um “alvo maior”, composto por todas as escolas da rede pública de ensino, de todos os períodos escolares do ensino médio.

Pode-se afirmar que jovens que são estudantes e trabalhadores, simultaneamente, são um objeto que atrai olhares de diferentes campos do saber. Na esfera educacional, existem propostas que discutem a constituição da identidade juvenil por meio do cotidiano escolar, destacando os sentidos que os alunos atribuem a essa dimensão de suas vidas (CORREA, 2008). No âmbito da psicologia, existem esforços em analisar o significado psicossocial do trabalho para os jovens (URT, 1992). Não obstante, poucos são os trabalhos que buscam indagar ambos os sentidos em uma mesma produção. Parto do princípio que, para um sujeito que estuda e trabalha simultaneamente, é impossível desassociar trabalho e educação para atribuir sentidos e significados para a sua vida e construir, a partir de então, expectativas para seu futuro. Ele vê a vida a partir do trabalho e da educação.

Na economia, Amorim (2013) se dedicou a comparar censos demográficos de 2000 e 2010, do Paraná, buscando apresentar as ocupações destinadas aos jovens no estado. A pesquisa destaca o número dessa população, o segmento que mais ocupa essa faixa etária, seu nível de escolaridade e, principalmente, as dificuldades de inserção de jovens no mercado de trabalho devido à falta de qualificação e de experiência profissional. Em sua análise, pautada unicamente em fontes quantitativas, não é possível perceber como essa realidade é vivenciada pelos sujeitos em questão, nem o que eles têm a dizer sobre esse processo.

Existe um interessante estudo sobre a duração do sono, entre alunos trabalhadores e não trabalhadores. Dentre os resultados da referida pesquisa, constatou-se que alunos que incorporam em suas rotinas trabalho e escola dormem menos. Isso permite questionar as implicações dessa “associação” e o que pode provocar no desenvolvimento cognitivo dos jovens trabalhadores, uma vez que levam “*a um aumento da sonolência diurna excessiva, dificuldades de aprendizagem, a um aumento do risco de acidentes e de excesso de peso corporal*” (PEREIRA, BERNARDO, D’ALMEIDA, LOUZADA, 2011, p. 979). Contudo, esse estudo, apesar de sua importante contribuição sobre os impactos negativos da associação de das atividades – trabalhar e estudar –, não traz uma percepção sobre como esses jovens vivenciam e avaliam a sua condição.

No campo da sociologia, o estudo realizado por Terribelle (2006) se aproxima um pouco mais da proposta desta dissertação, que tem como objetivo analisar como os jovens trabalham e estudam. Em sua obra, a autora buscou discutir como os jovens do ensino médio vivenciam o dilema de estudar e trabalhar, optando pela realização de entrevistas focais e questionários socioculturais. O que difere das análises aqui propostas, além do referencial teórico, é o espaço social em que ocorrem essas experiências. Terribelle (2006) privilegia sujeitos oriundos da periferia de Goiânia. Seus apontamentos dão destaques às dificuldades que os jovens enfrentam ao articular trabalho e educação. Para a pesquisadora, a inserção do jovem no mercado de trabalho é apenas nefasta para o processo de escolarização. É um olhar interessante sobre a experiência dos jovens; porém, considero ser importante também compreender o que os próprios jovens avaliam sobre esse processo, em que medida é positivo e/ou negativo a conciliação desses dois mundos em suas vidas.

Evidentemente, por mais que existam proximidades, as condições socioeconômicas estabelecidas em diferentes espaços não são as mesmas e nem são vivenciadas nos mesmos moldes. Vera da Silva Telles (2006) destaca sua preocupação em recolocar a discussão do trabalho no mundo social, tendo em vista que “*a experiência do trabalho (e do não-trabalho) entrelaça-se, ou mesmo confunde-se, arriscaríamos dizer, com a experiência da própria cidade*.” (TELLES, 2006, p. 177). Nesse sentido, neste trabalho, o cenário da discussão é referente ao município de Marechal Cândido Rondon – PR e as relações sociais que são realizadas nesse espaço. Interessa-me compreender como são estabelecidas as relações sociais nessa cidade do interior do Oeste Paranaense.

Desta forma, para conhecer e se aproximar do universo desses sujeitos, foram realizadas entrevistas orais. Ao longo da pesquisa, foram entrevistados 28 jovens, com idades entre 15 a 24 anos. Durante essas conversas, realizadas no ambiente escolar, os jovens foram indagados sobre qual a importância do trabalho e da educação em suas vidas, seus anseios, suas dificuldades e expectativas para o futuro. Todas as entrevistas ocorreram entre os anos de 2016 e 2017, pautando o mesmo eixo de questões, o que me possibilitou perceber as contradições e percepções que os mesmos constroem em suas vidas.

As entrevistas não são vistas neste estudo como uma simples “coleta de informações” e de “dados”. Importa-me a possibilidade de refletir como esses sujeitos narram e constroem suas trajetórias. Mesmo que carregada de subjetividades, permitem questionar como diferentes sujeitos lidam com as mesmas tensões e contradições. Nesse sentido, as “fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez”, com ressalta Alessandro Portelli (1997, p. 31). Trabalhar com fontes orais implica em tratar os jovens que converso como mais do que um objeto de pesquisa. São sujeitos que narram suas vidas, rememoram e organizam suas falas a partir do que é significativo, de sua leitura sobre o mundo. É o momento em que interpretam sua realidade. A partir das entrevistas, algumas de minhas hipóteses foram destruídas, tal como acreditar que esses jovens não se preocupam com sua escolarização (por muitos priorizarem o trabalho). Muitas de minhas questões foram refeitas, na medida em que as respostas indicavam para novos (e outros) caminhos. Tive que aprender a lidar com visões divergentes da minha, pois não busquei evidências que se encaixam em uma história já construída, com atores idealizados. Afinal, o historiador tem “*a responsabilidade não só de obedecer normas confiáveis, quando coligem informações, como também de respeitá-las, quando chegam a conclusões e interpretações – correspondentes ou não a seus desejos e expectativas*” (PORTELLI, 1997, p. 13).

As primeiras perguntas, feitas a todos aqueles com quem conversei, foram basicamente as seguintes: “Fale-me um pouco sobre você” ou “Conte-me um pouco sobre a sua vida”. De modo geral, as narrativas se iniciaram com alguns silêncios, seja devido à timidez e/ou ao estranhamento de ser “entrevistados”. Uma característica comum é que praticamente todos indicam sua idade e o local em que trabalham na primeira frase, nos primeiros instantes. Esse fato pode ser justificado por saberem de meu interesse em jovens trabalhadores; porém, não posso descartar a possibilidade de revelarem com isso algo que para eles os defina como sujeitos.

Eles poderiam começar a entrevista dizendo onde moram, o que gostam de fazer, qual a religião; poderiam também contar algo sobre a infância, sobre uma aspiração para o futuro, sobre o time de futebol. Entretanto, basicamente todos iniciam dizendo, nessa ordem, seu nome, sua idade e o local onde trabalham. O trabalho é significativo e importante, e é a partir dele que projetam a visão sobre eles mesmos, sobre trajetórias suas trajetórias. Dentre tantas possibilidades, iniciam por aquele que pode ser considerado como o eixo estruturante de suas vidas, por qual perpassa todas suas decisões e percepções.

Em associação à entrevista, foram aplicados 1.183 questionários com os alunos do ensino médio da rede pública de Marechal Cândido Rondon – PR, em todas as turmas das seguintes instituições: Colégio Estadual Eron Domingues, Colégio Estadual Antônio Maximiliano Ceretta, Colégio Estadual Marechal Rondon, Colégio Estadual Frentino Sackser e Colégio Estadual Paulo Freire. As perguntas do questionário se referem ao sexo, à idade, com quem residem, à ocupação dos pais, à renda familiar, em que local esses jovens trabalham, qual o valor de seus salários, o que fazem com o valor que recebem, à quantidade de horas trabalhadas por semana, quantos dias trabalham e se esse trabalho é registrado, à idade em que começaram a trabalhar, sobre a importância do trabalho, dos estudos para eles e quais são as expectativas que constroem para o futuro.

Destaca-se que, desse universo, 438 questionários foram preenchidos por jovens que estudam e trabalham e 745 foram preenchidos por jovens que apenas estudam. Logo, 37% dos alunos que responderam ao questionário conciliam uma dupla jornada entre trabalho e educação. Desses, 346 alunos disseram que o trabalho não interfere em seus estudos. Questiono-me: como as faltas às aulas, o atraso para a entrada na escola ou as atividades não entregues, não são resultantes da falta de tempo devido à rotina desses alunos?. Ainda é possível observar uma grande defasagem de idade escolar no ensino médio regular da cidade. O que se observa é que, para esses jovens, a “conciliação” entre essas duas esferas não pode ser vista como uma dificuldade, como um dilema. Esses mundos não foram cindidos por eles, mas, procuram se manter em ambos.

Entre permanências e rupturas, idas e vindas, muitos não concluem o ensino médio ou não o concluem na idade apropriada. Na ordem do dia, a educação é uma promessa de ascensão para a classe trabalhadora no futuro. A educação é uma baliza para terem acesso ao que consideram por uma “vida melhor” e, por isso, esses jovens não desistem dela.

O sentido da educação para esses jovens está diretamente associado às promessas de um futuro melhor por meio desta. Boa parte dos estudantes incorpora esse discurso, que pode ser compreendido como uma ideologia carregada de significados e assimilações (SILVA, 2009, p. 101). Evidentemente, essa fala faz parte do cotidiano desses jovens, seja pela reprodução paulatinamente dessa visão por membros de sua família ou amigos, seja pelos próprios jovens compararem e observarem outras trajetórias que, sobre seus critérios, “alcançaram” modos de vidas que esses jovens almejam.

Nesse contexto, esperam como resultado que suas trajetórias escolares possibilitem arranjar um bom emprego, passar em uma universidade e ter isso como um diferencial em seu currículo, na busca de “ser alguém na vida”. Motivados por esse interesse e expectativa, o resultado final, a certificação de conclusão do ensino médio, aparece como mais importante do que o próprio aprendizado escolar.

Tal paradigma já está posto desde longa data. Em seus estudos sobre um contexto histórico, fortemente marcado pela distinção entre uma cultura letrada x cultura popular, Thompson (2002) já observava que, no século XVIII,

[...] a educação passou a ser vista, em grande escala, e por muita gente da própria classe trabalhadora, simplesmente como um instrumento de mobilidade social seletiva. Além do mais, seja qual for o método de seleção, todo o sistema trabalha de modo a confundir certos tipos de capacidade (ou facilidade) intelectual com realização humana. A aprovação social do sucesso educacional é assinalada de uma centena de modos: o sucesso traz recompensa financeira, um estilo de vida profissional, prestígio social. (THOMPSON, 2002, p. 42).

Nessa assertiva, cabe um questionamento sobre os motivos de essa prática permanecer, após alguns séculos, mesmo que em novos moldes. Esses apontamentos instigam a novas questões a serem feitas e repensadas. Tal discussão permite um caminho a ser explorado durante a dissertação, para debater como esses dilemas se apresentam no presente. Tendo em vista que em nossa sociedade a educação não se revela, em muitos casos, como a garantia dessa suposta ascensão, busco compreender em que medida essa promessa não se concretiza e o que ela representa para os alunos trabalhadores.

Uma das leituras que agregou para o desenvolvimento desta pesquisa se encontra na obra “Aprendendo a Ser Trabalhador”, de Paul Willis. O autor inicia sua produção questionando por que as vagas de trabalho da classe média são preenchidas por jovens da classe média,

enquanto vagas de trabalho para a classe operária são preenchidas por jovens da classe operária. O autor se destina a pesquisar a cultura contraescolar de um grupo de jovens entre os anos de 1972 a 1975. Sua investigação me fez refletir sobre as desigualdades enfrentadas por esses sujeitos, em busca da sua inserção no mercado de trabalho. Os jovens não são todos iguais, pois a luta entre as classes sociais permanece forte em nossa sociedade.

Nesse caminho, um dos diferenciais desta pesquisa é buscar o sentido atribuído por jovens à sua própria experiência. Aproveito-me do momento oportuno para enfatizar que, por experiência, compreendo a atuação desses sujeitos na construção de suas vidas. Mesmo que condicionados por determinados elementos, assumem o protagonismo de seu modo de viver, afinal, “assim como o ser é pensado, também o pensamento é vivido” (THOMPSON, 1981, p. 17). É a partir da evidência, do que é concreto, que movimento a teoria, não na tentativa de enquadrar o vivido a uma descrição histórica, mas de compreender como se constitui o próprio viver.

Assim sendo, foi possível perceber que os motivos que levam esses jovens a se inserirem prematuramente e precariamente no mercado de trabalho são múltiplos, bem como suas intenções e motivações educacionais. Talvez, seja necessário dizer que levei certo tempo para compreendê-los como classe. Apesar de cada jovem ter seu motivo para começar a trabalhar (ajudar com as despesas de casa, comprar coisas para si, constituir uma nova família, guardar dinheiro/economizar para o futuro, ter experiência profissional, entre outras razões possíveis), inserem-se no mercado de trabalho porque fazem parte da classe trabalhadora. Esse é o elo entre esses sujeitos e é a partir desta condição que definem e visualizam seus horizontes.

O trabalho na vida desses sujeitos permite, em muitos casos, o acesso a bens materiais e ao consumo de serviços e produtos, como já mencionado. O salário propicia novas possibilidades sociais e culturais, as quais seus pais não poderiam prover. Seja a compra de um celular, de roupas ou o sorvete do final de semana... O trabalho altera suas rotinas, sua relação com a família e amigos. A mudança de turno escolar, por exemplo, segundo as narrativas dos jovens, coincide com sua inserção no mercado de trabalho. A grande maioria dos jovens entrevistados tem uma jornada de trabalho que varia de quatro a oito horas diárias, excluindo-se o tempo de locomoção até o ambiente laboral. A maioria trabalha cinco dias na semana. Dentre as ocupações, um expressivo número de alunos ocupa vagas no comércio e recebem menos que um salário mínimo (R\$ 937,00) pelo desenvolvimento de suas atividades.

É preciso destacar que empregos de salário mínimo não proporcionam uma efetiva independência financeira. Os jovens, mesmo com uma remuneração fixa, não conseguem arcar com todas as despesas da vida adulta, tal como aluguel, água, luz, telefone, comida e transporte. Os que contribuem com os gastos da casa em que vivem participam de uma dinâmica que torna a existência material dessas famílias possível.

O significado e o sentido do trabalho para os jovens pouco estão diretamente relacionados a elementos presentes na função que exercem. A remuneração, as relações de amizade que estabelecem e ter a carteira de trabalho assinada são questões apontadas como as principais motivações para continuar trabalhando. Uma expressiva quantidade de jovens não se sente identificada com suas ocupações. Além disso, existe um enorme estranhamento tanto em relação ao produto quanto à atividade produtiva que exercem. Aqui, recuperamos tal noção da obra de Marx (2004). Um ponto importante a ser levantado é que esses jovens não se reconhecem e nem se sentem participantes no ambiente no qual estão inseridos.

Ao analisar o significado atribuído ao trabalho, ao longo dos diferentes períodos históricos, Mills (1979) aponta que o trabalho, a partir da configuração gerencial na modernidade (após os princípios desenvolvidos pelo taylorismo-fordismo), é caracterizado por sua centralização, especialização e pela divisão das tarefas no processo produtivo. Esses fatores agravaram ainda mais a relação que os trabalhadores constroem sobre a atividade que realizam, passando a buscar elementos fora do ambiente laboral para orientar sua permanência nessa esfera. Para Mills (1979),

A alienação do trabalho significa que as horas mais ativas de uma vida são sacrificadas para ganhar o dinheiro com o qual se “vive”. Alienação significa tédio e frustração do potencial criador, do aspecto produtivo da personalidade. Significa que, se os homens devem buscar todos os valores importantes fora do trabalho, devem ser sérios enquanto trabalham: não podem rir, cantar ou mesmo falar, devem obedecer às regras e respeitar o fetiche da “empresa”. Em suma, devem ser sérios e constantes numa atividade que não significa nada para eles, e isso durante os melhores dias de sua vida. O lazer passa a significar uma liberdade em que falta o aspecto sério em oposição à seriedade autoritária do trabalho. (MILLS, 1979, p. 254).

O que se percebe é que esses jovens não nutrem laços com o trabalho que exercem, e essa é uma ocupação e não uma profissão para eles. Não interferem no aperfeiçoamento e na criação de produtos, desenvolvendo apenas o que lhes é firmado em acordos com a gerência, seja por contratos ou por acordos firmados. Satisfação e realização profissional são palavras

sem sentidos em seu dia a dia. Mas afinal, onde esses jovens trabalham? Em que condições realizam esses serviços? A partir das entrevistas e do acompanhamento por meio da observação participante com alunos no ensino médio é nítido que se inserem em setores com grande rotatividade de funcionários, empregos que não precisam de qualificações ou conhecimentos específicos a priori.

Reconhecendo essa condição, para os jovens, o trabalho é quase invariavelmente uma ocupação temporária. Os postos de trabalho que ocupam são caracterizados pela alta rotatividade, pois as funções que desempenham não exigem qualificação, tornando-os facilmente substituíveis. Ademais, via de regra, atuam nos limites de contratos precários que não lhes oferecem maiores garantias. Em resposta a esse ambiente, os jovens não demonstram interesse ou identificação com as ocupações exercidas. Embora não tenham controle sobre os interesses do Capital, elaboram estratégias e formas de resistência. Uma forma de resistir é não estabelecer uma relação de interesse ou engajamento como o trabalho, do qual eles, quando lhes convêm, desligam-se sem qualquer cerimônia.

No que tange à organização da escrita da dissertação, o texto está organizado em dois capítulos. O caminho escolhido para essa composição não se baseia em uma divisão cronológica ou por uma “separação” das fontes da pesquisa. Mesmo compreendendo que é impossível e “indesligável” (aos moldes de Adélia Prado em seu poema “Limites”) a relação entre escola e trabalho, que ambas as dimensões estão inteiramente interligadas na vida desses jovens, optou-se por estruturar as reflexões por eixos temáticos. Assim sendo, esses eixos são decorrentes dos pilares essenciais que buscamos problematizar ao longo da pesquisa, sendo eles: a juventude da classe trabalhadora, o sentido do trabalho e da educação para tais sujeitos históricos. Em todos, as fontes utilizadas foram compostas por entrevistas, realizadas em 2016 e 2017, e por dados do questionário sociocultural, feito em 2017, com alunos do ensino médio da rede pública de ensino, mencionados anteriormente.

No primeiro capítulo, meu objetivo é propor uma discussão sobre juventude a partir da condição social dos sujeitos. Considero importante problematizar que a juventude não é vivenciada de forma igual por todos os jovens, devido a limites e pressões da classe social. A partir disso, busquei evidenciar quem são os jovens trabalhadores, como é a vida de sujeitos que trabalham e estudam simultaneamente. Quais são seus dilemas? Por que os jovens começam a trabalhar? Qual é o cenário que enfrentam ao inserirem-se no mercado de trabalho? O que

fazem com suas rendas? Qual é o tempo que dedicam para trabalhar, estudar e viver? Essas são algumas das questões que compõem a escrita do capítulo.

No segundo capítulo, inicialmente, procuro compreender qual é a importância e quais são os sentidos que os jovens atribuem ao trabalho e à educação. Esses dois mundos, que tendem ser separados (já que a escola nega o trabalho e o trabalho nega a escola), são conciliados por esses jovens. Nessa direção, no segundo momento, analisei como esses jovens articulam – mesmo com todas as dificuldades – trabalho e educação. Todo o esforço realizado nessa tarefa nada fácil evidencia que eles não querem abrir mão nem da educação e nem do trabalho.

CAPÍTULO 01: OS JOVENS DA CLASSE TRABALHADORA

1.1. Juventude: a problemática do conceito

Nosso texto não pretende, e nem conseguiria, apresentar uma extensa e exaustiva revisão da ampla literatura sobre o tema da juventude. Entretanto, para compreender os sujeitos sociais investigados neste estudo, é fundamental apontar algumas interpretações e visões sobre ser jovem e, principalmente, o que significa ser um jovem pertencente à classe trabalhadora.

Esse recorte em torno dos jovens pertencentes à classe trabalhadora impõe que o estudo se concentre nas discussões que consideram o elemento social e econômico na definição da juventude. Com isso, pretende-se apenas dizer que privilegio o diálogo com autores que consideram que juventude é um conceito plural, que se define a partir de cortes de ordem social, cultural e econômica. Além disso, trata-se também de um conceito histórico, ou seja, que se forja a partir de realidades histórico-sociais determinadas. É, portanto, dentro desses limites que busquei entender, dentro dos marcos de desenvolvimento da sociedade capitalista ocidental, como a juventude é definida no mundo contemporâneo.

Nesse sentido, não é possível falar em uma única experiência de juventude ou de um suposto caráter universal dessa categoria, nem em termos históricos, nem em termos sociológicos. Vejamos! A partir do século XVIII, tornou-se expressiva uma concepção de juventude que ignorava os elementos de determinação social e econômica. Segundo Clarice Cassab, “*a juventude*” era vista como uma “etapa da vida na qual os indivíduos possuiriam uma maneira própria de ver, sentir e reagir” (CASSAB, 2011, p. 151). Assim, “*a juventude*” era compreendida como um momento entre a maturidade biológica e social. Seria nesse período de tempo específico da vida em que os jovens poderiam desfrutar de certos privilégios. Além disso, em preparação para a vida adulta, os jovens vivenciariam uma condição de transição. Vale destacar que essa passagem da infância para a vida adulta já estava marcada pelas noções de “improdutividade” x “produtividade”. Como jovens, a cobrança e a expectativa para terem um emprego, e com isso, uma remuneração são menores do que se comparadas a de um adulto. O tempo “livre” reservado aos jovens deveria ser dedicado para a preparação e a realização das escolhas para a vida futura.

Não obstante, essa noção só se aplicava aos jovens, filhos da burguesia. Para muitos jovens da classe trabalhadora, a necessidade de trabalhar era uma condição social e econômica herdada. Desde crianças, o trabalho aparece como uma necessidade e não uma escolha. O trabalho torna-se a única maneira para a sobrevivência e todo um núcleo familiar depende do trabalho desse jovem. Assim, fora do ambiente escolar e inseridos na rotina laboral, essa fase de moratória social é “encurtada”. Em ocupações precárias, não dispõem de tempo para adquirirem o ofício. Assim, é nítida a diferença entre as possibilidades, os anseios e os dilemas da própria juventude, devido principalmente à condição de classe de cada sujeito.

Esse quadro já foi observado por Michelle Perrot, ao analisar a juventude operária no século XIX. Os jovens eram “precocemente inseridos no trabalho, muitos ainda crianças, esses jovens tinham pouco horizonte e suas energias eram consumidas sem que, ao menos, o trabalho lhes desse a autonomia e o direito dos adultos” (PERROT, 1988, p. 157). Nesse sentido, esperava-se da juventude um comportamento adulto, mas não se garantia os mesmos direitos. Ainda, é preciso ressaltar que, nesse contexto, o acesso à instrução era muito restrito e o trabalho era considerado o principal espaço de formação dos “princípios morais” desses jovens.

Todo esse processo é marcadamente conflituoso. A dinâmica de exploração e de competitividade instalada pelo desenvolvimento industrial capitalista acirrava as relações sociais. E foi nesse âmbito também que se produziu uma visão negativa da juventude. Como indicam Souza e Paiva (2012)

A influência das teorias racistas e eugênicas da Europa, na segunda metade do século XIX, contribuiu para que a preocupação com a juventude mundial durante esse período (e até meados do século seguinte) apresentasse um caráter tutelar e repressivo. Existia grande preocupação com a disciplina dos jovens pobres, em que emergia a necessidade de colocar ordem naqueles que tinham “comportamentos desviantes”, através de diversas práticas, inclusive coercitivas e violentas. (SOUZA; PAIVA, 2012, p. 354).

Diante disso, tendo os jovens como uma “ameaça”, caberia aos adultos o papel de discipliná-los. A juventude é vista como uma fase de perversão, de delinquência, de violência e de rebeldia. Tal visão se mantém no século XX e é intensificada devido à grande disseminação da miséria resultante do advento do capitalismo. A vigilância e a disciplina eram consideradas essenciais para esse grupo social, para que eles não “causassem transtornos”. Para isso, além do cuidado familiar, duas instituições do Estado foram fundamentais. A primeira delas é o papel desenvolvido pela escola, controlando e moldando posturas e mentes. A segunda é o papel

desenvolvido pela polícia, reprimindo e castigando fisicamente os corpos, como afirma Foucault (2009). Ambas tiveram um grande peso para a educação e para a disciplinarização dos jovens.

No Brasil, conforme os apontamentos de Cassab (2011), influenciados pelo movimento higienista, da década de 1920, no imaginário social, existia o mito dos “bandidos de nascença”. Os jovens pobres eram associados e considerados um perigo social. Todo um conjunto de medidas públicas repressoras foi criado com enfoque nessa população. A associação entre juventude e vadiagem/periculosidade e pobreza vinculada à violência/criminalidade orientava a percepção social e das instituições brasileiras.

Ainda que a visão sobre a juventude tenha sofrido algumas modificações, ao longo do século XX, os jovens dos estratos mais baixos da sociedade brasileira seguiram sofrendo com os efeitos da desigualdade social e econômica e com a discriminação social. Os estudos feitos por Souza e Paiva (2012) destacam que

A inserção prematura e precária dos jovens pobres no mercado de trabalho informal, ou a sua desocupação prolongada, diferencia sua condição de moratória social da dos jovens de classes mais abastadas, posto que àqueles é associada uma perspectiva negativa dessa condição, enquanto a estes estão intrínsecos os ideais da liberdade, conforto, e tolerância do meio familiar à fase de moratória, aspectos tidos como naturais da juventude. (SOUZA; PAIVA, 2012, p. 356).

Desse modo, a oportunidade de adiar as responsabilidades da vida adulta não era (e ainda não é) acessível para todas as classes sociais. Somente os filhos da burguesia estavam dispensados do trabalho. Diferentemente desses, os filhos dos trabalhadores não desfrutavam de um período destinado exclusivamente à preparação para o futuro. Introduzidos no mundo do trabalho, repleto de cobranças e de obrigações; a esses sujeitos restavam poucas alternativas além da obediência e da subordinação.

Ainda, segundo os apontamentos de Souza e Paiva (2012), no que tange à visão que a sociedade contemporânea construiu sobre a juventude, tem-se no final do século XX e início do século XXI a valorização da cultura juvenil. Entretanto, essa valorização está atrelada ao consumo. Destina-se aos jovens a produção de produtos a serem consumidos por esse grupo social. Cria-se a necessidade de consumir certos bens e serviços para enquadrar-se em tal categoria. Além disso, existe uma comercialização da “imagem jovem”, a partir de um referencial de beleza e um padrão de vida para as demais parcelas da sociedade (SOUZA;

PAIVA, 2012). Simultaneamente, observou-se nesse contexto que a juventude adquiriu certo protagonismo político e social. Os jovens, no processo de fazer-se, reivindicam o protagonismo de suas vidas. Exigem a atenção de políticas públicas correspondentes a seus interesses e demonstram que, durante “a fase preparatória” existe vida, existe uma atuação no presente. Dentre as demandas desse grupo estão o acesso à educação, a condições dignas de trabalho, a espaços de sociabilização e à participação política. Com isso, atualmente, a juventude não é mais compreendida como uma fase de transição, mas como um dos ciclos da vida humana. Como em qualquer período da existência, é permeado de anseios, de desejos e de dilemas específicos.

Nessa perspectiva, consolidou-se uma definição fundamentalmente etária para a juventude; ademais, muitas pesquisas acadêmicas sobre a temática utilizam os critérios estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU). Desde 1985, esse órgão considera caracteriza um jovem aquele com idade entre 15 e 24 anos. Segundo critérios dessa organização, tal faixa etária se deve ao fato de que, a partir dos 24, o sujeito já deve (deveria) ter maturidade biológica, psicológica e social e ser capaz de interagir nas complexas relações do “mundo adulto”. Atualmente, seja pela ampliação de anos destinados ao sistema educacional e/ou pela dificuldade dos jovens ingressarem no mercado de trabalho, a condição juvenil vem sendo crescentemente prolongada. No Brasil, segundo a definição da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), de 2004, a condição de jovem foi estendida de 25 anos para 29 anos. A dificuldade encontrada, seja pela ONU ou pela UNESCO em definir em que idade se começa e termina a juventude, revela que é preciso considerar muitas variáveis para saber “quem é jovem”.

Então, o que é a juventude? É apenas uma condição biológica? Uma parte específica da vida? É uma fase que tem começo e fim? Acreditamos que é um período de mudanças, tanto físicas quanto psíquicas. Enquanto a adolescência está relacionada a transformações hormonais, a juventude é caracterizada por um amadurecimento emocional e comportamental. É um período de incertezas e descobertas, de ser livre e, também, ser responsável por seus atos.

Em linhas gerais, é preciso indicar a pluralidade desse conceito e apontar para as diferentes experiências juvenis e em que condições/relações elas são construídas. Santana (2011), buscando compreender o enfrentamento de grupos políticos no Brasil e o espaço reservado às novas gerações, entre 1920 a 1940, destaca como a historicidade é crucial ao

abordar conceitualmente a *Juventude*. Ao analisar matérias de jornais desse período, enfatiza a dificuldade em um enquadramento de quem é “jovem”. Nas palavras de Santana (2011),

Apesar de todos os esforços empreendidos em diversos setores das Ciências Humanas, as definições de juventude giram em torno de dois critérios principais, de difícil equacionamento: o etário e o sociocultural. É ponto consensual que juventude é mais do que uma faixa etária, pois, se assim não fosse, seria impossível a utilização do termo em casos como “Juventude Comunista”, “juventude do samba” e outros sentidos atribuídos na vivência cotidiana. O marco etário está presente nas definições, mas é tão e somente seu ponto de partida. A partir do recorte etário complementa-se a definição por meio do componente sociocultural. A tensão original não se resolve, pois a juventude é simultaneamente (a) “um momento no ciclo de vida”, assim como (b) “um modo de inserção na estrutura social”. (SPOSITO, 2004). (SANTANA, 2011, p. 02).

Assim, só é possível falar em juventudes quando se delimita qual é o espaço temporal em foco. Além disso, é necessário perceber as diferenças presentes entre um mesmo grupo social. Um jovem de Marechal Cândido Rondon – PR e um jovem de Uberlândia – MG, mesmo com a mesma faixa etária, podem vivenciar situações completamente distintas. Ao mesmo passo que apresentam características em comum, compartilhando de uma mesma experiência juvenil, podem também apresentar dilemas e anseios distintos. Nem precisaria “ir tão longe”, em uma mesma cidade, “ser jovem” pode ser totalmente diferente para sujeitos que compartilham os mesmos espaços sociais.

De modo geral, a juventude pode ser compreendida como uma construção social, a partir das múltiplas formas como a sociedade vê os jovens e nas quais se conjugam estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, diferentes e diversificadas situações de classe, de gênero, de etnia, de grupo, entre outros. A partir da leitura sobre essa literatura e observando a realidade social fica nítido que não existe (e existiu) apenas um tipo de juventude; por isso, como argumentam Mattoso e Penido (2015),

[...] não é possível falar de juventude no singular. As múltiplas formas de inserção dos jovens a partir de suas origens e posição de classe é que determinarão de que jovens se fala. Para Cassab (2001), a referência aos jovens como sujeitos sociais, existentes em uma classe social, implica reconhecer que os mesmos são marcados pela historicidade, constroem-se em um universo de cultura e só podem ser pensados como seres relacionais e políticos. Ser jovem é sempre uma condição transitória, é uma travessia, uma passagem sinalizada não só por algumas peculiaridades físicas. Sem dúvida, mas também por atributos que são históricos e socialmente

construídos. Como travessia, não está nitidamente delimitada, é mais longa nas sociedades industriais, e foi extremamente breve em outros períodos; mas de todo modo, ela aparece marcada por seu caráter limiar, de superação da infância e de margear a idade adulta. (MATTOSO, PENIDO, 2015, p. 04).

Nessa direção, reitero as proposições de Abramo (2005), que indica e entende que “juventudes são plurais” e que podem ser construídas, em grande medida, dentro de instituições escolares e no ambiente laboral. São nesses locais nos quais ocorrem a socialização dos jovens e que sentem coletivamente os impactos dessa “travessia”. Nesses locais, eles podem conversar com amigos sobre as dificuldades do presente, sobre o futuro incerto, aparentemente repleto de possibilidades que lhes são reservadas. Nesses lugares, podem compartilhar dilemas e anseios característicos de quem se encontra em um momento de transição.

Guaraldo (2009), ao buscar compreender a visão dos jovens do ensino médio sobre o trabalho, a escola e o futuro, deparou-se com narrativas que pautam sobre os desejos e as aspirações desses sujeitos, tais como ter um emprego e a própria moradia. Dos 16 jovens que estudam em Itanhaém - SP, com os quais realizou encontros e discussões (utilizou a metodologia de grupo focal¹), a maioria aspira por sua autonomia e por trilharem seus caminhos.

Um dos caminhos para transição da juventude para a vida adulta é emancipação familiar. Para tanto, dentre certas possibilidades, a grande maioria dos jovens segue por dois caminhos: conseguir um emprego e, assim, custear as despesas de sua própria moradia; ou constituir uma nova família. Eles precisam conseguir se sustentar, quebrando os laços econômicos com seu núcleo familiar para adquirir a autonomia de suas vidas. Essa condição é idealizada por muitos jovens, pois, assim, assumiriam as decisões sobre seu presente e futuro, ficando livres das imposições e das obrigações de seus pais.

Com aqueles que conversei, a vontade de “ser independente” é compartilhada. Dentro de seu universo, marcado por condições historicamente herdadas, é a partir da experiência que buscam orientar suas posturas e ações. Não precisam passar por determinadas situações para saberem/aprenderem as consequências e impactos delas. Observar a realidade e as trajetórias

¹ O grupo focal é uma ferramenta utilizada em pesquisas, com o intuito de qualificar os dados. A partir dele, o pesquisador pode conversar com uma determinada quantidade de sujeitos e conhecer o posicionamento desses a respeito do tema em estudo. Para um aprofundamento da técnica, ver: GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, v.12, n.24, p.149-161. 2003

de outras pessoas contribui para formar e definir os horizontes. Como argumenta Williams (1989),

Vemos e aprendemos com base no modo como nossas famílias vivem e se sustentam; um mundo de trabalho e costumes locais, e de crenças tão profundamente dissolvidas nas ações cotidianas que de início nem sequer sabemos que são crenças, passíveis de mudança e questionamento. Muitas vezes, a educação que recebemos nos fornece uma maneira de encarar essa vida que nos permite enxergar outros valores alheios a ela: foi o que Jude viu quando olhou para as torres de Christminster, além de sua terra. (WILLIAMS, 1989, p. 270).

Nessa passagem, Raymond Williams, ao analisar a produção literária de Thomas Hardy, no capítulo intitulado “Wessex e a Fronteira”, constata que um dos eixos centrais de suas obras é a “*experiência da mudança e a dificuldade da escolha*” (p. 270). Seus personagens representam e traduzem as tensões entre dois caminhos: entre a escolha pela tradição ou pelo novo. Afinal, não é apenas na ficção em que as escolhas acarretam profundas transformações na vida social. Em um quadro de poucas possibilidades de caminhos a seguir, entre permanências e alterações, é que se pode aprender “o que é certo e o que é errado”, e assim, descobrir as consequências de tais opções.

A obra de Hardy, citada por Williams, é “Judas, o obscuro”, publicada em 1895. O enredo perpassa na Inglaterra do século XIX e dá vida a Judas, um jovem órfão que vai morar com sua tia em uma pequena vila. Esse começa a trabalhar desde cedo, ajudando sua tia na loja até torna-se artesão (desenvolvendo atividades como artífice e escultor). Seu maior sonho sempre foi ingressar na universidade de Christminster; passou sua vida tentando ingressar nessa instituição e se tornar “doutor”. Todo seu esforço, nos trabalhos que realizou ao longo de sua trajetória, era para comprar livros e materiais para estudar e se preparar para buscar atingir seu objetivo.

Essa personagem, assim como tantos outros jovens de diferentes períodos históricos, procurou conciliar o seu trabalho (meio essencial para sua sobrevivência) com a sua escolarização. Passava noites em claro estudando filosofia, teologia, história e disciplinas afins por conta própria. Era autodidata, procurava o constante aprimoramento de suas capacidades intelectuais. Por acreditar que apenas na universidade obteria o conhecimento verdadeiro e válido, passou sua existência separando educação e trabalho, como duas esferas desconexas.

Para ele, esse conhecimento “mundano”, da vida prática, era inferior ao conhecimento acadêmico.

Judas é a expressão de um dilema vivenciado pelos jovens da classe trabalhadora. Sua história demonstra as dificuldades de uma vida incerta, marcada por privações e sonhos. Mesmo que não tivesse a condição financeira necessária para ingressar na Universidade, que não fosse aceito naquele meio, isso não o impossibilitou de ter se imaginar naquele espaço e de traçar planos para seu destino. Salvo as devidas proporções, a vida imita a obra, ou seria o contrário? De todo, entre o limite fictício e as durezas de um universo real, os jovens traçam expectativas para o futuro.

O quadro de mudanças que Judas vivenciou não é o mesmo que os jovens desta pesquisa se encontram. O mundo está “revirado”, como aponta Vera da Silva Telles. Os jovens não estão vivendo a transição da vida rural para a urbana como Judas. Enfrentam novos desafios, como o desemprego, a falta de autonomia e a instabilidade. Exige-se qualificação, trabalho em equipe e que, de preferência, tenha domínio da língua inglesa. Cobra-se disciplina, habilidade, competência. Caso o funcionário não atinja as metas, é substituído por outro. Caso queira a remuneração justa para o trabalho que desenvolve, é dispensado. Os trabalhadores não esperam mais se aposentar na empresa em que tiveram seu primeiro contrato trabalhista.

A partir disso, também é possível perceber que existe uma grande diferença entre o “que é ser um jovem trabalhador” no decorrer das gerações. Os comportamentos mudaram. As expectativas são outras. As experiências, muitas vezes, distintas. Ao recordar histórias de familiares e relatos de conhecidos, por exemplo, por mais que tivessem dificuldades financeiras e desejassem ter algum objeto, esse não era o motivo para começarem a trabalhar. O consumo era sim importante, mas não determinante como hoje é para muitos jovens com os quais conversei no decorrer deste estudo.

Não foram apenas as “mentalidades” que mudaram entre uma geração e outra. Ocorreram profundas transformações nas últimas décadas que modificaram o mundo do trabalho e o Estado. Houve uma reestruturação produtiva que ampliou o trabalho informal, o subemprego e o desemprego massivo. O governo, cada vez mais, vem se tornando mínimo no que se refere às demandas sociais e dos trabalhadores. O processo de desenvolvimento socioeconômico brasileiro é responsável por aumentar a desigualdade econômica em todas as regiões do país. Assim, a partir desse quadro, como pontuam Mattoso e Penido (2015),

A experiência da juventude brasileira quanto ao trabalho se revela em um contexto de incertezas. A busca, quase sempre frustrada por emprego, acarreta ansiedade nos jovens, gerando muitas vezes o sentimento de isolamento. O desemprego estrutural, por mais que afete todas as gerações, não deixa de ser uma marca geracional dos jovens hoje, visto que o trabalho precário e sua ausência constituem um campo de experiências dessa geração. Pertencer à mesma geração franqueia a esses sujeitos uma situação comum espaço-temporal. Isso delimita um horizonte potencial de conhecimento e possibilidades que é influenciado pelas inserções ou não no mercado de trabalho, o qual opera diretamente como segmentador de experiências dos jovens. (MATTOSO, PENIDO, 2015, p. 09).

Além disso, uma das características de nossas sociedades contemporâneas está relacionada à velocidade das mudanças que ocorrem nas esferas da produção e da reprodução da vida social. Os jovens são atores-chave nessas transições e interagem com eles algumas vezes como protagonistas e beneficiários das mudanças e, por outras vezes, sofrem os prejuízos de processos dessa modernização e reestruturação.

De forma superficial, é possível encontrar em alguns discursos na mídia que os jovens não se preocupam com questões políticas e econômicas². Talvez, tal afirmação infundada se deve ao fato de compararem o protagonismo juvenil atual em relação a outros períodos históricos, como durante a ditadura civil militar brasileira (1964-1985). Entretanto, existem pesquisas nacionais que indicam o contrário: os jovens se preocupam com questões políticas e econômicas, mas a forma de organização e de atuação é outra. Em sua pesquisa, o psicólogo Joari Aparecido Soares de Carvalho destaca os dados presentes no *Projeto Juventude*, de 2004. Eles indicam que as principais preocupações dos jovens foram: 38% correspondem à educação e 37% ao trabalho.

O que se depreende desse quadro geral é que o estudo da categoria de jovens trabalhadores deve considerar que sua experiência é atravessada por demandas do mundo escolar e do mundo do trabalho. É, portanto, dentro desse campo que buscamos entender a juventude. De modo mais específico, na seção seguinte, discorri sobre os jovens trabalhadores na cidade de Marechal Cândido Rondon – PR.

² Por que a política está perdendo os jovens? Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/25/opinion/1393327985_472397.html>. Acesso em 12 de abril de 2018.

1.2. Os jovens trabalhadores na cidade de Marechal Cândido Rondon

A cidade de Marechal Cândido Rondon está situada na região do extremo Oeste do Paraná. O município localiza-se a 580 km de Curitiba, 85 km de Cascavel, 180 km de Foz do Iguaçu (que estão entre as cidades mais populosas do estado). De acordo com o último Censo do IBGE (2010), havia em Marechal Cândido Rondon 46.819 pessoas. Para o ano de 2017, estimava-se que havia 51.795 habitantes. Nesse município, há cinco escolas que oferecem o ensino médio. Para obter uma amostra do número de jovens que estudavam e trabalhavam, apliquei, em 2017, um questionário sociocultural, com questões abertas e fechadas. Ao todo, foram 1.183 jovens que responderam ao questionário. Eram eles estudantes do ensino médio, com idade entre 15 e 24 anos, de todos os turnos (matutino, vespertino e noturno), das cinco escolas públicas de Marechal Cândido Rondon – PR: Colégio Estadual Eron Domingues, Colégio Estadual Antônio Maximiliano Ceretta, Colégio Estadual Marechal Rondon, Colégio Estadual Frentino Sackser e Colégio Estadual Paulo Freire. O principal filtro para a tabulação dos dados foi definido pela pergunta “trabalha atualmente?”. Dos que responderam ao questionário, 37% assinalaram a opção “sim”, e é a partir desses 438 alunos desenvolvi este estudo.

Quem são os jovens trabalhadores em Marechal Cândido Rondon? Como vivem? Onde e como trabalham? Essas são algumas das questões que orientaram o desenvolvimento da pesquisa e que procurei responder dentro dos limites impostos pelo tempo e pelas condições que caracterizam um trabalho de mestrado. Nesse sentido, procurei, a partir da aplicação de questionários aos jovens que estudam e trabalham, aproximar-me da realidade vividas por essa categoria.

Não obstante, considerando que se trata de um estudo local, que busca entender a situação de jovens trabalhadores em um dado município, entendemos que seria importante colocar esses números dentro de um contexto maior. Nessa direção, busquei identificar o tamanho desse grupo no universo populacional da cidade. De acordo com o Censo Demográfico feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, a população economicamente ativa do município era de 27.560 pessoas. Dentro desse universo, havia 26.594 pessoas ocupadas, das quais aproximadamente 30% eram jovens. Considerando que o grupo com idade entre 15 e 24 correspondia a 4.992 pessoas, o número de jovens que responderam ao questionário representaram 10% desse total. É, portanto, dentro dessa margem de

representatividade que desenvolvi as inferências sobre a situação dos jovens trabalhadores em Marechal Cândido Rondon - PR.

Os dados divulgados pelo censo representaram mais que um parâmetro legítimo de apreensão da realidade populacional dos jovens trabalhadores do município em pauta. Na construção dos dados, o IBGE apresentou a caracterização da população trabalhadora que indicava uma significativa presença de jovens no mercado de trabalho. Segundo o censo, aproximadamente 30% da População Economicamente Ativa (PEA) era composta por jovens. Entretanto, como se observa na Tabela 1, os critérios etários adotados pelo IBGE são diferentes daqueles que utilizados nesta pesquisa, que tomou como parâmetro a definição da ONU. Essa diferença é um indicativo importante do que discuti anteriormente sobre a condição social real vivida pelos jovens dos estratos econômicos mais baixos. O fato é que se entrou no século XXI com o IBGE mantendo a escala que toma os 10 anos como idade inicial para a chamada vida produtiva. A legislação trabalhista vigente no país prevê que a idade mínima para a contratação ocorra com 14 anos, mas a tabela indica que desde os 10 anos alguns já desenvolvem atividades laborais.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010 - TRABALHO - RESULTADOS DA AMOSTRA								
Tabela 4.21.1.2 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por grupos de idade, segundo as mesorregiões, as microrregiões e os municípios - Paraná – 2010								
Mesorregiões, microrregiões e municípios	Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência							
	Total	Grupos de idade						
		10 a 13 anos	14 anos	15 anos	16 ou 17 anos	18 ou 19 anos	20 a 24 anos	25 a 29 anos
Total	5.307.823	42.118	24.358	38.912	134.883	211.384	651.481	700.093
Oeste Paranaense	642.390	5.589	3.308	5.244	18.828	27.560	79.749	82.009
Marechal C. Rondon	26.594	132	162	147	715	1.101	3.029	3.479

Gráfico 01: Jovens trabalhadores em Marechal Cândido Rondon – PR, em 2010.
Dados retirados do IBGE, pela autora.

O trabalho infantil no Brasil, mesmo com a existência de restrições e proibições, previstas em leis e estatutos, ainda é uma prática vigente. Os dados anteriores indicam bem esse fato. Evidentemente, é possível considerar que as políticas públicas, assistenciais e trabalhistas existentes, somadas às ações ofertadas por iniciativas privadas, proporcionam melhores possibilidades e condições de trabalho para esses sujeitos, principalmente se comparado a outros períodos históricos.

Muitas das produções sobre o tema apontam a pobreza como um dos principais determinantes a fazerem com que as crianças comecem a trabalhar precariamente (LIETEN, 2007; PASSETI, 1999; CUSTÓDIO; VERONESE, 2009). O problema é que na busca pela sobrevivência, acabam sendo exploradas, perdem a infância e comprometem seu pleno desenvolvimento. Como consequência da rotina do trabalho, podem apresentar um baixo rendimento escolar ou, até mesmo, abandonar seu processo de escolarização. Expõe o menor a doenças físicas e psicológicas. Apesar dos inúmeros estudos sobre os impactos negativos do trabalho explorado na vida de crianças e adolescentes, ainda se considera natural que crianças, particularmente as mais pobres trabalhem para sobreviver e ajudar suas famílias a sobreviver.

Em grande medida, a naturalização se deve a elementos de ordem moral e ideológica presentes na nossa sociedade. Ainda prevalece atualmente a visão de que “o trabalho dignifica o homem”. A legislação permite a contratação de jovens, na modalidade de “aprendizes”, a partir dos 14 anos. Mesmo fora do amparo legal, trabalhar e estudar, para os jovens da classe trabalhadora, é acolhido naturalmente pela sociedade, sendo incentivado pelos familiares e amigos. Consideram que o trabalho de crianças, adolescentes e jovens é necessário para esses adquirirem um valor moral, uma “ética do trabalho”. Com isso, acabam naturalizando a exploração e as pressões que esses sujeitos enfrentam em nome do “aprendizado”, da “oportunidade para o futuro”. Essas visões contribuem, incentivam e justificam os números constantes na tabela 1.

É comum encontrar jovens trabalhando no comércio da cidade, em estabelecimentos de prestação de serviços. Muitos desses não têm carteira assinada, negociam diretamente com os patrões em condições nada favoráveis. Em estudo realizado especificamente sobre a situação de jovens no mercado de trabalho, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) revelou que, em 2013, a taxa de informalidade entre os jovens era de 38%. No caso específico dos jovens que responderam ao questionário deste estudo, verificou-se que 54% dos que responderam ao questionário, em 2017, trabalhavam sem carteira assinada, o que significa que

não recebiam os devidos benefícios previstos em lei. Muitas das conquistas históricas dos trabalhadores, tais como 13º salário, férias, Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), multa por rescisão de contrato, direito ao Programa de Integração Social/Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público (PIS/PASEP), não são usufruídas por eles. Se ficarem doentes, mesmo tendo um atestado médico, o dia de trabalho pode ser descontado de sua folha de pagamento, uma vez que não podem se amparar na legislação trabalhista.

Isso não significa que desconheciam seus direitos, haja vista que 92% dos jovens reconheceram as vantagens de trabalhar nas condições da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Declararam que gostariam/gostam de trabalhar em empregos formais e em concordância com a legislação trabalhista; porém, para muitos, é preferível ter uma fonte de renda a fazer parte do grupo de desempregados. Aliás, os jovens ainda, segundo as estatísticas do mercado de trabalho brasileiro, são os principais atingidos pelo desemprego, especialmente em momentos de recessão. Quando narrava a sua condição dentro do mercado de trabalho, Estella³, 17 anos (2017), indica claramente a consciência que tem de sua vulnerabilidade:

[...] eu não trabalho de carteira registrada, então eu fico naquilo, se eu ficar doente eu tenho que ir entende, eu tenho que fazer o meu papel, eu tenho que ir trabalhar senão eu perco e as minhas contas vem né? [...]

Conforme indica a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a taxa de desemprego entre os jovens de 15 a 24 anos foi de 16,3%, em 2011. Já para aqueles entre 25 a 49 anos, a taxa foi de 5,7%. Para sujeitos com mais de 50 anos, os números corresponderam a 2,8%, no mesmo ano de referência. Em estudo realizado pelo IPEA entre os anos de 2015 e 2017, a população jovem desocupada cresceu em 67%. Esses dados indicam uma grande vulnerabilidade desse grupo etário no mercado de trabalho.

No novo modelo econômico brasileiro, como enfatizam Cara e Gauto (2007), as taxas de desemprego acumuladas nas últimas três décadas são as maiores desde a transição do regime escravista para o assalariado, no final do século XIX. Devido à intensa tecnificação dos processos de trabalho e de produção e à adoção de tecnologias informacionais que

³ Adotei pseudônimos para os jovens entrevistados. Compreendo que ocultar seus verdadeiros nomes não compromete as análises presentes neste trabalho e que, desse modo, garante-se que esses jovens não sejam expostos.

⁴ A entrevista foi realizada no dia 11 de junho de 2017, no Colégio Estadual Eron Domingues, em Marechal Cândido Rondon - Paraná.

potencializam a força produtiva do trabalho, muitos trabalhadores são expulsos de seus empregos, transformando-se em desempregados de médio e longo prazo, ou permanentes. Uma inovação tecnológica adotada altera a dinâmica da produção e assim, muitos cargos não são mais necessários no processo produtivo. Uma máquina, por exemplo, pode substituir o trabalho que antes era executado por muitos trabalhadores manualmente.

Tal processo é responsável pela construção de uma das nações com os mais elevados índices de desigualdade econômica, regional e entre diversos segmentos da sociedade. (FERNANDES, 2008). A flexibilização, que marca o mercado de trabalho, representa tanto um modo da organização produtiva quanto uma mudança das relações trabalhistas. Nesse caminho, flexibilizam-se os contratos de trabalho, o que acarretou perdas significativas para os trabalhadores de suas garantias sociais preservadas e conquistadas até então. O padrão de “emprego estável” e todas as garantias vinculadas a ele foram quebrados à medida que o capital avança. Novos fenômenos, como globalização financeira, novas técnicas de produção e ampliação do setor de serviços provocaram o surgimento de “formas de trabalho desprotegidas e desreguladas em um quadro que, por vezes, parece remeter a tempos que pareciam superados” (NASCIMENTO, 2011, p. 79).

Mais que isso, por conta da intensa tecnificação dos processos de trabalho e de produção, que utiliza cada vez mais máquinas e equipamentos tecnológicos para aumentar a produtividade, muitos postos de trabalho são eliminados. Assim, muitos trabalhadores perdem seus empregos. E uma vez que desemprego apresenta altos índices em nosso país, cada vaga de trabalho é disputada. Por existir mais demanda do que oferta, os trabalhadores tornam-se “dispensáveis, descartáveis ou sucateáveis, como qualquer outra mercadoria, isto é, a sua força de trabalho, torna-se excedente, dispensável” (IANNI, 2004, p. 351) para as empresas.

De modo geral, todos podem ser afetados por essa “onda”. Diferentemente de outros momentos históricos, até pessoas com alto nível de escolaridade e de experiência profissional podem ser demitidas. Mesmo que essa condição esteja presente em todos os segmentos da força de trabalho, ela é mais drástica entre os jovens. Eles encontram dificuldades tanto para entrarem no mercado de trabalho, quanto para permanecerem.

O gráfico a seguir ajuda a entender o predomínio entre os jovens pesquisados de ocupações nas quais os usos dos avanços tecnológicos ainda não produziram grandes efeitos.

Com base nos dados, 62% trabalham no setor de comércio, como vendedor(a), atendente(a), recepcionista.

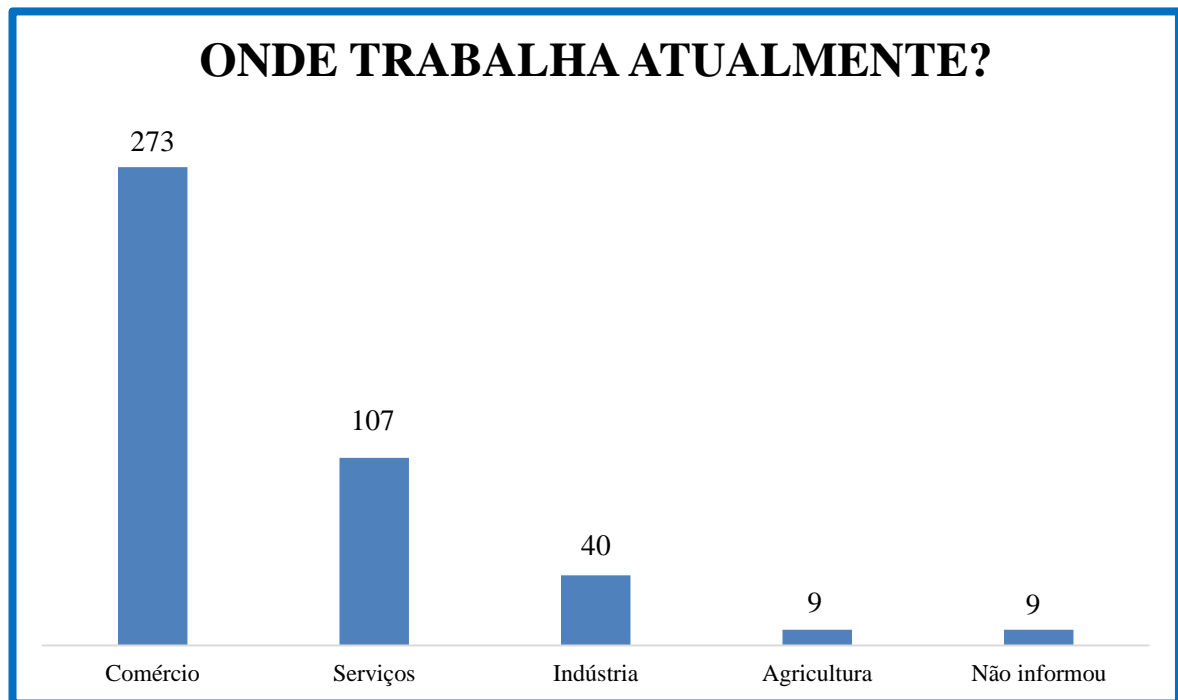


Gráfico 02: Onde trabalha atualmente?
Questionário aplicado em Escolas Públicas de Marechal Cândido Rondon – PR.
Fonte: Tabulação feita pela autora. Nota: Questão aberta.

Por outro lado, a inserção no mercado de trabalho não é automática. É marcada por um processo que exige do jovem uma série de qualidades que ele ainda não tem. “É preciso qualificação”, “É preciso experiência”, “é preciso dinamismo” para aproveitar as oportunidades. Tais critérios são recorrentemente apresentados aos jovens durante entrevistas de empregos. A inserção no mercado de trabalho não é uma tarefa fácil para os jovens. Contraditoriamente, as transformações produzidas no mundo do trabalho exigem dos jovens uma qualificação que ainda não podem ter e acabam por empurrá-los para os trabalhos de menor remuneração. De acordo com Mattoso e Penido (2015),

A qualificação para o domínio de novas tecnologias presentes nos processos de trabalho, seja nos serviços ou no fabril, surge como exigência feita pelo capital de uma força de trabalho capacitada a lidar com as inovações tecnológicas já existentes, bem como preparados para implementações constantes de novas tecnologias. A incapacidade de manejo dessas tecnologias é um fator de déficit e de sentido de menos valia na formação do ethos do trabalhador. (MATTOSO, PENIDO, 2015. p. 06).

Na condição de “recém-chegados” ao mercado de trabalho, normalmente eximidos da responsabilidade de ser o “provedor” do grupo familiar, muitos começam a trabalhar na primeira empresa que conceder uma vaga. Em muitos casos, o primeiro emprego não é o emprego desejado por toda uma vida. Por isso, o aceitam, mas procuram por outras vagas, podendo, inclusive, mudar completamente de atividade. Mesmo que em proporções diferentes, tanto as empresas quanto os próprios jovens se organizam e se constituem a partir dessas contratações. Exemplo disso é o trabalho em Supermercados. Muitos jovens começam trabalhando na função de empacotador, que consiste basicamente em colocar os produtos em sacolas plásticas. Após o período de experiência, 90 dias em alguns casos, a gerência administrativa efetiva ou não como funcionário. Os que permanecem, podem ocupar outras funções e setores, como operadores (que reabastecem determinada sessão) ou caixas (responsáveis por dar baixa no sistema das mercadorias e receber o dinheiro dos clientes). Para nenhuma desses três postos é ofertado, por parte da empresa, algum treinamento ou curso. Caso o empregado não realize suas funções com êxito, é facilmente substituído.

Os jovens, atentos às mudanças organizacionais do trabalho, principalmente no que tange à flexibilização da força de trabalho (contratos de tempo parcial, subcontratação, terceirização etc.), se veem obrigados a lidar com a incerteza no mundo do laboral. Como observou Vera Telles (2006, p.4), “Eles entraram num mundo já revirado, em que o trabalho precário e o desemprego já compõem um estado de coisas com o qual têm que lidar, e estruturam o solo de uma experiência em tudo diferente da geração anterior”. Estabelecem uma relação contratual com o trabalho, aproveitando a experiência, o conhecimento que é possível ser apreendido durante a realização de suas funções e tem a certeza de que nada é permanente. Desse modo, sabem que podem ser demitidos/substituídos. Muitos respondem a esse contexto tratando sua ocupação também como algo descartável: “olha, tô trabalhando aqui, mas é passageiro, só até arrumar algo melhor”. Eles percebem que nessa dinâmica s podem trocar de emprego caso consigam uma ocupação que lhe traga mais benefícios.

Esse é o caso de Daiana⁵ (16 anos), que deixa claro como ela lida com a instabilidade. Ela trabalhava como vendedora e tinha que cumprir metas de vendas. Nem todos os meses conseguia alcançar o valor determinado. Ficava comparando sua produção com a das demais vendedoras, pois o patrão ameaçava dispensar algumas funcionárias. Por isso, quando apareceu uma vaga para trabalhar em uma van escolar, não pensou apenas em receber mais. Refletiu que

⁵ Entrevista realizada no dia 10 de junho de 2017, no Colégio Estadual Frentino Sackser, em Marechal Cândido Rondon - Paraná.

ter outra ocupação pode garantir que se mantenha no mercado de trabalho, evitando ficar sem receber de uma hora para a outra.

Com base no gráfico a seguir, percebe-se que a grande maioria, 64%, recebe menos que um salário mínimo (R\$917,00) para desenvolver suas atividades laborais. Deles, 88 não recebem nem a metade de um salário mínimo, como uma aluna que trabalha todos os sábados como recepcionista em uma pizzaria, cerca de seis horas por noite, recebendo R\$ 100,00 por mês. O maior salário é de um aluno da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que é pedreiro, ganha aproximadamente R\$3.000,00 mensalmente, trabalhando oito horas diárias, em seis dias da semana. No quadro geral, enquanto 28% trabalham quatro por dia, 26% trabalham oito horas por dia. Desses, 50% trabalham cinco dias na semana e 33% trabalham durante seis dias na semana.

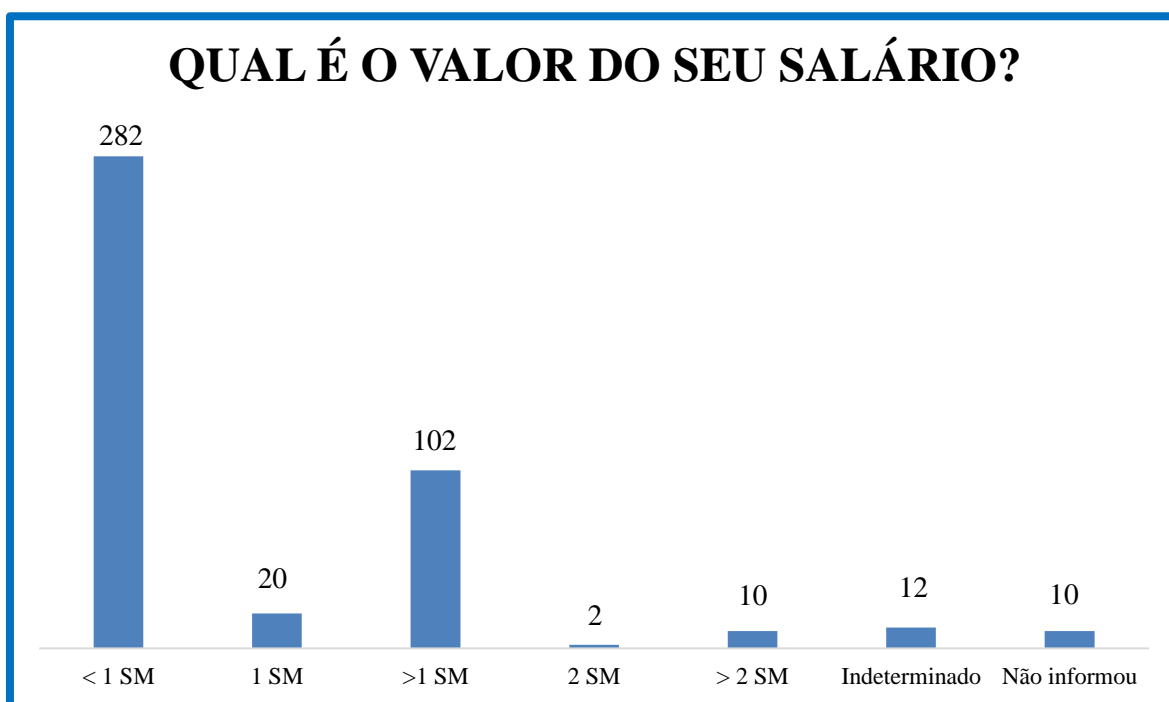


Gráfico 03: Qual é o valor do seu salário?

Questionário aplicado em Escolas Públicas de Marechal Cândido Rondon – PR.

Fonte: Tabulação feita pela autora. Nota*: Questão aberta. Nota**: “SM” significa “salário mínimo”.

A renda dos jovens trabalhadores está abaixo do salário médio mensal dos trabalhadores formais do município que, em 2017, correspondia a 2,2 salários mínimos. De outro lado, ajuda a compor os 34% da população local com rendimento per-capita de até meio salário mínimo. Essa condição se torna mais evidente quando comparamos as ocupações entre pais e filhos. Mais de 55% dos pais dos jovens pesquisados trabalham nos mesmos setores (comércio e

serviços); porém, diferentemente dos filhos, recebem mais por isso. As mães trabalham, principalmente, no setor de serviços. Trabalhos como o de diarista foram os principais indicados, correspondendo a 41%, seguidos por 18% no setor de comércio. Aproximadamente 35% dos pais trabalham no setor de serviço, são pedreiros, serventes, motoristas. No setor de comércio, a maioria trabalha como vendedor, correspondendo a 18%. Muito embora esses jovens sejam definidos como parte da população economicamente ativa, pode-se dizer que o salário baixo que recebem não altera sobremaneira sua condição social, mas, em termos econômicos, a exploração do seu trabalho ajudar a sustentar o setor comercial e de serviços na cidade, direta ou indiretamente.

Muitos dos jovens com os quais conversei afirmam que, por pagarem suas próprias roupas, calçados, parcelas de eletrônicos ou de seus cursos, consideram-se independentes financeiramente dos pais. Ao cobrir tais despesas, retiram das famílias a responsabilidade por sua socialização e lazer, por exemplo. Sair de casa sem ter que pedir dinheiro para os pais, comprar o que tem vontade ou ter uma reserva para eventualidades, é um dos principais atrativos para a inserção de alguns no mercado de trabalho.

Evidentemente, esse quadro não é regra. Alguns jovens precisam destinar boa ou a total parte de seus salários para quitar as contas do mês, tais como aluguel, luz, água, supermercado, internet, farmácia etc. Para esses, o trabalho não se apresenta como “um acréscimo na renda”, mas como uma necessidade para a própria subsistência. Em torno de 21% afirmaram no questionário que procuram empregos pela indispensabilidade de contribuir com as despesas da casa.

Com uma remuneração tão baixa, esses jovens não conseguem promover mudanças na condição social sua ou de sua família. Seus salários remediavam os dramas do dia a dia: a conta de luz ou água, a internet, a compra de roupas e calçados e a diversão no final de semana. Contudo, se, em casa, a sua renda não causa grande impacto, o mesmo não se pode dizer para aqueles que exploram seu trabalho, porque é deles que esses jovens compram mercadorias e pagam por serviços prestados.

A partir do exposto, é possível observar duas explicações para o ingresso precoce no mundo laboral. O primeiro é quando esses jovens, desde adolescentes, buscam no trabalho o acesso a bens de consumo e o desejo pela autonomia financeira. O segundo, ligado à pobreza familiar, que estimula e determina que os membros mais novos precisam ajudar no orçamento

mensal. Por um ou por outro motivo tornam-se trabalhadores e passam a lidar com cobranças e obrigações.

Conhecendo um pouco das atividades laborais desempenhadas pelos jovens de Marechal Cândido Rondon – PR, como exposto até o momento, passo agora a compreender em como vivem tais jovens.

1.3. Como vivem os jovens em Marechal Cândido Rondon

Como indicado anteriormente, os salários pagos aos jovens são mais baixos, e talvez isso ajude a explicar a razão para a maioria ainda viver com os pais. A partir dos questionários, observei que 88% residem com os pais. Além disso, cerca de 7% dos jovens que responderam aos questionários residem com seus companheiros. Nem todos deixaram de morar na mesma residência que seus pais, necessariamente. Foi possível identificar, ainda, que boa parte dos novos casais conta com a ajuda dos pais para criarem e cuidarem de seus próprios filhos.



Gráfico 04: Você mora com?

Questionário aplicado em Escolas Públicas de Marechal Cândido Rondon – PR.

Fonte: Tabulação feita pela autora. Nota: Questão aberta com possibilidade de múltiplas respostas

Essa relação estreita com a família traduz-se em alguns casos no compartilhamento de experiências e sonhos que influenciam a entrada destes jovens no mercado de trabalho não só para ajudá-los, mas para mudar sua condição social e assim melhorar de vida. Quando Estella, 17 anos, começou a trabalhar, tinha 14 anos. Sua mãe é a sua bússola moral, uma pessoa a quem admira e com quem se sente profundamente conectada. Entre elas prevalece uma devoção recíproca: de um lado, uma mãe que tinha dois empregos e dormia apenas 3 horas diárias para poder sustentar a filha; de outro, a filha cuja gratidão fez do seu sonho o sonho da mãe:

[...] então sabe, a minha vontade é realizar o sonho da minha mãe e abrir uma doceria (chorou ao pronunciar isso), o meu maior sonho é todo dia assim poder entregar na mão dela a chave e dizer “agora você conseguiu”, é isso que eu sempre quis dizer (secou as lágrimas do rosto e respirou fundo). [...].

Nessa narrativa estão presentes também outros elementos que revelam o fardo da pobreza que amarra as histórias de mãe e filha. A inserção de Estella no mundo do trabalho foi, inicialmente, determinada pela necessidade que sentia de diminuir o fardo de sua mãe. Sabia que se começasse a trabalhar poderia ela mesma comprar seu material escolar, pagar o dentista, enfim, subtrair os custos que representava no orçamento familiar. Observando e analisando o destino que os jovens dão aos salários recebidos, percebe-se que a maioria, ao começar a trabalhar, produz necessariamente uma redução das obrigações financeiras dos pais. Com seu próprio salário cada jovem pode arcar com os gastos que seus pais nunca tiveram ou deixaram de ter condições de manter.

A partir do questionário aplicado foi possível identificar a natureza e a proporção desses gastos na vida dos jovens. No gráfico 04, os gastos com as chamadas “despesas da casa” e “gastos para si” foram identificados por 233 respondentes. Isso representa aproximadamente 50% dos jovens pesquisados. As despesas com a casa incluem as contas de aluguel, de água, de luz, de internet, de alimentação para todos da residência. Nesses termos, os jovens procuram assumir a responsabilidade por parte do orçamento da casa. Todavia, a grande maioria respondeu que usa seu salário para comprar “coisas para si”. Isso inclui a compra de roupas, de calçados, de adornos, de materiais escolares, de celulares, de óculos de grau/solares, de bicicletas, de tratamentos ortodônticos, de itens de maquiagem e de perfumaria. Nesse universo, registramos gastos básicos relacionados à alimentação, à educação, à saúde, ao transporte, até porque em Marechal Cândido Rondon não há transporte coletivo. A maioria das pessoas usam bicicletas para se locomover. Além dos aspectos mencionados, há também outros gastos de

ordem mais diversificada que permitem aos jovens acesso a bens de consumo fundamentais para alcançarem um padrão de vida e promover sua identificação no universo social.



Gráfico 05: O que faz com a sua renda?
Questionário aplicado em Escolas Públicas de Marechal Cândido Rondon – PR.
Fonte: Tabulação feita pela autora. Nota: Questão aberta.

Na compreensão desses dados, os apontamentos de Thompson, em seu livro clássico “A formação da classe operária inglesa”, publicado em 1963, contribuíram para pensar sobre o “padrão de vida” que esses sujeitos almejam. O historiador inglês alerta para os perigos em trabalhar com esse conceito, uma vez que depende de inúmeras variáveis a serem ponderadas, que não podem ser simplesmente quantificadas. Por isso, ter uma vida melhor pode produzir inúmeros significados, entre esses jovens, mas certamente, em todos eles haverá a forte presença do acesso a determinados bens de consumo.

Nesse esforço para ajudar a família, para se ajudar, ter acesso aos bens de consumo, esses jovens precisam encontrar meios de ajustarem suas vidas dentro de um tempo fortemente disputado. Em nossa sociedade, tempo se tornou sinônimo de dinheiro, pois estamos inseridos em uma lógica produtiva. A introdução do uso do relógio não influenciou apenas o mundo do trabalho, definindo quantas horas, minutos e segundos eram necessários para fazer uma

determinada atividade. Afetou a vida social dos trabalhadores, seus momentos de lazer, de socialização. Cada instante adquire um valor, pois “*o tempo agora é moeda: ninguém passa o tempo, e sim o gasta*” (THOMPSON, 1998, p. 272). Com isso, como esses jovens gastam seu tempo? O que vale a pena para eles? Cada um, por fatores subjetivos, encontra sua maneira de “gastá-lo”. Na sequência, segue o gráfico referente às principais atividades desenvolvidas pelos jovens, respondendo à questão: “O que faz no tempo livre, quando não está nem trabalhando, nem estudando?”.

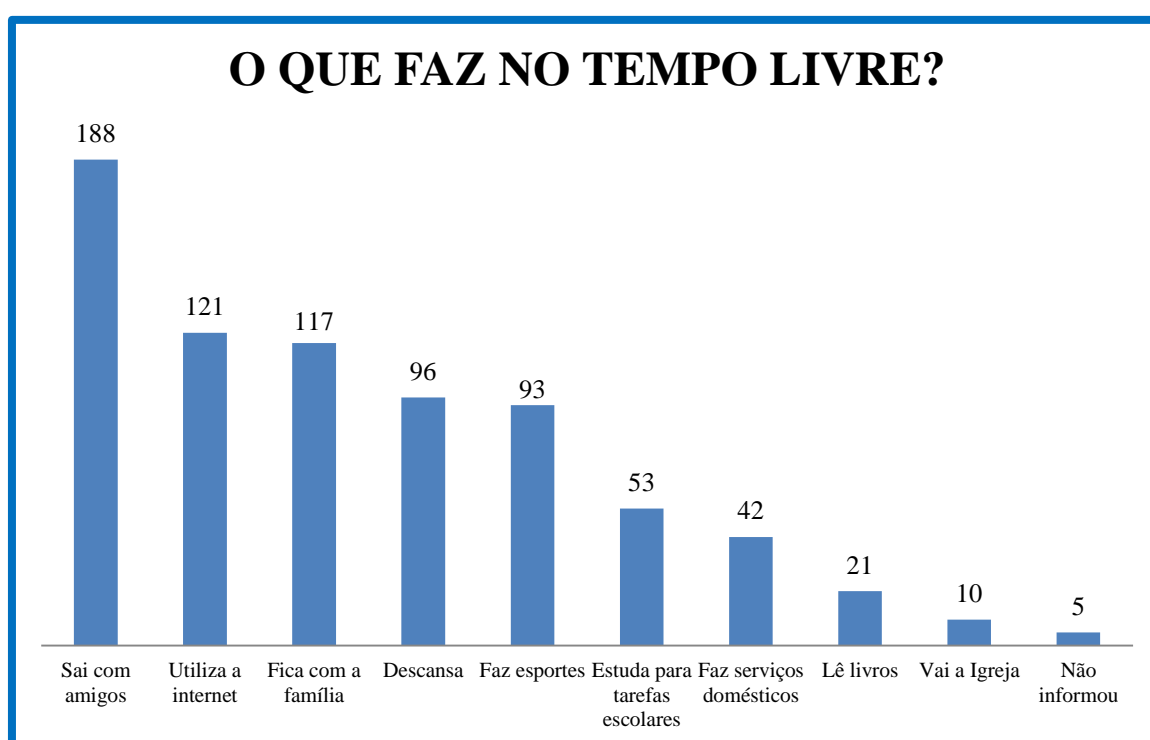


Gráfico 06: O que faz no tempo livre?

Questionário aplicado em Escolas Públicas de Marechal Cândido Rondon – PR.

Fonte: Tabulação feita pela autora. Nota: Questão aberta com possibilidade de múltiplas respostas.

Com 42%, “sair com os amigos” é uma das respostas mais indicadas. Pelas entrevistas realizadas e conversas com alguns jovens, os destinos dos passeios são geralmente para o centro da cidade, em alguma praça, lanchonete ou sorveteria. A grande maioria indicou que gosta de passar as tardes de sábados tomando tererê⁶ e comendo pipoca na casa de um(a) amigo(a), onde membros de um mesmo grupo de amizade se encontram para conversar sobre os mais variados assuntos. Outro elemento presente em algumas dessas rodas de conversa é o arguile.

⁶ Tomar chá gelado de erva mate é uma prática bastante comum no interior do Paraná.

Evidentemente, esse “tempo livre” é muito disputado e se passa em um “pisar de olhos”. Embora os dias contenham sempre a mesma quantidade de segundos, os que ocupamos de forma prazerosa dão a impressão de passarem mais rapidamente - em comparação ao tempo que levamos para executar alguma atividade tediosa. Como indicado no gráfico 06, 27% aproveitam os momentos em casa para utilizar a internet. Nessa opção está incluído assistir a filmes e séries, utilizar as redes sociais e jogar online. Com o advento de novas formas de comunicação e de interação digital, a socialização dos jovens não ocorre apenas de forma física, mas também virtual.

Em outros estudos que abordam sobre o tempo livre de jovens, a opção “conversar com os amigos” é uma das líderes de popularidade. Na pesquisa etnográfica, para a dissertação em Antropologia, Mónica Franch contemplou em sua análise a ocupação de jovens da periferia na Cidade do Recife, nos anos de 1999. Dos 80 questionários aplicados, 16% responderam que está é a forma preferida de destinar o tempo. Mesmo com a diferença do público e dos anos da coleta de dados, os resultados se assemelham em muito aos desta pesquisa.

Utilizando-se das teses dos sociólogos Norbert Elias e Eric Dunning, encontradas no livro “A busca da excitação: esporte e ócio no processo civilizador”, publicado em 1996, Mónica Franch compreende que as práticas recreativas precisam ser compreendidas à luz do processo civilizador. Desse modo, os momentos de lazer são aqueles para a quebra da rotina e de emoções, muitas vezes contidas em uma sociedade que se exige um alto grau de autocontrole dos indivíduos. Assim, a pesquisadora destaca que é um

Importante elemento no viver social juvenil, a conversa cotidiana permite aos jovens elaborarem visões de mundo compartilhadas, negociarem significados e criarem as cumplicidades que alimentam a existência dos diversos grupos de amigos. É o momento em que se tornam públicos aspectos aparentemente privados como paqueras, namoros, brigas e infidelidades. Também, o evento cotidiano que permite aos jovens situar-se no emaranhado de relações que se estabelecem na comunidade, principalmente no que diz respeito à confiabilidade de outros jovens, informações estas que orientam a escolha de novos amigos e de namorados. Entretanto, observar esses encontros não nos leva apenas a constatar que os jovens, como todo mundo sabe, gostam de um bate-papo. A composição das rodas de conversa nos informa da existência de um padrão de sociabilidade observado por vários estudiosos do modo de vida das classes populares, e que tem como principal característica a base local das relações. (FRANCH, 2002, p. 122).

É um momento em que podem socializar suas experiências e vivências. Entre rir, comer, beber, chorar, distrair-se, esquecer ou procurar formas de solucionar os problemas da semana, esses momentos oferecem aos jovens a possibilidade de repensar os dilemas enfrentados. Por assim o ser, é também importante para traçar uma malha de relações. Recordo que muitos conseguiram arrumar certos empregos por indicações de amigos. Por não controlarem as oscilações do mercado, ter amigos e laços de parentesco e de vizinhança torna-se um mecanismo estratégia.

Em uma mesma rotina, vários itens apresentados anteriormente compõem momentos de uma mesma experiência. Isso demonstra como esses jovens compartilham muitos elementos em comum. Luciana⁷, 20 anos, cursava, no dia da entrevista, o terceiro ano do ensino Médio. No intervalo das aulas, aproximei-me de um grupo de estudantes que estavam no refeitório da escola. Perguntei se algum deles aceitaria conversar comigo acerca de sua trajetória, na condição de jovem que estuda e que trabalha. Dentre todos os presentes, Luciana demonstrou-se a mais receptiva para a conversa. Assim, com a autorização da professora, utilizamos uma sala para que pudesse conhecer mais sobre sua vida. Embora estudasse na mesma escola e no mesmo período (noturno) que Estella, as duas eram de turmas diferentes. Suas trajetórias também são distintas, bem como suas rotinas:

Paloma: E como é a sua rotina Luciana, desde a hora que você acorda até a hora que você vai dormir? O que você faz na sua semana e nos finais de semana? **Luciana:** Então, de manhã cedo eu acordo, a minha mãe é diarista, a semana toda ela tá fora, então a responsabilidade de limpar a casa, cuidar da roupa é tudo minha, eu só não faço o almoço, mas do resto eu faço tudo, aí durante o dia eu limpo a casa e faço as coisas, aí a tarde eu trabalho e a noite eu estudo, nos finais de semana eu sempre vou para Ouro Verde que a minha namorada mora lá né, daí eu sempre vou para lá, é muito difícil eu ficar aqui nos finais de semana, mas durante a semana a minha rotina é esse: trabalho de manhã em casa, aí que nem as vezes, que nem hoje, que a minha mãe pergunta “filha, você pode me ajudar na casa da Vera?”, aí eu “sim mãe, tranquilo”, aí quando ela me pede para ajudar na casa de alguém eu vou com ela numa boa, senão eu fico em casa, amanhã é dia de faxinão, dia de lavar roupa, esfregar o banheiro, essas coisas, a gente divide as coisas, porque para a minha mãe fazer tudo sozinha é complicado e desde sempre foi assim, desde pequenininha ela ensinava a gente a fazer as coisas, daí é bem tranquilo para mim, é bem de boa.

⁷ Entrevista realizada no dia 13 de julho de 2017, no Colégio Estadual Eron Domingues, em Marechal Cândido Rondon – Paraná, pela pesquisadora.

O “tempo livre” de Luciana corresponde essencialmente ao período da manhã e aos finais de semana. Entretanto, como ela narra, desde o horário em que acorda até o horário em que vai trabalhar em um Clube, é responsável pelo trabalho doméstico de sua casa. Cerca de 9% dos alunos que responderam ao questionário também assinalaram que cuidam da casa quando não estão trabalhando em seus empregos, fora pouquíssimas exceções, a grande maioria é composta pelo gênero feminino.

Isso evidencia uma prática ainda vigente em nossa sociedade, que separa e segrega as distinções entre homens e mulheres. Por um lado, os meninos são os mais estimulados a procurarem empregos e contribuírem com as despesas familiares. Por outro, as meninas são incentivadas (e ensinadas) a realizarem os afazeres domésticos, substituindo as supostas “funções da mãe”- para que essa possa trabalhar fora o dia (ou à noite) inteiro. Nisso, incluem-se ainda os cuidados com os irmãos menores. Por serem sustentados pelos pais e receberem “tudo o que precisam”, acabam por aceitar tais condições, sem reclamar ou questionar tal diferenciação.

Ao realizarem tais funções, abrem mão de se dedicarem a outras tarefas, desfrutarem de momentos de lazer, de cultura ou de descanso. Somado as outras atividades que essas jovens realizam, o trabalho doméstico pode muitas vezes dificultar a realização de tarefas escolares e até a própria frequência à escola:

Paloma: E por que você faltava? **Rosana:** Muitas vezes eu acordava muito tarde, porque a minha patroa voltava muito tarde também, ai era difícil acordar cedo, ai eu dormia demais. Quando acordava não dava tempo de fazer todas as coisas, que nem, eu era a única menina dentro da casa e o resto tudo trabalhava. **Paloma:** Como assim? **Rosana:** O meu tio ainda morava com a gente, ele ainda não tinha casado, ai ele trabalhava, meu avô e minha avó também, o meu irmão estudava e eu era a única para ficar em casa de menina né, para fazer as coisas, eu era a única. Ai, com 16 eu parei de estudar. **Paloma:** E o que sua família achou disso? **Rosana:** Ele não gostava, eles não aceitava né, mas para mim não era fácil, trabalhar e estudar, isso era muito corrido e eu não trabalhei em serviço leve, sempre em coisa pesada para a minha idade, era complicado demais. Eles não aceitavam, mas fazer o que? Só que agora, foram eles que me incentivaram a voltar a estudar.

Rosana⁸ cursa, atualmente, o ensino médio pelo sistema de ensino do EJA. As faltas na escola regular, como relatado durante a nossa conversa, a fizeram reprovar (em 2014 e em

⁸ Entrevista realizada no dia 12 de julho de 2017, no Colégio Estadual Paulo Freire, em Marechal Cândido Rondon – Paraná, pela pesquisadora.

2015). Em 2016, deixou completamente de ir ao Colégio. Atribui ao cansaço físico a principal causa de não ter disposição para passar quatro horas em sala de aula. O trabalho em casa e o desenvolvido na Sorveteria sobrecarregavam sua rotina. Entre as três responsabilidades centrais, a escola e a sua escolarização acabaram por ser a última prioridade, sendo postergada.

É preciso apontar que limpar a casa, lavar e passar a roupa, preparar os alimentos, cuidar das crianças, funções essencialmente desenvolvidas por meninas e mulheres, não são consideradas como um trabalho a ser remunerado, quando prestado para o núcleo familiar do qual se faz parte. Segundo o dicionário do pensamento marxista (1988), *“elas constituem, portanto, um setor da classe trabalhadora, ainda mais explorado do que os setores que recebem salários”*, por terem uma dupla jornada de trabalho a ser realizada diariamente.

O tempo de Rosana é ainda disputado por horas de trajeto para o trabalho. A jovem começou a trabalhar em um salão de beleza em Marechal Cândido Rondon – PR. Entretanto, o salão entrou em falência nessa cidade e os donos resolveram mudar o estabelecimento para Cascavel – PR. A distância entre as duas cidades corresponde a 70 km. Por gostar de seu trabalho, optou por continuar trabalhando como assistente. Fez um acordo com seus patrões, pois acredita que trabalhar como ajudante lhe proporcionará experiência para um dia ter condições de abrir seu próprio salão. Assim, de segunda a sábado, acorda “bem cedinho”, com ela mesma narra e vai para seu trabalho. Já faz quatro meses que está nesse emprego. Recebe pouco mais que R\$ 800,00, dependendo se fizer horas extras.

O tempo dos jovens é amplamente disputado. Vanessa⁹ enfatiza esse fato em nossa conversa. Em sua trajetória, entre mudanças e novos empregos, deixou de estudar quatro vezes. Com 16 anos, começou a trabalhar como costureira em uma facção, na época em que vivia em Santa Catarina. Recebia R\$ 1.200,00 e com esse dinheiro contribuía nas despesas de casa e comprava coisas para si. Trabalhava das 05h00min às 14h00 min e, mesmo sem contrato de trabalho, ganhava adicional noturno. Quando retornou ao Paraná, já com 18 anos, começou a trabalhar em um frigorífico, em horários não muito diferentes. Nos dois empregos, o único turno em que poderia estudar era o noturno. Para ela, o principal motivo de ter deixado de estudar era o cansaço físico.

Quando descobriu que estava grávida, deixou de trabalhar para se dedicar à gestação e para cuidar de sua filha, de sete meses. Quando a conheci, no saguão do Colégio Paulo Freire,

⁹ Entrevista realizada no dia 12 de julho de 2017, no Colégio Estadual Paulo Freire, em Marechal Cândido Rondon – Paraná, pela pesquisadora.

disse que gostaria de conversar com alunos que estivessem trabalhando. Ela então sorriu e disse “eu sou do lar, mas isso não quer dizer que eu não trabalhe e que nunca trabalhei”. Assim, continuamos a conversa, registrando também a conversa com um gravador, para não perder a riqueza de sua experiência. Perguntei a ela:

Paloma: E atualmente, como é o seu dia a dia? Desde a hora que você acorda, até a hora que você vai dormir? **Vanessa:** Ah, eu já acordo um pouco tarde porque eu durmo com a minha filha até um pouco mais tarde, porque ela dorme tarde e aí eu aproveito, aí eu levanto, faço o almoço para os meus sogros, aí a tarde eu fico com a minha filha e eu faço o que tenho para fazer, que é lavar uma roupa, limpar uma casa, até umas 17h por aí. Depois eu tomo um banho, dou banho na minha filha, alimento ela, deixo ela preparadinha para ficar com o pai dela, e depois eu venho para a escola. **Paloma:** E como é ser mãe e estudante? **Vanessa:** Como eu não estou trabalhando, não vou dizer que não é corrido, mas é cansativo porque ela acorda muito a noite, então eu já não descanso muito durante a noite, e durante o dia eu tenho que cuidar dela porque ela tem uma energia, a noite eu venho estudar. O ruim mesmo é a noite para dormir, mas cuidar e vir para a escola não é muito difícil não.

Retomando um apontamento importante narrado por Luciana, muitos dos jovens não têm tempo para conversar com seus pais no decorrer da semana. Quando o têm, são conversas rápidas sobre assuntos imediatos, durante o horário das refeições ou quando os jovens retornam do colégio. Desse modo, até os vínculos familiares ficam, de certa forma, enfraquecidos e empobrecidos pela falta de diálogo e de contato. Isso se deve às rotinas que se desencontram e porque esses jovens ficam boa parte do dia e da noite fora de casa. Alguns jovens nem mesmo retornam para almoçar em suas residências.

Nessa direção, 26% dos sujeitos desta pesquisa destinam seu tempo livre para ficar junto da família (nesse âmbito foram incluídos para a tabulação, pais, avós, visitas aos parentes e ficar com os filhos; namorados e cônjuges também constam nessa porcentagem), seja para comer ou beber algo juntos, assistir a algum filme na TV, desenvolver alguma atividade em conjunto, sair para passear na rua ou ir à casa de algum conhecido. Buscam esse espaço para ficarem reunidos, fazendo algo ou não “fazendo nada”, aproveitando o ócio juntos. São nesses momentos em que conversam sobre os detalhes da semana, contam as coisas boas e ruins.

Não se pode esquecer que os pais também buscam aproveitar os fins de semana e o descanso de seus trabalhos. Os jovens trabalhadores são filhos de pais trabalhadores. As mães ocupam-se principalmente no setor de serviços. Trabalhos como o de diaristas foram os principais indicados, correspondendo a 41%, seguidos por 18% no setor de comércio. No caso

dos pais, 35% trabalham no setor de serviço, são pedreiros, serventes, motoristas. No setor de comércio, a maioria trabalha como vendedor, correspondendo a 18%. Poucos têm ensino superior completo. Isso indica que os pais não dispuseram de tempo e de condições materiais para continuar seu processo de escolarização.

Ou seja, os jovens precisam cumprir sua jornada de trabalho e frequentar à escola; atrasos não são tolerados. Necessitam aprender a se portar em ambos os ambientes, terem a disciplina e a responsabilidade que lhes são esperadas.

Segundo Ponchmann (2001), para tentar melhorar de vida, fazem um esforço sobre-humano, haja vista que estudar e trabalhar requer renúncias que nem sempre o jovem está preparado para fazer (PONCHMANN, 2001). Estudo, trabalho, família, vida social; todas essas relações se apresentam de forma tensa e conflituosa, na medida em que passam a disputar o tempo desses jovens. Apesar de tudo isso, muitos jovens procuram conciliar trabalho e escola. No segundo capítulo, analisei por que e como esses jovens equilibram estas duas atividades, trabalhar e estudar. Estudar e trabalhar? Estudar ou trabalhar? O que será que se passa na cabeça de um jovem ao formular tais questões? O que avaliam para achar uma resposta para essa equação? Em que medida essas duas esferas fazem parte de uma mesma experiência? O que cada uma delas representa para eles? As contradições e os sentidos que esses jovens atribuem a essas duas dimensões foram foco do próximo capítulo.

CAPITULO 02: OS SENTIDOS DE TRABALHAR E ESTUDAR PARA JOVENS TRABALHADORES

2.1. Trabalho e Escola: duas dimensões de uma mesma realidade

Estudos recentes divulgaram que o Brasil é um dos seis países com maior taxa de jovens estudantes entre 15 e 16 anos no mercado de trabalho. De acordo com o levantamento feito pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), 43,7% dos jovens brasileiros nessa faixa etária declararam exercer algum tipo de trabalho remunerado em suas rotinas, antes ou depois de irem à escola. Esses dados foram divulgados em uma reportagem do portal UOL de notícias e vieram acompanhados de uma avaliação negativa do quadro. Segundo a reportagem, a OCDE indicou que entre o público investigado notou-se que os estudantes que trabalham apresentam um rendimento escolar mais baixo na área de ciências, são mais faltosos e tendem a não concluir o ensino médio (BERMUDEZ, 2017).

Além do conteúdo da reportagem, o que chamou minha atenção não foram apenas os dados estatísticos, mas reação causada em seus assinantes. Foram 58 comentários, em sua maioria, formados por opiniões que reforçavam a necessidade e a importância do trabalho na vida dos jovens. O argumento recorrente se pautava na ideia de que o trabalho é fundamental na formação do caráter e da preparação para o mercado de trabalho. Importa ressaltar que a grande maioria falava por experiência própria; em seus comentários, declararam que começaram trabalhar jovens e avaliavam que essa experiência foi muito positiva em suas vidas e que a sua formação escolar não foi prejudicada. Para essas pessoas, estudar e trabalhar são atividades perfeitamente compatíveis.

De fato, esse é um tema controverso na sociedade e na academia. O debate sobre a importância do trabalho como parte constitutiva do desenvolvimento dos jovens, em uma sociedade capitalista, é vasto e amplamente debatido em diferentes áreas do saber. Alguns economistas, como Santos e Gimenez (2015), destacam a importância da inserção desses no mercado de trabalho. Muitas são as produções realizadas pelo próprio governo, enfatizando sobre políticas e programas destinados a esse grupo social; muitos são também os dados e as estimativas relacionados ao “primeiro emprego” e ao alto nível de desemprego para essa faixa etária. No campo historiográfico, sociológico e antropológico, muitas são as pesquisas sobre a

relevância do trabalho (e aqui também o trabalho realizado pelos jovens) para as mais diversas sociedades.

Dentre esses estudos, é interessante apontar as considerações feitas por Marcio Pochmann (2004). Para ele, é necessário repensar a inserção dos jovens no mercado de trabalho e a própria relação entre trabalho e educação. Primeiramente porque a universalização da educação no Brasil ocorreu de forma tardia, somente em 1930. Talvez, essa seja a razão pela qual um entre 10 jovens brasileiros seja analfabeto. Em sua assertiva, a educação está a serviço e ao domínio de uma elite (que reproduz a desigualdade e estabelece a exclusão das camadas sociais menos abastadas). Desse modo, não são todos os jovens que possuem acesso à cultura, ao lazer e à educação de formação que os prepararia para disputar e ocupar as melhores vagas no mundo laboral.

Ainda, ao analisar o quadro de desenvolvimento econômico no país, o pesquisador formula que, para superar a exploração do trabalho juvenil, é necessário caminhar em direção à capacitação do jovem, postergando sua entrada no mercado de trabalho. Ele considera que o primeiro emprego é decisivo para toda a trajetória profissional do jovem e, por assim ser, uma inserção precarizada poderá comprometer todo o futuro. Nessa direção, ampliar o processo educacional proporcionará aos jovens o ingresso em condições adequadas no mercado (POCHMANN, 2007).

Essas abordagens produzem as suas análises a partir de estatísticas e de quase nenhum diálogo com os jovens que são objetos de seus estudos. Não há dúvida que esses números são e sempre serão importantes para o entendimento da realidade e para a formulação de políticas públicas. Contudo, na mesma medida, é preciso também ouvir o que os jovens que trabalham e estudam têm a dizer sobre sua própria realidade. Nesse sentido, procureis neste capítulo analisar como os jovens avaliam o lugar do trabalho e da educação em suas vidas. Compreender a importância e o(s) sentido(s) que atribuem ao trabalho e à educação permite nos aproximar de seus dilemas e conhecer como eles elaboram a relação entre essas duas dimensões sociais. É preciso ponderar que “importância” e “sentido” não são meras palavras. Segundo Vygotsky (2001), o ser humano é um ser social e o sujeito se produz como indivíduo na ação social e na interação, internalizando significados a partir do social. Nessa direção, por importância, compreendo o valor socialmente compartilhado, quando o jovem consegue elucidar numa hierarquia o que lhe é mais necessário. Já por sentido, aquilo que é pessoal e mobiliza o sujeito.

Dentro dessa perspectiva, procurei ouvir as experiências dos jovens trabalhadores a partir do uso de questionários e entrevistas. A realização das entrevistas, das “conversas gravadas”, foi essencial para evitar a dicotomia existente entre dois grupos de estudiosos do tema: a dos que apoiam que é necessário trabalhar e estudar e dos que condenam tal conciliação de mundos excludentes. Isso não quer dizer que este estudo é neutro; muito pelo contrário, o que procurei evitar foi que este estudo se tornasse prescritivo. Realizei as análises tomando os jovens como sujeitos sociais cujas escolhas e ações são produzidas por eles dentro de determinadas circunstâncias históricas. Destarte, acredito que ouvir e entender o modo como eles pensam e agem dentro desse contexto pode contribuir para que se avance na produção de uma consciência/conhecimento que contribua para resolução dos dilemas, dramas e injustiças que marcam a vida desses jovens.

O gráfico a seguir apresenta os resultados das respostas de 438 alunos sobre a importância do trabalho em suas vidas:

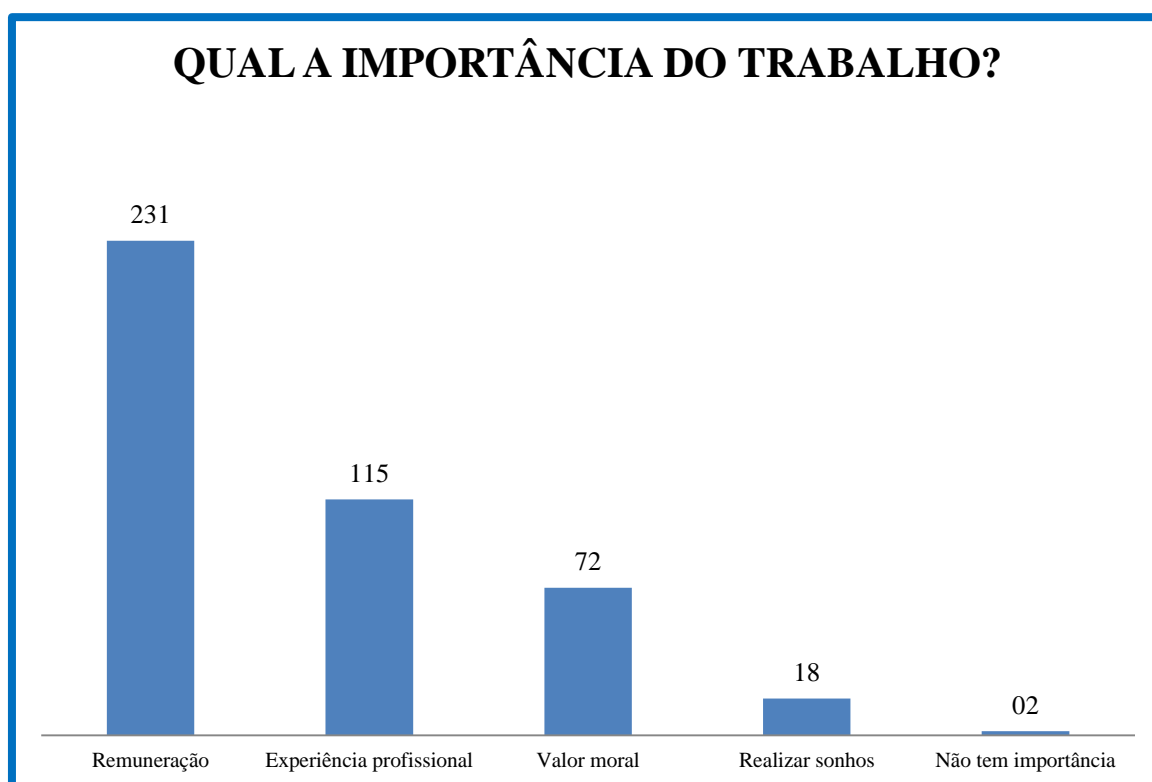


Gráfico 07: Qual a importância do trabalho?
Questionário aplicado em Escolas Públicas de Marechal Cândido Rondon – PR.
Fonte: Tabulação feita pela autora. Nota: Questão aberta, respostas agrupadas.

Para 52% dos jovens trabalhadores, que responderam ao questionário, a principal importância do trabalho está na remuneração, ou seja, no que ele pode lhes trazer em termos de

ganhos materiais. Alguns jovens, com os quais conversei, chegaram a afirmar que pouco importa qual o cargo ou a empresa em que trabalham. Muitos, ao procurar um emprego, espalham currículos pelos quatro cantos da cidade, para qualquer vaga. Dentre as opções, escolhem aquele que os contatou primeiro ou que lhes ofereceu uma remuneração maior, independentemente da função que irá exercer. O fato é que para inúmeros jovens é preciso receber no fim do mês, dado que contribuem com as despesas da casa, compram coisas para si ou economizam.

É curioso observar que a questão moral tem pouca importância para eles, quando comparada aos resultados financeiros. Retomando a reportagem citada anteriormente, parece que a questão moral do trabalho parece ser mais um apelo dos adultos do que dos próprios jovens. Desse ponto de vista, o fato desses jovens trabalharem pode não ter relação com a aceitação de uma ideologia positiva do trabalho. Eles de fato são pressionados socialmente a trabalhar, mas a opção pelo trabalho não é determinada exclusivamente pela ideia de dignificação pelo trabalho. A partir dos dados indicados, suas escolhas são orientadas por outros valores.

Em primeiro lugar, eles trabalham porque querem ter uma renda. Por que essa questão é tão urgente para eles? Para que serve essa renda? Em segundo lugar, eles trabalham porque buscam por experiência profissional. Mas o que significa isso? Busca por qualificação dentro do mercado de trabalho? Compreensão de que a escola não pode lhe oferecer todas as possibilidades de desenvolvimento, sendo o trabalho o caminho para seu aperfeiçoamento?

Começo então pelo papel da renda como fator determinante do interesse dos jovens pelo trabalho. A remuneração tem mais importância e sentido que o próprio trabalho realizado. Para Amanda¹⁰, 18 anos, aluna do segundo ano do ensino médio noturno, “*sem dinheiro, você não vive, não tem nada e não pode fazer nada*”. Essa afirmação é baseada em sua trajetória, marcada por dificuldades econômicas para ter o básico, como alimentação, luz e moradia. A situação “piorou” quando tinha 15 anos; ela engravidou e foi expulsa da casa de seus pais. Foi morar com a família de seu namorado, de seu marido atualmente. Na nova residência, entre crianças e adultos, compartilhava a moradia com 8 pessoas e esperava por mais uma vida.

O salário dos sogros e de seu companheiro não supria todas às necessidades básicas do núcleo familiar. Aos 16 anos, Amanda começou a trabalhar como diarista, trabalho que ainda

¹⁰ Entrevista realizada no dia 11 de junho de 2017, no Colégio Estadual Eron Domingues, em Marechal Cândido Rondon – Paraná, pela pesquisadora.

exerce. Acorda cedo, sai de bicicleta. Deixa sua filha na creche e parte para uma das três casas nas quais realiza serviço doméstico. Trabalha no período da manhã e à tarde, em média, 24h por semana. Ao fim do mês, recebe em torno de R\$ 1.000,00. Ela diz que “*só daí deu para começar ter as nossas coisas, comprar as coisas para a bebê, [...]*” (AMANDA, 2017).

Gostaria de destacar para a utilização da palavra “coisas”. Em outros momentos de nossa conversa, ela menciona que o dinheiro, adquirido com o esforço de seu trabalho, proporciona bens materiais essenciais. Ana paga parcelas de móveis, está contente por estar quase terminando de quitar uma cama. Compra “um presentinho ou outro” para sua filha, em geral brinquedos. As fraldas, como ela bem menciona, custam caro, bem como roupas e calçados para criança. Chega a formular que tudo é caro hoje em dia, usa o ditado “que de graça, nem injeção na testa”. Para ter “coisas” é necessário dinheiro. Para sobreviver nesse mundo, sendo da classe trabalhadora, é preciso ter uma fonte de renda.

E em busca de ter suas próprias “coisas”, os jovens adentram ao mercado de trabalho. Carla¹¹ começou a trabalhar com 14 anos, em uma van escolar. Foi indicada por uma amiga, que conseguiu outro emprego e a ajudou a conseguir a vaga.

Paloma: E por que você começou a trabalhar? **Carla:** Ah, para eu ter o que fazer no dia a dia, para não ficar parada em casa e ter o meu dinheiro, comprar as minhas coisas porque mãe e pai não me dão tudo o que eu quero, então eu tenho que ir atrás, eu acho que é isso que a gente tem que fazer. A gente tem que trabalhar para conseguir as nossas coisas né?!

Carla evidencia dois aspectos importantes em sua fala. Um é o fato de que nem sempre a família, os pais, pode suprir todas as vontades materiais dos jovens. O outro está diretamente relacionado ao anterior, como uma consequência: para ter as coisas, as “suas” coisas, eles precisam trabalhar. O fator econômico é central para muitos começarem a trabalhar. Carla queria um computador e, assim, foi guardando o salário de R\$ 200,00 que recebia para trabalhar no período da tarde, até conseguir dar entrada em um usado. Quando passou a trabalhar em período integral, recebia R\$ 600,00. Em um ano, conseguiu dinheiro suficiente para comprar um computador novo.

¹¹ Entrevista realizada no dia 10 de junho de 2017, no Colégio Estadual Frentino Sackser, em Marechal Cândido Rondon – Paraná, pela pesquisadora.

Mais que ocupar os dias, o trabalho pode proporcionar o celular, o tênis, a mochila. É o salário que faz possível poder ir numa pizzaria no sábado à noite, ter um perfume, um relógio, um casaco novo ou vários casacos novos, o tratamento ortodôntico, os óculos de grau. O dinheiro compra coisas, será que qualquer coisa? Nem que para isso, retomando a frase célebre do filme Clube da Luta, tenhamos que ter empregos que odiamos para comprar coisas que não precisamos (Fight Club, 1999). A questão aqui não é ponderar se essas coisas adquiridas são verdadeiramente necessárias. Interessa-me mais compreender que ter certos bens e usufruir determinados serviços motiva e faz com que esses jovens comecem a trabalhar. Tanto Amanda quanto a Carla têm suas próprias razões para querer ter as suas coisas.

Vicente¹², 17 anos, aluno do 1º ano do ensino médio noturno, compartilha essa perspectiva. Trabalhou por um tempo arrancando mandioca em Porto Mendes, distrito de Marechal Cândido Rondon. Na ocasião em que conversamos pela primeira vez, começava seu dia às 05h30min da manhã. Preparava seu almoço logo após acordar: um sanduiche, um pedaço de bolo e algumas frutas eram as opções para quando atrasava e não conseguia fazer arroz e fritar um pedaço de carne. às 06h saía de casa e chegava às 07h em seu trabalho. Colocava a luva, pegava o facão, cortava, picava, empilhava e carregava a mandioca para o caminhão. às 11h50min fazia sua pausa para o almoço e logo retornava para as suas atividades, que iam em média até às 15h. Cada carga do caminhão, de 15 toneladas, equivale a R\$400,00, divididos entre quem participou do processo. Recebia por dia. Retorna para sua casa às 16h; às 18h05min pegava o ônibus para o colégio.

As ofertas de trabalho em Porto Mendes eram limitadas, optou pela qual lhe ofertava um maior retorno financeiro, a despeito dos comentários pejorativos sobre arrancar mandioca e do extremo desgaste físico de tal ocupação. Tinha dias em que recebia R\$300,00 e dias que não chegava a trabalhar, caso amanhecesse chovendo. Se trabalhasse no sábado ou domingo, o valor recebido era dobrado. Procurava trabalhar até conseguir R\$500,00 por semana, se conseguisse isso até a quarta, não trabalhava na quinta e na sexta. Perguntei a ele:

Paloma: Quais são os pontos positivos do seu atual trabalho? **Vicente:** Só o dinheiro. **Paloma:** E como é viver trabalhando em algo só pelo dinheiro? Você gosta do que faz? **Vicente:** Então, eu tento não desanimar assim, se você desanima você já vai pensar em deixar de trabalhar, porque enquanto você está trabalhando você pensa em desistir em todos os minutos, até a

¹²Entrevista realizada no dia 11 de junho de 2017, no Colégio Estadual Eron Domingues, em Marechal Cândido Rondon – Paraná, pela pesquisadora.

hora em que você finalmente para. Ai quando você recebe o dinheiro você vê que tá tendo retorno de tudo aquilo que você tá trabalhando, mas é algo que você não queria para a sua vida.

Ao narrar tal experiência, o jovem evidencia o quão complexas são as situações a que os jovens estão expostos. Aqui, a determinação da Lei 10.097/2000 não se aplica, em meio a tantos acordos informais. Nenhum dos três jovens (Amanda, Carla e Vicente) trabalha com carteira assinada ou com algum aparato legal/institucional. A realidade é dura e intensa, deixando marcas físicas e psicológicas na constituição de ser. Em todos os minutos, Vicente contesta a sua permanência em seu trabalho, desde o instante em que acorda, sai de sua cama e se prepara para mais um dia. Trabalhar nessas condições não é algo que quer para toda sua vida, acaba sendo um sacrifício recompensando unicamente pela remuneração, para, desse modo, ter as “coisas” necessárias para existir e viver. O dinheiro é a solução para ajudar a mãe com as despesas da casa, para poder sair com os amigos e comprar suas roupas e acessórios.

Em segundo lugar, eles trabalham porque buscam por experiência profissional (26% dos questionários). O fato é que eles aprendem no trabalho e com o trabalho. Devido à grande rotatividade no mundo laboral e ao desemprego de jovens, a cada nova ocupação (que pode ser totalmente distinta da experiência profissional anterior) incorporam novos conhecimentos. Assim, a inserção no mercado de trabalho, antes de completar 18 anos, antecipa essa vivência, como se quanto mais tempo de serviço realizado, mais qualificados eles são para permanecer ou ocupar novos postos. E isso é considerado como uma vantagem para os jovens, um diferencial.

Além disso, muitos jovens disputam por vagas em cursos que proporcionem uma parceria entre a instituição de ensino (Sistema S)¹³ e o mercado de trabalho (que contrata alunos do Sistema S na modalidade de Menor/Jovem Aprendiz). Buscam por aperfeiçoamento, muito atrativo para jovens como Daniel¹⁴. O jovem de 15 anos, estudante do primeiro ano do ensino noturno, ingressou no curso de Assistente Administrativo, para deixar de trabalhar como vendedor ambulante de picolé e de frutas pela cidade. Além da estabilidade financeira, ter uma

¹³ Sistema S é formado por organizações e instituições vinculadas ao setor de industrial, comercial, agrícola e de serviços. Nessa rede de ensino profissional estão o SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial); Sesi (Serviço Social da Indústria); Sesc (Serviço Social do Comércio), SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural), entre outros. Vale lembrar que não são instituições públicas; porém, recebem subsídios do governo.

¹⁴ Entrevista realizada no dia 10 de junho de 2017, no Colégio Estadual Frentino Sackser, em Marechal Cândido Rondon – Paraná, pela pesquisadora.

carteira de trabalho assinada o fez querer passar na seleção para o curso e entrar em uma empresa que oferece trabalho formal.

Paloma: E como funciona o sistema de estudar e trabalhar pela Frimesa? Você pode me falar sobre isso? **Daniel:** É que assim, a gente começou a fazer o intensivão do curso, foi três meses de curso, tá acabando hoje. A partir de agora vai ser toda segunda curso e nos restos dos dias na Frimesa de manhã. Teve vários módulos, sobre cooperativismo, teve módulo de informática, computação, vários módulos já teve, tudo com dinâmicas assim, para aprender assim e incentivar o cooperativismo, que teve. Daí a partir de amanhã eu começo lá dentro, de manhã. O curso sempre a tarde, na segunda. **Paloma:** Então você vai começar a trabalhar de manhã, a tarde e à noite vai estudar... **Daniel:** Então, a noite é que vou estudar, o curso seria na verdade o serviço, aí amanhã eu começo na Frimesa, daí segunda feira eu tenho o curso a tarde e o resto da semana na Frimesa de manhã. Só trabalho de manhã, vou uma vez a tarde no curso, fora o colégio a noite.

Assim que entrou no curso conseguiu um emprego. Talvez seja por isso que associa o curso ao trabalho, sem fazer uma dissociação. Fazer o curso é trabalhar, principalmente porque, logo após as primeiras de aula, passou a receber R\$ 650,00. Após o “intensivão”, dos módulos básicos, irá trabalhar em algum setor da Frimesa. Ainda não sabe qual será sua função, não estava especificado no contrato de trabalho firmado para um período de dois anos. Essa não é uma preocupação para ele. Diz que tem amigos que percorreram o mesmo caminho e acabaram realizando “*tarefas fáceis, de escritório sabe?! Mexer com papel*” (DANIEL, 2017).

Para ele, o que mais importa é a carteira registrada e o diploma do curso. Ainda que o contrato possa não ser renovado e tenha que sair da empresa após o seu término, durante esse tempo, concluirá um curso e terá em seu currículo um/uma contato/referência para procurar novos empregos. É interessante observar que ter essas “comprovações” (que trabalhou e que realizou um curso) é importante na medida em que se reconhecem socialmente essas atividades.

A quem trabalha em empregos formais e legais associa-se a imagem de indivíduo responsável, capaz e merecedor de respeito. Essa imagem, construída socialmente, principalmente pelos adultos, confere um status social ao trabalhador em oposição ao desocupado, que não goza do mesmo reconhecimento. Essa visão ficou explícita nos comentários da reportagem da UOL. O trabalho, para os internautas, agregaria e formaria uma série de valores, uma espécie de conduta moral aos trabalhadores. Esses, pelo fato de serem trabalhadores, seriam diferentes daqueles que não passam horas de seus dias no ambiente

laboral. Trabalhar desde cedo iria preparar os jovens para os compromissos e responsabilidades do mundo laboral, para a vida adulta. O trabalho tiraria e afastaria o jovem da criminalidade, da vagabundagem, do ócio. Ocuparia os dias desses sujeitos, ensinaria a ser íntegro e de confiança. E se esse jovem trabalhador, ainda realizar cursos, participar de projetos comunitários, terá melhores formas de inserção no mercado de trabalho.

Parece que, para determinados adultos, o trabalho iria formar o “caráter” dos jovens da classe trabalhadora, forneceria as “virtudes” necessárias. Em nenhuma das entrevistas, das conversas que tive com os sujeitos envolvidos na pesquisa, os participantes formularam tal percepção sobre o papel do trabalho em suas vidas. Existe um confronto entre o que a sociedade considera ser importante e o que os jovens avaliam ser importante em relação ao trabalho.

Como recém-chegados ao mercado e inseridos no processo de transição para a vida adulta, alguns podem até mesmo incorporando tal discurso posteriormente. Outros seguirão sendo resistência à padronização de comportamentos, de pensamentos e de ações. O que ocorre é que as experiências dos jovens trabalhadores vão de encontro às contradições inerentes das relações de produção, mais especificadamente da natureza do trabalho na sociedade capitalista da qual se está inserido.

Mesmo com essas contradições, o trabalho é essencial. Pode ser importante pelo o que é ou pelo que representa fora do ambiente laboral. Ter um emprego, independente do que se realiza nessa ocupação, é algo relevante para boa parte dos jovens. Muitos passam horas no ambiente laboral sem gostar do serviço que realizam. A compensação por esse esforço se realiza nas possibilidades que ser trabalhador pode ofertar, como a remuneração, a citar. É possível perceber que o valor do trabalho é constantemente reavaliado, tanto para os jovens como para os adultos, a todos aqueles que pertencem à classe trabalhadora. Para o sociólogo Wright Mills, que realiza um interessante debate sobre as transformações do mundo do trabalho,

O trabalho pode ser visto como um mero ganha-pão, ou como a parte mais significativa da vida interior; pode ser encarado como uma expiação ou como uma expressão exuberante de si mesmo; como um dever inelutável ou como o desenvolvimento da natureza universal do homem. Nem o amor nem o ódio ao trabalho são inerentes ao homem, ou a qualquer ocupação. O trabalho não tem nenhum significado intrínseco. (MILLS, 1979, p. 233).

Ao formular a inexistência de significado intrínseco ao próprio trabalho, Mills (1979) aponta para a dimensão de que por si só o trabalho não tem nenhum sentido mesmo. É preciso que quem o realiza atribua sensações, emoções, intensões e finalidades a ele, para que, assim, valha alguma coisa para os sujeitos.

Apesar de o trabalho ter a sua importância, Vicente não encontrou um sentido, algo que o agradasse ou que o motivasse a permanecer nesse posto de ocupação. Nem mesmo a remuneração foi determinante para permanecer ali. A função que desempenhada era uma tortura para o jovem. Todos os dias realizava a mesma sequência de atividades: colocava a luva, pegava o facão, cortava, picava, empilhava e carregava a mandioca para o caminhão. Repete um ritual. Como me contou em um momento de nossa conversa, seu trabalho não proporcionava uma “identificação”.

Após dois meses de nossa entrevista, Vicente deixou de trabalhar na colheita de mandioca. Em busca de outra condição de vida e por desentendimentos com sua mãe, a tentativa de “não desanimar” foi substituída pela esperança em prosperar vendendo trufas. Vicente mudou-se para uma república em Marechal Cândido Rondon. Mora com mais sete jovens, a maioria universitários. Começou a dividir o quarto e as despesas. Até não encontrar um emprego fixo, vende trufas, que ele mesmo produz, pela cidade. Sua clientela é composta em grande parte por seus colegas de sua própria turma, da escola que frequenta e da universidade próxima à sua atual moradia.

O que ocorre é que as ocupações e os trabalhos ofertados a esses jovens, que ainda estão em seu processo de escolarização, são em muitos dos casos precarizados. Muitos jovens realizam atividades repetitivas, cansativas e desestimulantes. Seja no setor de comércio, de serviço ou industrial, esses jovens estão submetidos a condições que, ao longo de uma jornada, acabam contribuindo para seu desgaste físico, mental e emocional.

É preciso destacar ainda que as relações estabelecidas no ambiente laboral também tendem a ser superficiais. Os jovens são vistos e se sentem como substituíveis. Não almejam permanecer na empresa em que conseguiram seu primeiro emprego, pois sabem que a qualquer momento (ou no fim do contrato) serão dispensados de suas funções. Ademais, têm essa visão porque a graduação que pretendem fazer ou curso profissionalizante são em outras áreas. A profissão que desejam para o futuro não tem relação com a sua atuação no presente. Assim, é raro (mas possível) encontrar ambientes em que os jovens consigam estabelecer uma relação dialógica/construtiva com seus supervisores e se sintam parte da equipe de trabalho.

Assim como o trabalho, a importância da educação na percepção dos jovens passa por várias determinações. O gráfico a seguir, contendo o resultado da tabulação dos questionários aplicados com jovens estudantes trabalhadores (438 alunos), do ensino médio, da rede pública de Marechal Cândido Rondon – PR, evidencia a importância da educação para esses sujeitos.

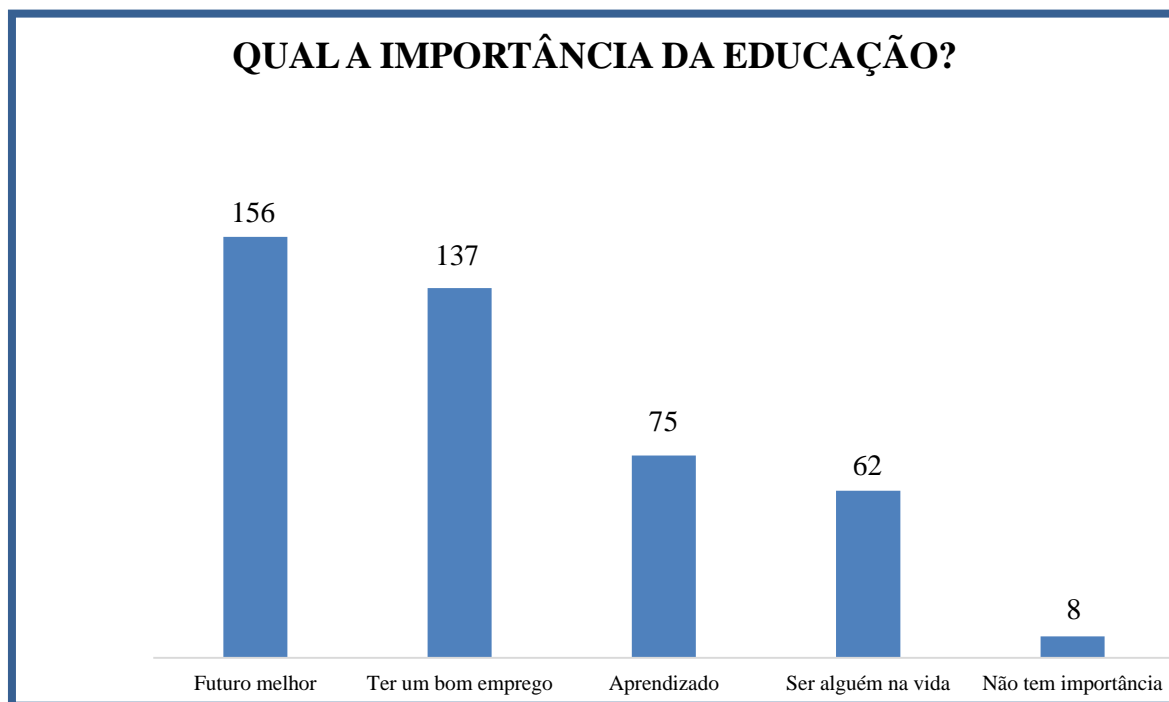


Gráfico 08: Qual a importância da educação?
Questionário aplicado em Escolas Públicas de Marechal Cândido Rondon – PR.
Fonte: Tabulação feita pela autora. Nota: Questão aberta, respostas agrupadas.

De 438 jovens, apenas oito não atribuíram importância à educação, mesmo frequentando a esfera escolar. Em primeiro lugar, 35% dos jovens destacaram que a educação pode proporcionar um futuro melhor. Em segundo, 31% evidenciaram que a educação pode proporcionar um bom emprego. Mesmo considerando o terceiro (aprendizado) e o quarto (ser alguém na vida) fatores juntos, não totalizam a primeira opção entre os jovens. A partir desses dados é possível perceber que a expectativa dos jovens para com a sua escolarização está diretamente relacionada à possibilidade de mudarem as suas experiências em um momento posterior, que ainda será vivenciado.

Nas entrevistas, é interessante notar que muitos jovens não conseguem distinguir a importância da escola e da educação em suas vidas. Esses dois “conceitos” são utilizados como sinônimos para alguns. Parece que, já que é na escola o local no qual aprendem, é apenas nesse

espaço que ocorre a educação. Evidentemente, a educação é muito mais que conhecimentos escolares, vai além da própria escolarização. Não obstante, é importante considerar como o conhecimento formal (e aqui aquele reconhecido socialmente por meio de certificações) é visto pelos alunos como essencial para a vida adulta, como algo que irá prepará-los para um futuro melhor.

O que é considerado como um futuro melhor para os jovens? Muitas respostas caberiam aqui. Entre sonhos e as metas, esses jovens orientam seus passos para conseguir realizar seus desejos (desde materiais, como a compra de casas, carros, até a forma como levar a vida). Para Amanda, ter um futuro melhor seria viver dias diferentes do seu atual cotidiano. Perguntei a ela:

Paloma: Você acha que a educação é importante? Se sim, por quê?

Amanda: É importante estudar porque é uma necessidade (risos), necessidade e prioridade para mim agora. Para eu ter um futuro melhor, sair da casa dos meus sogros e ter a minha casa vou precisar ser mais do que aquela que passa pano na casa dos outros. Tenho que estudar para trabalhar em algo mais fácil e ter mais tempo para cuidar da minha casa sozinha daí.

É com a educação que Amanda mudaria sua condição de vida, seja conseguindo uma nova moradia, seja trabalhando em outra área de serviço. Esse tão desejado futuro se aproxima com a conclusão do ensino médio e, principalmente, com a conclusão de um curso técnico que pretende realizar. A educação lhe permitiria trocar as diárias por um trabalho “mais fácil” na área de Segurança do Trabalho. De certo modo, evidencia uma separação entre trabalho manual (pesado) e trabalho intelectual (leve).

Para Vanessa, o futuro já chegou, ela precisa concluir o ensino médio porque, aos 20 anos, já sente uma dificuldade em encontrar trabalho. Em sua rotina, não dispõe de tempo para estudar, apenas consegue ir à escola.

Vanessa: Ah, por que faz mais ou menos uns três anos que eu parei de estudar, então, eu resolvi voltar porque hoje em dia você não trabalha se não tiver o ensino médio, ai eu resolvi voltar... **Paloma:** Por que você parou de estudar? **Vanessa:** Por que eu fui embora da cidade, daí eu voltei, daí eu comecei de novo, ai eu parei, daí agora voltei de novo. **Paloma:** E por que você quer terminar o ensino médio? **Vanessa:** Eu acho importante ter pelo menos o terceiro ano completo, os estudo completo, para poder pelo

menos fazer uma faculdade, um curso, alguma coisa. **Paloma:** Isso é o que te motiva a vir estudar? **Vanessa:** Motiva assim? Eu vou dizer que não. Mas eu quero é mesmo terminar, porque é uma vergonha eu com 20 anos não terminar os estudos, por que a minha mãe sempre dizia “estuda, estuda” e a gente não dava bola, hoje a gente vê que precisa mesmo, pelo menos completar até o último ano. **Paloma:** E por que você acha isso? **Vanessa:** Ah, você vai para o mercado de trabalho, eles precisam, eles exigem ao menos o segundo grau. Então, como eu já não tenho é meio difícil procurar um emprego, tem que ter carteira de motorista, mas tem que ter o segundo grau completo, então já não vai facilitar para mim, já vai dificultar ir atrás de um serviço e não ter né.

O desejo de finalizar o ensino médio e/ou de fazer uma faculdade aparece recorrentemente nas falas desses sujeitos. A perspectiva de retomar os estudos e voltar à escola para fazer um curso superior está delineada em seus projetos pessoais. Assim sendo, a ruptura escolar não significa o abandono do projeto de escolarização. É preciso destacar que, mesmo se ausentando, eles retornam. Esse retorno, às vezes exitoso, às vezes malsucedido, não se refere somente à satisfação de uma necessidade. Assume o significado de uma reaproximação, um reatamento, um reencontro consigo mesmo. Pode ser ainda a satisfação pelo cumprimento de uma meta, de um objetivo pautado nas relações sociais mais amplas.

Para Carla, a conclusão do ensino médio é importante, tanto para ingressar em uma faculdade quanto pelo reconhecimento social/familiar que a conclusão dessa etapa pode significar:

Paloma: Por que você quer terminar? **Carla:** Eu me imagino bem de vida né?! Imagino ter terminado os estudos em direito e trabalhar com isso, eu sempre pensei, meu irmão não terminou os estudos dele, aí eu penso “ah, eu vou conseguir, eu vou mostrar para a minha mãe que eu consigo né”, e eu quero terminar. **Paloma:** Por que seu irmão parou de estudar? **Carla:** Ele parou no primeiro ano, por causa do serviço, era corrido para ele também, ele não focava muito nos estudos dele. Ao invés dele pensar em estudar nas horas que ele podia, ele saía para as festas. **Paloma:** Isso de alguma forma te motiva a estudar? **Carla:** É claro né, de toda forma me incentiva a terminar, tipo, é um orgulho para a minha mãe né.

Nessa direção, a educação adquire importância, pois é uma conquista individual. Mesmo com as dificuldades em conciliá-la ao trabalho, a recompensa é permanente, algo que contribuirá para trilharem novos caminhos. Mesmo que os conteúdos escolares, as amizades feitas nessa esfera, as atividades culturais e as notas sejam esquecidas, a vivência nesse espaço

é essencial para a vida. Ao mesmo passo é importante para o estudante, não podemos desconsiderar como a escolarização deste é importante para a família. Os pais (e responsáveis) encaram que é um dever/obrigação da criança/adolescente/jovem estudar. Eles também atribuem expectativas para com a escolarização de seus filhos. Nas entrevistas, muitos alunos sinalizam o quanto os pais são rigorosos com relação às notas e o quanto os incentivam a permanecerem estudando. No convívio em família e na comunidade, o desempenho escolar é pauta entre os assuntos rotineiros.

Os jovens reconhecem que a educação não é para todos e nem igual para todos, nunca foi. Não só eles, mas toda a sociedade tem dimensão dessa característica presente na estrutura de nosso país. Se o ensino básico é obrigatório e gratuito atualmente é porque houve conflitos entre as classes sociais para isso fosse viabilizado. Historicamente, a educação para as massas ocorre para que os trabalhadores (e seus filhos) aprendessem o mínimo necessário para acompanhar os progressos e as competências na era da industrialização, durante a gestão de Vargas. Saber ler e escrever, contar e calcular deixam de ser atribuições “eruditas” e passam a serem indispensáveis no chão de fábrica, no dia a dia no trabalho.

Para que os jovens pudessem trabalhar e estudar, muitas mães lutaram para a existência do ensino noturno, na década de 60 e 70, para diminuir a distância entre aqueles que tiveram acesso à educação e aqueles que não puderam estudar. No entanto, é possível verificar que recentemente o capital se apropria dessa vontade de estudar, concorrendo com o Estado na prestação de cursos técnicos e acadêmicos, de especializações e qualificações. O discurso hegemônico construído é de que “não se pode parar de estudar para ter um bom futuro”.

Disso resulta uma discussão importante entre uma “democratização” e/ou uma “massificação” do ensino, principalmente do ensino superior (SGUISSARDI, 2015). A educação passa a significar uma mercadoria, algo instrumental. O Estado deixa de se responsabilizar por isso e concebe a iniciativas privadas uma nova oportunidade lucrativa. Na assertiva de Sguissardi (2015), a educação nos moldes em que se apresenta reforça as desigualdades entre as classes sociais.

Para os jovens trabalhadores, é fundamental concluir o ensino médio, até para poderem seguir estudando posteriormente e/ou pelas imposições do mercado de trabalho. Gosto da metáfora utilizada pela Tatiana¹⁵ ao se referir à escola (e à educação) como um ciclo. Para

¹⁵ Entrevista realizada no dia 13 de julho de 2017, no Colégio Estadual Frentino Sackser, em Marechal Cândido Rondon – Paraná, pela autora.

ela, tudo tem um começo, um meio e um fim. Todavia, o que se observa é que enquanto vive o meio já almeja pelo fim e por novos começos:

Paloma: Vamos falar um pouco da sua trajetória escolar? **Tatiana:** Eu, quando tinha 14 anos, larguei quando tava faltando dois meses para terminar o ano, burrice por causa de marido. Ano passado eu voltei, mas larguei por causa de serviço. Às vezes eu chegava às 20h, 21h e quando chegava cansada e dormia, não prestava atenção ou acabava não indo. Mas nesse ano eu pretendo terminar, quero fazer dois anos de enfermagem e depois mais quatro anos de estética, é corrido, é puxado, é cansativo, mas vale a pena. A gente se estressa, os professores reclama, mas sem o ensino médio a gente não é nada. Para tudo a gente precisa de escolaridade, de faculdade, diploma e tudo. Só de diarista que não tão pedindo ainda o diploma e as coisas, mas do resto pede tudo. **Paloma:** E o que você acha disso? **Tatiana:** Por um lado eles tão certo e por outro eu acho errado porque um que não tem a escolaridade completa por ter mais capacidade do que aquele que tem, para mim isso às vezes fica na balança, por que eles acham que quem tem a escolaridade completa, a faculdade e essas outras coisas, eles acham que é mais inteligente do que aquele que não tem, que tem mais capacidade. Só que muitas vezes eles tão errado porque às vezes o que tem mais capacidade é aquele que não tem escolarização, mais ai eles não dão oportunidade.

A jovem de 20 anos, estudante do 3º ano do ensino médio, evidencia a importância da escolaridade para conseguir um emprego. Reconhece que as oportunidades no mercado de trabalho são distintas e por isso, mesmo sendo “corrido”, “puxado” e “cansativo” pretende terminar o ensino médio e continuar estudando, capacitando-se para o futuro. Assim sendo, é possível formular que o resultado final da educação, o fim do ciclo educacional para ela é conseguir um bom emprego.

Ter um futuro melhor e um bom emprego estão muito próximos para esses jovens. A educação aparece como responsável por dar sentido à vida desses sujeitos. É a partir da educação que irão mudar sua condição de vida para “melhor”. Por meio dos estudos terão melhores chances de serem reconhecidos e ter poder aquisitivo. Desse modo, a grande maioria dos alunos atribui a esse espaço a função de uma “escada” para conseguir a ascensão social pela educação. Somente ela poderá garantir um “futuro melhor”. Assim, é determinante ser um aluno trabalhador e se manter nessa condição.

Essa perspectiva também pode ser percebida nos questionários. Quando indagados sobre as suas perspectivas de futuro, um número expressivo de jovens indicou que almejavam concluir o ensino superior.



Gráfico 09: Expectativas para o futuro.

Questionário aplicado em Escolas Públicas de Marechal Cândido Rondon – PR.

Fonte: Tabulação feita pela autora. Nota: Questão aberta com possibilidade de múltiplas respostas.

Dentre as maiores preocupações e desejos para o futuro estão ter um bom emprego, com 42% e ter uma faculdade, com 40%. Ambas as opções apareceram simultaneamente em muitos dos questionários. Igualmente nas falas dos jovens, é possível identificar que, para muitos, ter um bom emprego só será possível se tiverem concluído o ensino superior. Estella compartilha dessa visão; retomando sua narrativa, ela aponta que “[...] eu agora não tenho uma faculdade para ganhar um salário razoavelmente bom” (ESTELLA, 2017). Por isso, ela pretende terminar o ensino médio e ingressar no curso de Pedagogia. O discurso, de que a educação promove a ascensão social, é algo incorporado na vida desses sujeitos.

Entretanto, como se apropriaram de tal visão? Talvez seja pela reprodução paulatinamente dessa perspectiva por membros de sua família ou amigos, ou por eles mesmos

compararem e observarem outras trajetórias que, sobre seus critérios, “alcançaram” modos de vidas que almejam. Desse modo, muitos acabam acreditando que “ter um bom emprego” ou “concluir o ensino superior” depende unicamente das suas vontades e ações. Atribuem à dimensão individual, ao mérito e à responsabilidade de atingirem suas expectativas e projeções para o futuro.

Tal análise é superficial, na medida em que não avaliam outros determinantes fundamentais para a sua inserção no mercado de trabalho. É preciso compreender o jogo de relações do capital, o sistema econômico e as políticas adotadas no país. Por esses fatores, não cabe ao âmbito do esforço pessoal conseguir determinada “oportunidade”. A sociedade incute no trabalhador que a responsabilidade de conseguir um emprego e de manter-se empregado depende unicamente dele; porém, não distingue que são casos isolados que conseguem se “sobressair”. Não existem saídas individuais para todos, alguns casos são exceções e não a regra geral. Como declara Thompson (2002),

[...] a educação passou a ser vista, em grande escala, e por muita gente da própria classe trabalhadora, simplesmente como um instrumento de mobilidade social seletiva. Além do mais, seja qual for o método de seleção, todo o sistema trabalha de modo a confundir certos tipos de capacidade (ou facilidade) intelectual com realização humana. A aprovação social do sucesso educacional é assinalada de uma centena de modos: o sucesso traz recompensa financeira, um estilo de vida profissional, prestígio social. Ela se apoia numa apologia completa de modernização, necessidade tecnológica, igualdade de oportunidades. Não é preciso trabalhar muito tempo dentro de uma universidade para se descobrir que até mesmo os membros mais humanos dos corpos docente e discente acham difícil não equiparar o progresso educacional a uma avaliação de mérito humano. E muitos dos que estão fora das universidades, dos que não conseguem provar a si mesmos serem suficientemente iguais para galgar os degraus da oportunidade, têm gravada sobre si mesmos, de maneiras opostas, uma sensação não de diferença, mas de fracasso humano. (THOMPSON, 2002, p. 43).

Aqui, é preciso considerar a historicidade dessas relações. Por mais que a educação continue sendo vista por muitos como uma forma de ascensão social, da classe trabalhadora, os tempos mudaram. Concluir o ensino superior, algo que seria uma façanha em outros períodos, tornou-se, na atualidade, uma realidade acessível e possível aos jovens, seja devido ao funcionamento das universidades públicas ou à criação de programas como o Programa

Universidade para Todos (PROUNI) e o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES). Nas palavras de Santos e Gimenez (2015),

Em 2012 eram 31.866 cursos de graduação no Brasil, em 2.416 instituições de ensino superior (304 públicas e 2.112 privadas). Do total de alunos em 2012, 5,1 milhões (73%) estavam em instituições privadas e 1,8 milhão (27%), em instituições públicas. No mesmo ano, do total de candidatos inscritos em vestibulares, 56,3% almejavam as universidades públicas (6,7 milhões) e apenas 547.897 ingressaram nessas instituições (cf. MEC/Inep). Diante desses dados, conclui-se que, a despeito da expansão de vagas nas instituições públicas e das diferenças entre escolas públicas e privadas relativas à qualidade do ensino, foram as vagas criadas nas instituições privadas que ampliaram sobremaneira as possibilidades de inserção dos jovens brasileiros no ensino superior nos anos 2000. (SANTOS; GIMENEZ, 2015, p. 161).

Essa inserção pode até ser preconcebida pela perspectiva do livre mercado, mas, devido às desigualdades de “concorrência” entre esses próprios jovens, coloca-se em xeque esse pressuposto liberal. A facilidade no acesso não significa o fim das desigualdades e, muito menos, uma boa formação para os jovens. O FIES e o PROUNI são resultados de políticas focais de curto alcance, são medidas paliativas, que não garantem a permanência dos estudantes. Infelizmente, no Brasil, a educação não é vista como prioridade nacional. Cada vez mais, as universidades públicas são sucateadas pelo próprio governo.

Existe um grande debate sobre a “democratização” ou “massificação mercantil” do ensino superior. Incontestavelmente, essa questão apresenta consequências e uma nova estruturação do mundo do trabalho. Se podem agora ingressar no ensino superior, qual curso irão escolher? O que trará satisfação pessoal ou o que proporcionará status social? O que desejam fazer ou o que aparenta ser financeiramente rentável? Novas possibilidades, novas questões para esses jovens.

Como afirmado anteriormente, 40% dos jovens esperam que, com a conclusão do ensino superior, a sua inserção e a sua permanência no mercado de trabalho seja facilitada. Esperam ter vantagens e melhores possibilidades de atuação profissional. Nessa tentativa, buscam adaptar-se dentro dos padrões esperados para o mercado de trabalho.

Ter uma profissão é visto como a alternativa para não dependerem de empregos em que possam ser facilmente substituídos, demitidos, realocados. Mais do que a conclusão do ensino superior, reconhecem a importância de fazer especializações. Assim sendo, buscam, a seu

modo, serem “diferenciados”, pautando-se em elementos e crenças comportamentais para isso, como se depreende do excerto a seguir:

Paloma: E quais são as suas expectativas para o futuro? **Luciana:** Quero me formar em Psicologia, quero ter uma estabilidade boa, a minha casa, as minhas coisas, chegar no topo da vida e dizer “eu consegui”, ver que cada degrauzinho valeu a pena. Tudo o que eu quero e enquanto eu não tiver, eu não sossego.

Nas entrelinhas das entrevistas, é possível compreender a importância da educação para os jovens trabalhadores. Eles se preocupam com o trabalho e é a partir dele que olham para sua própria escolarização. Por isso, é impossível separar o sentido que o trabalho e a educação têm. O trabalho estrutura a vida e a educação pode fornecer o modo de viver que almejam. Isso fica perceptível até nas projeções que realizam:

Paloma: E como você se imagina daqui a 10 anos? **Juliana:** Casada e com uma família, bem, com uma faculdade boa, um trabalho bom e que meu marido também tenha feito uma faculdade, que meus filhos pensem em fazer faculdade também, que eles consigam ter uma profissão boa, não precisa ser médico e essas coisas, tendo uma faculdade tá bom já, mas, eu me imagino feliz. **Paloma:** Então, fazer faculdade é importante para você? **Juliana:** Nossa, a minha tia me motiva muito, que se ela não tivesse estudado o tanto que ela estudou hoje ela não seria essa pessoa que ela é, ela teria se tornado uma outra pessoa porque, tipo, ela era do tipo que não tava nem aí para nada, aí ela começou aos poucos lendo e foi achando interessante, foi pegando gosto pelas histórias de antigamente e aí ela foi fazer a faculdade de História e depois Psicologia, ela tá fazendo já, ela faz a distância, daí ela me ajuda bastante, corrige minhas redações e eu aprendi bastante com ela, ela sempre vai lá em casa, daí isso me motiva, ela fala tanto do quanto precisa de uma faculdade se você quer ter uma profissão boa ou que você goste você tem que estudar porque hoje em dia, do jeito que está as coisas, você não vai para frente sem estudar e só tem a tendência de piorar.

Juliana¹⁶, 17 anos, estudante do 3º ano, ainda não sabe qual é a área que pretende seguir. Das certezas que tem é que o ensino superior pode proporcionar uma profissão. Um futuro bom está diretamente relacionado ao ensino superior para ela. O ensino médio, dessa forma, é uma

¹⁶ Entrevista realizada no dia 11 de julho de 2017, no Colégio Estadual Marechal Rondon, em Marechal Cândido Rondon – Paraná, pela pesquisadora.

etapa a ser concluída para o início de uma nova fase. A experiência de sua tia a inspira a seguir o caminho universitário, para seguir para “frente”.

A partir do exposto, é expressivo como os jovens trabalhadores querem estudar, fazem de tudo para estudar e permanecer estudando. A educação é importante para eles na medida em que possibilita a esperança de um futuro melhor. Para tanto, acreditam que a partir da educação irão conseguir um bom emprego, pois reconhecem que a necessidade de qualificar sua inserção no mercado de trabalho (devido à competitividade nesse meio). Assim sendo, enfrentam todas as dificuldades para conciliar trabalho e educação.

É uma esperança e é um desafio. Bauman (2001) enfatiza que para conseguir um bom trabalho não é mais possível depender unicamente do nível educacional, tendo em vista as mudanças da sociedade capitalista. Estudar deixou de ser o caminho seguro para assegurar o emprego desejado. Segundo o autor,

[...] o trabalho escorregou do universo da construção da ordem e controle do futuro em direção do reino do jogo; atos de trabalho se parecem mais com as estratégias de um jogador que se põe modestos objetivos de curto prazo, não antecipando mais que um ou dois movimentos. (BAUMAN, 2001, p, 159).

Parece-me que esses jovens têm feito a leitura possível dessa realidade incerta e, embora condicionem o bom emprego à educação, reconhecem que um não pode esperar pelo outro. Eles não esperam, dentro das condições e dos limites de sua existência, mas procuram estrategicamente trabalhar, ainda que em condições precárias e ao mesmo tempo se preparam para o futuro, ainda incerto, estudando. No processo; porém, o que percebe é que o trabalho tem uma posição central, pois, até mesmo quando os jovens atestam a importância da educação, sublinham sua relação com o trabalho, com um bom emprego.

2.2. Entre a escola e o trabalho: buscando um equilíbrio

No início desta pesquisa, estava mais preocupada em discutir se era possível ou não conciliar trabalho e educação do que investigar como os alunos trabalhadores fazem para encontrar um equilíbrio, para sincronizar essas duas esferas. Ao longo do trabalho com as

fontes, sejam por meio das entrevistas ou dos questionários, ficou nítido que os jovens fazem uma ponte e não foi mais possível defender o fracasso dessa tentativa. Entretanto, desse primeiro olhar, um tanto quanto contaminado, restou um fato interessante, expresso no gráfico a seguir. Uma das questões do questionário perguntava se era possível conciliar trabalho e educação; a resposta não foi unânime.

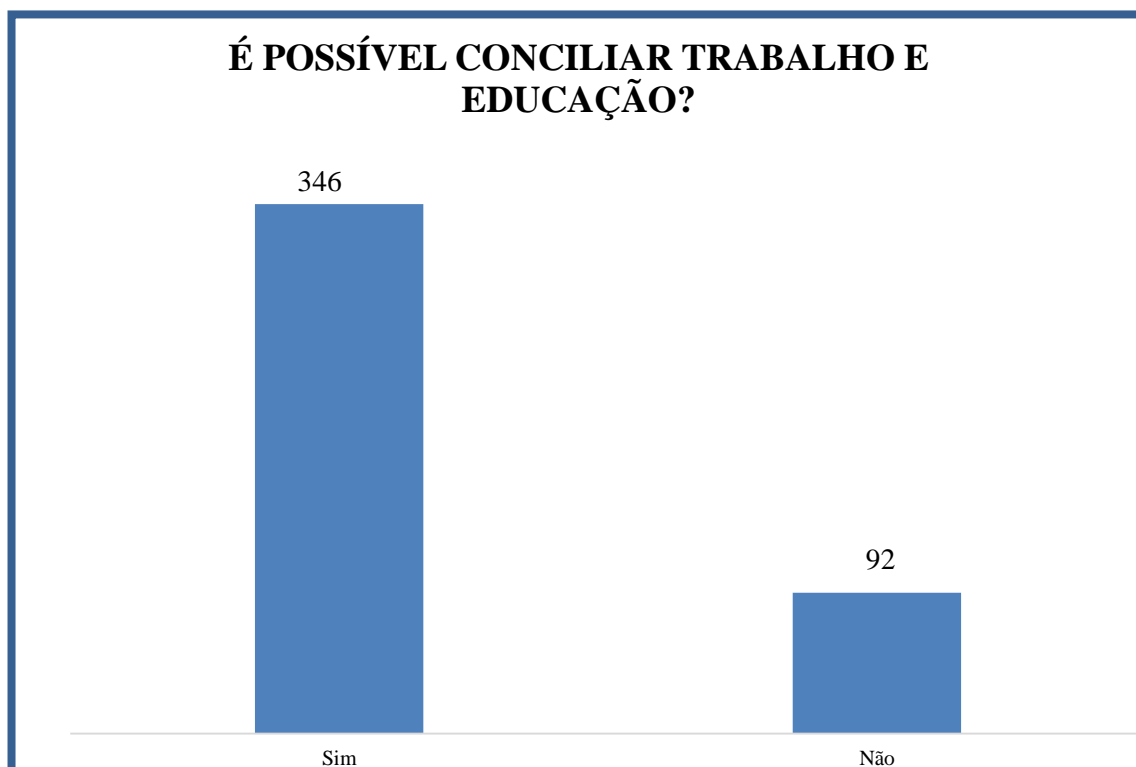


Gráfico 10: É possível conciliar trabalho e educação?
Questionário aplicado em Escolas Públicas de Marechal Cândido Rondon – PR.
Fonte: Tabulação feita pela autora. Nota: Questão fechada, podendo assinalar apenas uma alternativa.

Por que 22% dos jovens responderam que não é possível conciliar trabalho e educação, mesmo que, na prática, é o que realizam diariamente? Apesar de juntar em um mesmo dia escola e trabalho, essa junção não precisa ser necessariamente positiva. Alguns sinalizam para que essas ocupações, vivenciadas de formas simultâneas, tendem a comprometer o aprendizado da esfera escolar e a disposição na esfera laboral. Ou ainda, indicam uma visão da clara distinção entre os objetivos do trabalho e os objetivos da educação, não bastar estar nos dois espaços, é necessário vive-los de forma conjunta e integrada.

As diferenças entre a esfera laboral e a esfera educacional são inúmeras. A cisão entre essas duas dimensões é resultado de uma sociedade que se estrutura na desigualdade e na estratificação. Para definir as classes e determinar a posição social, os critérios não são puramente econômicos. Em termos ideológicos foram forjados pelos grupos dominantes um conjunto de práticas, ideias que não apenas sustentam, justificam, mas ajudam a reproduzir esta desigualdade. A separação entre educação e trabalho é parte desse mecanismo. Ela é necessária para definir os papéis sociais. Desse modo, para estruturar a vida, as pessoas são empurradas, isto é, são pressionadas a escolher entre dois caminhos: trabalhar, para ter uma vida melhor, ou estudar, para ter uma vida melhor.

Eles não podem deixar de estudar e, em muitos casos, por determinações puramente econômicas, não podem deixar de trabalhar. Precisam de uma renda que pode ser vital para sua sobrevivência e/ou de seu núcleo familiar. Essas imposições não são vivenciadas como um drama, um castigo, mas como um desafio que precisa ser enfrentado. É preciso destacar que essas obrigações são resultados também de determinações políticas e ideológicas, que reforçam a existência de alunos trabalhadores. A legislação permite a contratação de jovens, na modalidade de “aprendizes”, a partir dos 14 anos. Mesmo fora do amparo legal, trabalhar e estudar, para os jovens da classe trabalhadora, é acolhido naturalmente pela sociedade, sendo incentivado pelos familiares e amigos. Assim, é comum encontrar jovens trabalhando no comércio da cidade, em estabelecimentos de prestação de serviços, trabalhando de quatro a oito horas diárias. Muitos desses não têm carteira assinada, negociam diretamente com os patrões as condições de seu próprio trabalho.

Entre a obrigatoriedade de estudar e as determinações econômicas, os jovens trilham seus caminhos. A educação básica pública gratuita é um direito e ao mesmo tempo pode ser vista como um dever até completarem 18 anos. A constituição federal determina, em seu Art. 227, que “*É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito (...), à educação, (...)*” (BRASIL, 1988). Em razão dessa determinação constitucional, os jovens precisam frequentar o espaço escolar, caso contrário, seus pais/responsáveis podem ser punidos com multas ou detenções, conforme o Art. 246 do Código Penal Brasileiro. Nos 14 anos que passam nas instituições escolares, precisam aprender a ler, a escrever e a dominar as quatro operações matemáticas. Devem estabelecer o convívio social adequado, regido por atitudes permitidas e proibidas. A escola assume o papel de preparar esses sujeitos para o mundo, para serem cidadãos e, principalmente, trabalhadores.

E esse processo não é recente e muito menos natural. Velloso (1984) já apontava em suas análises as intencionalidades das instituições escolares, sobre a função de sociabilização promovida pela escola para a estrutura de emprego da sociedade capitalista. Segundo ele, o debate sobre a “formação cognitiva”, o conhecimento ofertado pela escola, está diretamente relacionado à “formação de recursos humanos”, a serviço do capital. O autor ainda argumenta:

A análise do que produz o sistema escolar pode ser feita a partir de suas funções historicamente observáveis. Poder-se-ia postular que a escola busca preparar cidadãos para a vida em sociedade. Nesta busca, diante do objetivo de eficiência nas relações entre escola e sociedade, uma de suas funções seria preparar para o mundo do trabalho. Haveria então a procura de uma correspondência entre educação e trabalho. Ora, este trabalho é desempenhado, nas sociedades objeto de nossa análise, em uma organização capitalista do processo de produção, cujos traços básicos esboçamos acima. Postula-se então, que as funções da escola correspondem essencialmente às necessidades do modo capitalista de produção. (VELLOSO, 1984, p. 16).

Ao “buscar preparar cidadãos para a vida”, a escola procura fazer com que as crianças, adolescentes e jovens, aprendam sobre direitos e deveres. O grande problema é que, ao exercerem tal função, reafirmam o conservadorismo e reproduzem a desigualdade vigente e estrutural de nosso mundo. Isso ocorre na medida em que a instituição escolar consegue “*garantir a reprodução social e cultural como requisito para a sobrevivência da sociedade*” (PERÉZ GÓMEZ, 1998, p. 14). É sempre bom lembrar que a crise da educação, do sistema educacional, é um projeto cuidadosamente articulado aos interesses da classe dominante. A escola até pode ser um lugar de emancipação humana, aos moldes de Paulo Freire (1982), mas isso ainda não é regra.

Contudo, o que observo é que os jovens entrevistados não aceitam inteiramente essas pressões. Embora sejam pressionados a acolher a ideia de que é no trabalho e não na educação que poderão forjar seu futuro, o que vemos é que há um grupo significativo que não abre mão de estudar. E é por isso que o esforço que esses jovens realizam para unir esses dois universos, que tendem a não estabelecer nenhuma relação entre si, deve ser compreendido. Afinal, não é suficiente o argumento de que a maioria dos jovens permanece na escola por uma determinação

legal. As ocupações de escolas¹⁷ realizadas nos últimos anos indicam que a juventude tem expectativas com relação à educação.

A partir das entrevistas realizadas (todas feitas em escolas públicas de Marechal Cândido Rondon – PR, com alunos do ensino médio, em 2017), foi possível identificar como eles constroem uma relação pragmática entre trabalho e educação. Mesmo reconhecendo a dificuldade em ser, ao mesmo tempo, um aluno que precisa trabalhar e um trabalhador que precisa estudar, esses jovens fogem das determinações, não escolhem e tentam a sua maneira acessar, conciliar os mundos do trabalho e da escola. Em suas reflexões, apresentam a sua leitura da realidade e mostram como, na vida deles, educação e trabalho estão articulados.

Paloma: Você acha que é possível escolher entre estudar e trabalhar?

Diogo: É bem difícil, é difícil escolher entre estudar e trabalhar porque um precisa do outro, você precisa do trabalho para manter os estudos e precisa dos estudos para manter o trabalho, um relacionado com o outro porque se você largar um você não consegue fazer o outro, se você largar os estudos você vai mal no trabalho, não porque você para de aprender mas sua aprendizagem é mais fraca, vai mais devagar no aprender uma coisa assim que você precisa ler e interpretar alguma coisa, e se você não trabalhar não tem como se manter na vida para você estudar. Eu acho que não dá para escolher só uma coisa, a não ser se a pessoa seja muito bem de vida e tenha um pai que sustente, mas isso não é o meu caso (risos).

Esse trecho faz parte da entrevista que realizei com o Diogo¹⁸. Essa conversa, sobre a sua trajetória e a sua experiência como aluno trabalhador, ocorreu em uma noite fria de julho, na biblioteca do Colégio Estadual Frentino Sackser. Para o jovem, de 24 anos, estudante do

¹⁷ A “Primavera Secundarista” ou ainda “Primavera Estudantil”, como ficou conhecida a série de ocupações em instituições de ensino no país no ano de 2016, reafirmou que a luta por uma educação de qualidade não se restringe ao estado de São Paulo (movimento de ocupações contra a reestruturação do sistema educacional estadual, proposta pelo governo de Alckmin, em 2015). Ao utilizarem tal intitulação a esse movimento, ao ato de luta e esperança, faz alusão a outros grandes eventos históricos como a Primavera dos Povos ou a Primavera Árabe, em que houve um florescer revolucionário. Eles lutaram, organizaram-se e resistiram. Foram mais de 1.000 instituições ocupadas, contando com as Universidades e Institutos Federais. Um movimento horizontal e espontâneo, organizado e gestado pelos estudantes. Entre as principais pautas estavam a revogação da Medida Provisória (MP) 746, que impõe uma reforma do ensino médio sem debate com a sociedade, o repúdio total à Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 241, que agora tramita no Senado como PEC 55, e a rejeição ao PLS 193/16, que propõe o “Programa Escola sem Partido”, considerado uma “Lei da Mordaça”. Eles floresceram, deram cor e vida aos espaços escolares, mesmo com todas as tentativas do Estado e de uma parcela da sociedade para suprimir as ocupações. As imagens, vídeos, cartazes e depoimentos desses dias apontam para a dimensão política experimentada pelos estudantes. Ficou evidente que eles se preocupam com a educação e com os projetos que tentam sucatear o ensino público. Como recomendação, assistir o documentário “Ocupações Estudantis: Por eles mesmos, disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Fc8ImhiVWbU>>.

¹⁸ Entrevista realizada no dia 10 de julho de 2017, no Colégio Estadual Frentino Sackser, em Marechal Cândido Rondon – Paraná, pela pesquisadora.

segundo ano do ensino médio, trabalhar e estudar aparecem como duas dimensões inseparáveis. Sua percepção contrária e confronta-se às determinações estruturais que indicam que ele precisa escolher. A seu modo, Diogo analisa a sua situação e de maneira simples revela a equação que resume a sua posição dentro quadro social. E em sua equação, trabalho e educação se complementam. Sua soma é definidora da sua existência no mundo.

Segundo os padrões e parâmetros escolares estabelecidos, Diogo se encontra fora da relação idade/série prevista. Nos termos dessa relação, os estudantes do ensino médio devem ter idade que varia entre 15 e 18 anos. São sete anos de “atraso” até o momento de nosso encontro. Foram quatro reprovações, três delas por frequência escolar e uma por notas baixas. Com 20 anos, cursava o 1º ano do ensino médio e decidiu parar de estudar porque, segundo ele, “*os horários não batiam*” (DIOGO, 2017). Aos 22 anos, retomou os estudos.

Nessa trajetória errática e acidentada na escola, Diogo organiza sua narrativa de vida e trabalho. De certo modo, essa trajetória revela as dificuldades implicadas na escolha feita por ele. A incompatibilidade de horários, as reprovações por frequência e por nota podem ser consideradas como evidências da difícil tarefa de conciliar escola e trabalho. Apesar disto, Diogo, aos 24 anos, permanece tentando concluir o ensino médio e mais, defendendo a indissociabilidade entre educação e trabalho. Ele permanece tentando juntar o que institucional e socialmente está separado.

A trajetória de Diogo é singular, mas representativa. O caso do jovem se repete em muitas outras situações em que jovens que insistem em estudar e trabalhar acabam demorando mais que o “tempo necessário” para se formarem. Começou a trabalhar com 14 anos, desde o ensino fundamental, em uma empresa de Reciclados, separando materiais. Segundo ele, a indicação de seu pai, quase um apelo, foi fundamental para que conseguisse a vaga. O patrão “comovido” o contratou *para trabalhar, para dar uma mão para a família inteira né, que daí todo mundo saia ganhando* (DIOGO, 2017). Mas quem é “todo mundo”? Além do próprio Diogo, outros se beneficiariam com sua inserção no mercado de trabalho. Sua família deixaria de custear exclusivamente todas as despesas do jovem e desse modo, sobraria um pouco mais de dinheiro ao final de cada mês. Com sua renda, ele mesmo poderia comprar produtos e serviços que desejava, sem depender da renda de seus pais. Além disso, o patrão, a partir de um acordo informal, teria um empregado sem precisar pagar por todos os direitos trabalhistas reconhecidos pela CLT.

A motivação do jovem para começar a trabalhar estava vinculada à remuneração e ao que poderia fazer com ela. Detestava ter que pedir dinheiro para seus pais para poder sair nos fins de semana com os amigos, ainda mais quando eles realmente não tinham dinheiro para fornecer ao jovem. Queria comprar roupas, calçados e queria ajudar nas despesas de casa. Ao contribuir com a renda do núcleo familiar, possibilita a aquisição de bens que serão usufruídos por esses, permite melhor a qualidade de vida de seus pais e irmãs. Um novo eletrodoméstico, comprar frutas no mercado, manter todas as contas em dia. Cada centavo a mais na partilha das despesas é essencial. Assim, desde 2007, passou a dividir o seu tempo e as suas energias entre essas duas esferas.

Passou também a se sentir responsável por fazer convergir trabalho e escola e atribuiu para si a culpa pelas faltas, pelas reprovações e pela vontade que teve de desistir de estudar. Quando completou 18 anos, começou a trabalhar em período integral, como mecânico. O cansaço físico e psicológico, a vontade de ter tempo para jogar futebol, namorar, assistir a TV, pesaram no equilíbrio entre esses dois mundos. Diogo rememora que teve seu lado positivo em ficar um tempo fora da escola: sobrava tempo para viver. Era bom ficar em casa, dispor de um período livre, ter a possibilidade de fazer várias coisas ou não fazer nada, sair de casa ou descansar.

Ele poderia não ter retornado à escola, mas não optou por essa possibilidade. Em um dia de 24 horas, trabalhando oito horas diárias, ficando na esfera escolar por 4 horas, somando o tempo de deslocamento de sua casa para esses locais e o período em dorme, quando pode ficar com sua família? Quando pode fazer alguma coisa, além de cumprir horários? É possível ter hobbies? Assistir filmes ou séries? Ver os amigos? Os sábados e domingos aparecem como dia de descanso e tentativa de fugir dessa rotina.

Acreditando na importância da educação e que concluir o ensino médio pode ser um diferencial, segue estudando. Ao afirmar que “*você precisa do trabalho para manter os estudos e precisa dos estudos para manter o trabalho*”, essa concepção, impregnada na fala de Diogo, aponta que não dá para escolher só uma coisa. Filhos de trabalhadores que precisam trabalhar não podem escolher só uma coisa, segundo ele. Tal escolha está reservada a outros sujeitos que “*são bem de vida*” e podem se dar ao “luxo” de somente estudar.

Diogo compreende que se somente trabalhar não irá conseguir ascender socialmente, ou “*vencer na vida*”, em suas palavras. Enquanto apenas trabalha, vende sua força de trabalho sem perspectivas de mudança ou de crescimento profissional. Para conseguir o salário que almeja,

ter uma boa profissão, conseguir comprar casa, carros e usufruir de bens e serviços, precisa ter qualificação profissional. Para isso, precisa estudar, fazer cursos na área em que trabalha e pretende seguir. Entre uma aula e outra, a cada certificado de conclusão, mais que a titulação, adquire um saber específico. E é isso que irá o diferenciar de tantos outros trabalhadores. A qualificação possibilita dominar um conjunto de conhecimentos teóricos, técnicos e/ou operacionais que são/serão fundamentais para a realização de seu trabalho.

Assim sendo, para conseguir o emprego desejado, é necessário de um conjunto: qualificação profissional e experiência profissional. Ele compreende que essa qualificação só virá por meio da escolaridade. Nessa direção, evidencia o papel dos estudos em sua vida: é a partir da educação que poderá ter melhores oportunidades e é por isso que acaba retomando seus estudos.

Vicente também avalia que precisa continuar estudando para ter mudar sua relação com o trabalho. Educação e trabalho caminham juntos como necessidades para os jovens da classe trabalhadora.

Paloma: O que você acha que é mais importante: estudar ou trabalhar?
Vicente: Estudar... **Paloma:** Por quê? **Vicente:** Até porque, como eu trabalho num serviço desses, que é muito puxado, eu até recebo umas brincadeiras, que eles falam “é por isso que você precisa estudar cara, senão você vai ter que trabalhar nisso o resto da sua vida”. **Paloma:** E o que você acha desses comentários? **Vicente:** Ah, eu acho que realmente faz sentido, não que eu tenha que trabalhar em um serviço tão puxado que nem agora, assim, eu não sou rico também para não precisar do estudo, eu quero ter um curso superior. **Paloma:** E o que você pretende fazer? **Vicente:** Eu quero fazer agronomia, eu tô entre agronomia e gastronomia. **Paloma:** Como você se imagina no futuro? **Vicente:** Olha, eu nunca pensei em ser rico, mas eu sou muito preocupado, eu sempre penso em ter estabilidade, eu me imagino com uma casa, um carro, uma família.

Esses jovens não querem abrir mão da educação e muito menos do trabalho. Diogo e Vicente, entre tantos outros, encaram o desafio de estudar e trabalhar. É uma dificuldade na medida em que, no cotidiano, no emaranhado das relações sociais, o trabalho nega a escola e a escola nega o trabalho. Os jovens presenciam uma disputa, na qual a vitória é a harmonia entre estudar e trabalhar.

Enquanto o trabalho oferece condições materiais para sua sobrevivência, a educação é vista como uma alternativa para romper com a condição de trabalho experimentada. Desse

modo, pretende concluir o ensino médio e ingressar no ensino superior, buscando uma qualificação profissional, para não precisar mais realizar atividades que demande de tanto esforço físico. É interessante notar que, para ele, pessoas pobres precisam estudar mais do que pessoas abastadas. Considera que, se fosse rico, talvez não tivesse que se preocupar em “ter uma boa formação para conseguir um bom emprego”. Essa estabilidade financeira que tanto deseja seria proporcionada pela condição financeira dos pais.

É difícil conciliar esses dois mundos, permanecer estudando e trabalhando. O sincronismo é estabelecido de forma tensa e às vezes nada sutil. Daiana¹⁹, 16 anos, estudante do 2º ano do período noturno, começa seu dia às 06h30min da manhã. Mora em uma casa (com sua tia e um primo de dois anos) distante de seu trabalho e da escola que frequenta. Utiliza a bicicleta para se locomover pela cidade. Das 08h30min às 13h, trabalha como vendedora em uma loja de vestuário em Marechal Cândido Rondon - PR. Até às 14h, geralmente, já está em casa novamente. Alimenta-se, faz as tarefas domésticas, toma um banho e já coloca o uniforme da escola. Às 16h inicia o “segundo turno”, trabalho que consiste em auxiliar crianças em uma van escolar, buscando na escola e levando até as suas respectivas residências; essa atividade vai até as 18h40min.

Paloma: E como é trabalhar nesses dois locais? **Daiana:** Ah, eu gosto, eu gosto bastante, mas é bem, bem puxado, aí agora que eu tô na van eu sempre tô chegando um pouco atrasada na escola e daí eles não me deixam entrar e eu já falei para coordenação, mas é complicado, eles não vão deixar eu entrar e eu preciso. **Paloma:** E como fica a questão das faltas? **Daiana:** Eu vou conversar com eles para o homem da van assinar para mim poder entrar, porque não é muitos minutos que eu chego atrasada, é um pouco só, 05 minutos as vezes e eles não me deixam entrar nem por 05 minutos. **Paloma:** E como você se sente perante isso? **Daiana:** Ai, sei lá, não sei por que eu fico meio que incomodada por achar que vou reprovar, sei lá, tá sendo difícil e eu preciso. Tá sendo uma questão de eu conciliar tudo para eu ter um futuro bom, porque assim, sem estudo e sem dinheiro eu não vou conseguir.

Para a jovem, seu futuro depende dessa conciliação, de trabalhar e estudar simultaneamente. Daiana até tenta não chegar atrasada na escola; por isso, antes de sair para buscar as crianças com a van já deixa sua mochila pronta, com os materiais necessários para as

¹⁹Entrevista realizada no dia 13 de julho de 2017, no Colégio Estadual Eron Domingues, em Marechal Cândido Rondon – Paraná, pela pesquisadora.

aulas. Nem se alimenta em casa antes de ir para o colégio. A distância não colabora, principalmente em noites de chuva. O sinal toca às 19h e os alunos que chegam depois desse horário não podem entrar para a primeira aula. Precisam passar pela equipe pedagógica, justificar o motivo do atraso para pegar uma “permissão” para entrar na sala na segunda aula.

Chegar atrasada, nem que seja 5 minutos depois, significa ganhar falta, perder conteúdo e atividades planejadas pelos professores. Do pátio, local em que aguarda o sinal tocar para a próxima aula, é possível ver sua turma estudando. Tão perto e tão longe ao mesmo tempo. Mesmo assim, continua trabalhando na van e tentará encontrar uma brecha para não ser prejudicada pelos atrasos. Pretende fazer com que o seu trabalho (“o homem da van”) interceda junto à escola, legitimando a sua justificativa para poder frequentar todas as aulas. Talvez assim, frente a frente, tanto o trabalho quanto a escola reconheçam que ela se esforça para cumprir os horários.

Aos 13 anos, já sentia a necessidade de ter uma renda, de ocupar seu tempo com alguma atividade que trouxesse uma remuneração. Começou a trabalhar cuidando do filho de sua vizinha nos finais de semana. Ganhava R\$15,00 por dia. Com o dinheiro, comprava doces e comidas na escola. Aos 14, cuidava de uma criança de quatro anos durante o período da tarde, de segunda à sexta-feira. Com 15 anos, começou a trabalhar no administrativo de um supermercado, como “menor aprendiz”, trabalhava quatro horas por dia, no período da tarde e recebia R\$ \$ 659,00 com os descontos. Seu contrato era de 12 meses, até dezembro de 2016. Em janeiro de 2017, recorrendo ao Centro de Integração Escola-Emprego (CIEE), conseguiu uma entrevista na loja na qual trabalha, recebendo R\$ 900,00. A vaga na van surgiu nas primeiras semanas de junho, e obtém desse trabalho R\$300,00 ao mês. Perguntei a ela:

Paloma: E por que você trabalha em dois empregos? **Daiana:** Porque assim, eu quero fazer a minha carteira, eu quero pagar a minha faculdade e comprar a minha moto, então, eu não vou conseguir, a minha mãe não vai poder me ajudar, a minha mãe não tem condições entendeu?!, E ninguém vai me ajudar se não for eu mesma, se eu não correr atrás, aí eu já tô correndo. Eu fiz um consórcio da minha moto e daí eu tô pagando por mês, e da carteira eu tô guardando, e é isso, daí eu vou estudar bastante para conseguir faculdade pública, pelo governo se der. **Paloma:** E o que você pretende fazer? **Daiana:** Arquitetura e urbanismo, daí eu pretendo passar na UTFPR né, só que eu vou ter que estudar para caramba.

Daiana pretende melhorar de vida por meio do trabalho e da educação. Como poderia escolher entre trabalhar e estudar? Ela trabalha para conquistar seu espaço no mundo, ter suas coisas e facilitar seu modo de viver. Ter uma motocicleta ajudaria a chegar mais rápido, seja no trabalho como na instituição escolar. Por isso, a jovem (que completa 18 anos em 2018) considera que é uma necessidade. Além disso, ela estuda para terminar o ensino médio e ingressar em uma universidade.

Nessa rotina, outro dilema que os alunos trabalhadores enfrentam é não levar os anseios do trabalho para a escola e não levar as preocupações da escola para o trabalho. Contudo, essa “interferência”, quando um adentra na esfera do outro, é inevitável. Depois de uma jornada de trabalho, geralmente realizando funções laborais repetitivas, o cansaço físico acompanha os jovens até a o fim da última aula. As provas do fim do semestre, as tarefas e as atividades escolares geram aflição ao longo do dia inteiro. Além disso, vivenciam as pressões de serem jovens (pontuadas no capítulo anterior) e os conflitos familiares. São muitos aspectos que não podem ser negligenciados. O corpo e a mente dão indícios que estão sobrecarregados.

A melhor forma de articular trabalho e educação é lutando todos os dias para “dar conta”, sobrevivendo a cada dia, a cada semana, a cada mês, até que se passem os anos e consigam conquistar seus objetivos. Como em um jogo, a cada dia avançam um nível. Assim, vão lidando com as eventualidades na medida em que elas aparecerem. Almejando a conclusão do ensino médio, eles seguem sem deixar o trabalho.

De fato, conciliar trabalho e escola é uma tarefa muito difícil porque, na forma como estão estruturados socialmente, um exclui o outro. Frigotto (2002 e 1984) e Ciavatta (2005) evidenciam em suas produções que a forma como a escola está organizada continua separando os sujeitos com base na diferença das classes sociais. Aos mais abastados, o conhecimento acadêmico. Aos menos abastados, o conhecimento especializado e o forte incentivo para a inserção no mercado de trabalho. Em meio a essa realidade ter direito e acesso à educação, na condição de trabalhadores, impõe-se um desafio muito grande. Como escola e trabalho não se articulam organicamente, os jovens, em certo sentido, ao tentar estudar e trabalhar simultaneamente, acabam por desafiar essa ordem instituída, mas, tanto de um lado quanto de outro são constantemente pressionados.

Do lado da escola estão aqueles que advogam, não sem razão, que o trabalho atrapalha o rendimento escolar e contribui decididamente para a evasão. Por exemplo, segundo as estatísticas, a principal razão, tanto para homens quanto mulheres se ausentarem da esfera

escolar está relacionada à sua inserção no mercado de trabalho, conforme dados disponíveis do *site* do IBGE, visualizados no gráfico a seguir:

Distribuição das pessoas de 14 a 29 anos de idade que não frequentavam escola, por motivo de não frequentar escola, segundo sexo - 2016

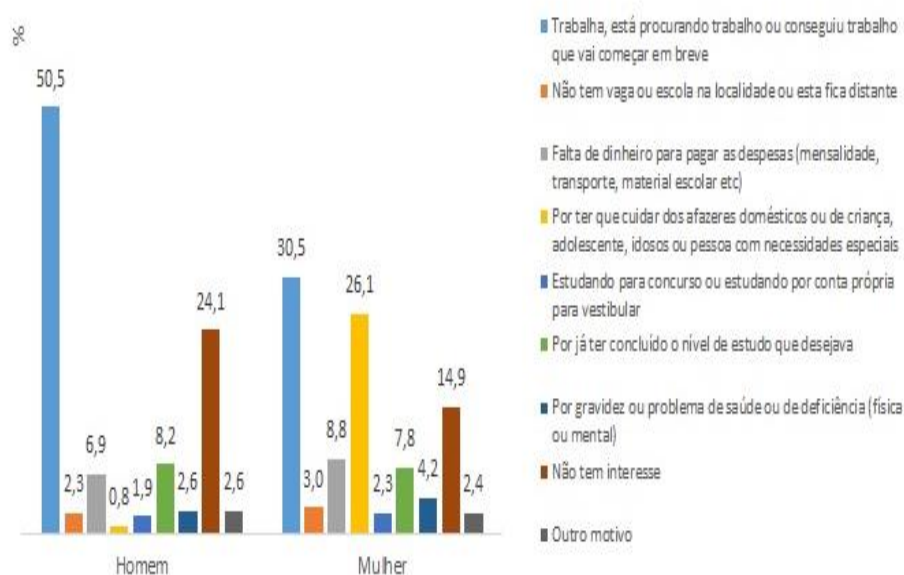


Gráfico 11: Razões para a ausência na esfera escolar. Realizado pelo IBGE, com base em 24,8 milhões de adolescentes e jovens de 14 a 29 anos, em 2016.

Entretanto, o trabalho não pode ser encarado como o grande vilão, como algo negativo na vida de adolescentes e de jovens. Mesmo sendo responsável por parcela significativa da evasão escolar, é por meio dele que muitos jovens têm a chance de continuar frequentando a esfera educacional, arcar com os custos de sua escolarização, seja ele com a compra do material escolar, do transporte, da alimentação.

Para Daniel, ter uma renda traz possibilidades. Começou a vender picolé e frutas quando tinha nove anos. De manhã estudava e durante as tardes ensolaradas rodava o centro da cidade, aqui e ali, oferecendo seus produtos. Com o dinheiro de suas vendas, conseguia comprar seu material escolar. Uma conta anual, pois a cada início de ano letivo, paga por seus cadernos, canetas e demais materiais. Um ano após começar a “faturar” conseguiu comprar uma caixa de lápis de cor da Faber Castell. Um pequeno sonho realizado, dito com muito orgulho. Trabalhar e ter dinheiro proporciona certas felicidades.

Mais que isso, como esses jovens trabalhadores poderiam estudar sem nem conseguir garantir as condições materiais essenciais para sua sobrevivência? O trabalho para Amanda foi a solução para não passar por privações, para garantir as necessidades básicas dela e de sua filha. Assim, trabalhar não é encarado pelos jovens como algo ruim, mas uma necessidade para sobreviver ao mundo e dele fazer parte.

Quando o trabalho (formal ou informal) entra definitivamente na vida juvenil, a escolarização tende a ocupar um plano secundário e, conseqüentemente, associa-se às expectativas de inserção profissional. O desejo de finalizar o ensino fundamental e médio ou de fazer uma faculdade aparece recorrentemente nas falas dos sujeitos. Estabelece-se a partir daí uma relação instrumental com a escola. Os jovens saem da escola porque necessitam trabalhar e voltam a estudar pela necessidade de qualificar sua inserção laboral. Mesmo que a escola dificulte esse processo, como não deixar os alunos entrarem na aula cinco minutos após tocar o sinal, eles insistem em estudar.

A concepção de formação embalada na noção de empregabilidade direciona para o sujeito a responsabilidade de ter êxito ou não, devido às suas próprias ações. Reforça, portanto, a competição capitalista, quanto mais cursos e especializações fizer melhor se sairá, independentemente da qualidade dessa educação. Tais princípios desvelam o modelo de educação liberal, comprometida com o interesse do capital e sua lógica produtivista e de preparação de mão de obra para o mercado de trabalho (CASSAB; NEGREIROS, 2010). A educação passa, desse modo, a ser considerada como imprescindível tanto para o desenvolvimento econômico do país como para obter vantagens pessoais, ser um diferencial na busca por um emprego.

Ao acompanhar alguns alunos, por ter participado de um projeto de iniciação à docência durante a graduação e dar aula em um colégio estadual da rede pública de ensino, verifiquei como a educação é importante e tem significados para eles. Afinal, muitos vão para a escola após uma jornada de oito horas de trabalho. Mesmo aqueles que “dormem” durante as aulas, que faltam com frequência ou não atingem “boas” notas, apenas por frequentarem a esfera escolar, sinalizam algum interesse por sua escolarização e por esse espaço. Ao saírem de suas casas e se dirigem ao colégio, levam consigo intensões, motivações e o sonho de terminar o ensino médio.

Quando vão e estão nas instituições escolares, esses jovens têm o intuito de aprender, buscam ir além do que está nos livros, no material didático e nas aulas. A escola significa um

local conhecimento e de sociabilização para esses jovens, um lugar de trocas. As conversas e as interações com colegas e professores são importantes para orientar os dias. E é mais fácil estudar na escola, uma vez que no trabalho é praticamente impossível realizar as tarefas escolares ou qualquer coisa que não seja o próprio trabalho. Em casa, nem sempre encontrarão o silêncio e as condições necessárias para a concentração, para estudarem. Alguns não têm à sua disposição livros, revistas ou até internet para fazerem suas pesquisas. Fora do espaço escolar, nada favorece esses jovens a estudar.

Dessa ótica, a escola representa um desafio porque não consegue comportar tais necessidades. Não foi organizada para receber esses jovens de tal modo. E assim, muitos se fecham para a escola e focam em uma vivência contraescolar, em uma cultura contraescolar operária, lembrando aqui os apontamentos de Paul Willis (1991). Essa oposição pode ser entendida entre o mundo “formal/institucional” e o “informal”. Buscam um lugar na sociedade para se sentirem inclusos e pertencentes. Esse local, em muitas vezes, é no trabalho.

Ao realizar uma pesquisa etnográfica em uma escola de Hammertown, no centro da Inglaterra, Wills observou que, para ser oposição ao sistema de ensino que valoriza o conhecimento teórico, os “rapazes”, alunos que acompanham e apresentam características marcantes²⁰, passam a dar importância ao conhecimento prático, manual. Buscam no trabalho o conhecimento necessário para a vida e desse modo se inserem, mesmo que precariamente, no “chão da fábrica”. Incorporam que esse é o lugar reservado para eles e que a qualificação pela educação não é a única alternativa.

Jonas²¹ deixou claro em nossa conversa que a única motivação que o faz ir à escola é porque precisa da certificação da conclusão do ensino médio. Quer realizar um curso de desenho, que tem como critério terá conclusão do ensino médio. Nesse sentido, em que medida não se vê obrigado a terminar a educação básica? O jovem de 18 anos é cartunista e estudante do EJA. De nacionalidade paraguaia, reprovou três vezes no ensino fundamental, em uma escola da rede pública de ensino de Marechal Cândido Rondon - PR. Mesmo dominando a oralidade da língua portuguesa, desde criança teve grandes dificuldades com a gramática.

²⁰ Os dozes “rapazes” analisados por Wills apresentam um comportamento típico: demonstram desinteresse pelas aulas e pelo sistema escolar. Em sala de aula, formam grupos para conversar, fingem estar dormindo, não respondem a perguntas e ficam olhando para o “nada”, ações que demonstram insubordinação. Tal comportamento se aplica também às relações no trabalho. São resistentes às determinações tanto da educação quanto do trabalho.

²¹Entrevista realizada no dia 12 de julho de 2017, no Colégio Estadual Paulo Freire, em Marechal Cândido Rondon – Paraná, pela pesquisadora.

O rapaz, que usa óculos verdes (sua cor favorita) e tem seis tatuagens, quer ser um grande ilustrador. Disse que sempre gostou de desenhar, por isso, nem considerava como trabalho as primeiras caricaturas que realizou. As vendia por cerca de R\$30,00, valor apenas para adquirir novos materiais e manter seu estoque. Sua “fama” se espalhou após expor alguns de seus desenhos na Exporondon (feira de exposições Agropecuárias da cidade). Em alguns meses chegou a fazer mais de seis retratos e tinha até fila de encomenda.

Seus desenhos se tornaram um “trabalho sério”, em suas palavras, quando assumiu o compromisso de ilustrar um livro didático produzido por uma escola de inglês da cidade. Por gostarem do trabalho realizado, acabou sendo efetivado por essa instituição. Ajuda a ilustrar provas, apostilas, entre outras coisas. Recebe R\$ 850,00 por mês. Seu dia começa às 05h da manhã. Como mora afastado da cidade, pega um ônibus até seu local de trabalho. Às 07h30min começa seu turno, e para ao meio dia, mas não vai para casa para almoçar devido à distância. Alimenta-se em seu local de trabalho, dorme até voltar, às 13h20min, quando retornam as atividades. Do trabalho vai direto para a escola, permanecendo nesse espaço até às 22h30min. Em 45 minutos de ônibus, chega em casa, toma um banho e prepara-se para dormir.

Paloma: E o que os seus pais acham disso? **Jonas:** Disso de estudar e trabalhar? Eles me apoiam, eles acham legal, na verdade eles do jeito que os meus pais são eles queriam eram só que eu estudasse do que trabalhasse, porque eles não tiveram essa oportunidade, e para eles, eles acham muito bom que eu estou estudando... **Paloma:** E o que você acha que é mais importante: estudar ou trabalhar? **Jonas:** Atualmente, eu não acho que estudar é escola, eu estudo fora, eu tiro um tempo, eu tenho no meu celular tudo agendado e ele toca a cada pedaço para eu ir tirar um tempo do meu serviço para meia hora de manhã e meia hora de tarde para estudo, eu faço assim, estudo de desenho em si, e eu acho isso importante, mas estudo da escola mesmo eu não posso dizer que... Eu tô fazendo, mas eu não levo ela quão importante como eu levo o estudo de desenho, se eu fosse escolher, claro, que eu venho porque eu tenho que fazer isso, é uma obrigação, eu tenho que fazer, eu acho que pelos meus pais eles iam gostar bastante, e é para agradar os meus pais, mas se fosse escolher entre estudo da escola aqui e estudo de desenho, eu preferiria estudo de desenho porque eu passo muito tempo ali e fico ali, aqui não, eu faço mas sem prestar muita atenção, e o desenho não, eu tô fazendo e eu tô curtindo sabe?! Eu tô viajando, eu tô gostando e já na escola não é o mesmo. **Paloma:** Você disse que a escola é uma obrigação, por quê? **Jonas:** Eu levo a escola como uma obrigação porque eu tenho que terminar o ensino médio, e tem também o negócio dos meus pais, eu fico triste por antes eu não ter feito isso, eu não ter levado tanto a sério, como agora, não tanto a sério porque eu já tô no meu limite, mas de agradar os meus pais, porque agora eu tô vendo que os meus pais estão felizes que eu não tô fazendo baderna e que sou um aluno, não vou dizer exemplar, mas eu tô me esforçando para manter e estar ativo dentro de sala.

Ele indica outro elemento importante: sobre o aprendizado fora da instituição escolar e o papel formativo da educação não escolar. Mesmo tendo aulas de educação artística na escola, foi assistindo a vídeos-aulas na internet que aprendeu técnicas importantes para seu ofício. Sua experiência fora da escola revela os limites de uma educação que segue um modelo excludente, que não comporta o trabalho como princípio pedagógico. Filmes, músicas, vídeos, livros, conteúdos da internet, conversas, relatos e a própria observação são também grandes “professores”. Desse modo, os jovens sabem que podem recorrer a outros lugares em busca de conhecimento e de informação.

Nessa direção, muitos trabalhadores anseiam apenas o fim dessa etapa em suas vidas para, de fato, estudarem sobre algo significativo para eles, que possa contribuir com sua realidade, seus desejos e sonhos. O que fica evidente é que Jonas gosta de estudar; porém, não os conteúdos definidos pela escola. Gosta do trabalho que exerce, apesar das condições de trabalho e da remuneração inferior a um salário mínimo. É por isso que pretende fazer o curso de desenho, para conseguir uma ocupação na área com direitos trabalhistas reconhecidos.

No que tange à educação, a expectativa que esses jovens têm sobre sua escolarização e a expectativa que a escola tem sobre esses jovens encontram-se em um verdadeiro descompasso. O que os jovens querem aprender não é necessariamente aquilo que a escola pretende ofertar a eles. Essa, seguindo os Projetos Político-Pedagógicos, de modo geral, procura a “padronização” do sujeito, impondo o que é aceitável e o que não é aceitável. Por isso, existem conflitos que vão além da própria relação ensino-aprendizagem. A cultura juvenil, as práticas de resistência e de mobilização ocorrem no âmbito escolar, uma vez que

O encontro dos jovens com a escola é tenso porque tanto a escola quanto os jovens alimentam expectativas. A escola espera receber sujeitos “mais interessados”, mais “adultos”, no sentido disciplinar da forma escolar de socialização. Os jovens buscam uma escola aberta à interlocução, às suas práticas, às suas demandas e às suas trajetórias biográficas. Suas formas de oposição, lidas pelos professores como franca disputa, são um modo de dialogar com a escola. Esta, por sua vez, encontra-se imersa num processo de mutação, de inversão do seu modelo e destituição de sua função educativa. Enquanto os jovens esperam aprender mais, a escola lhes oferece cada vez menos conhecimentos. Ao desprezarem suas vivências escolares e não-escolares, os jovens demonstram a existência de mecanismos e práticas que os incluem de forma degradada no sistema de ensino, ao mesmo tempo em que os excluem-integrando à dinâmica social. Há uma silenciosa produção do fracasso escolar no interior do sistema de

ensino frente à ruidosa entrada dos jovens nas salas de aula. (CORREA, 2008. p. 270).

Por outro lado, o mundo do trabalho tensiona sobremaneira esses jovens. A disputa pelo corpo e pela mente, traduzida nas horas de trabalho, expressa essa pressão. Quais são as incertezas e as frustrações que os acompanham após o trabalho para a escola? Quantas são as preocupações do e sobre o trabalho que ficam no pensamento desses jovens durante uma aula de matemática? O problema mal resolvido com o chefe, um relatório que precisa ser entregue sem falta no próximo dia podem gerar algumas de suas angústias.

Ao longo desta pesquisa, procurei evidenciar que os jovens são sujeitos sociais em seus múltiplos e diversificados aspectos, que constroem suas próprias histórias no ato de “fazer-se”. Enfrentam em seu cotidiano tensões e relações de poder, e lidam com elas, criam estratégias. Idealizam sonhos, expectativas, em seus limites classistas. Articulam trabalho e educação, mensuram a importância e os sentidos dessas esferas. A identificação desses não ocorre apenas por compartilharem de uma mesma experiência, mas por terem uma dimensão coletiva, um mesmo nível de consciência de suas situações.

Ao analisar as vivências dos jovens, que inicialmente conheci no âmbito escolar, não consegui vê-los apenas como estudantes, principalmente depois do evento descrito no início desse capítulo, em que grande maioria dos alunos com os quais convivia já estava inserida no mercado de trabalho e levantou a mão para indicar isso. Os cadernos fechados, braços debruçados nas carteiras e as faltas sinalizam para marcas e presenças do trabalho e também para o fato de que a escola não é flexível para eles. Precisam faltar para escapar do ritmo constante da própria escola. Eles são sim estudantes, mas também são trabalhadores. Demonstram isso em suas falas, ações e no comportamento. São jovens e reconhecem que são pertencentes à classe trabalhadora.

O fato do trabalho e da educação marcarem as condições de vida desses jovens de forma intensa permite a caracterização de um quadro em que tais sujeitos vivenciam um problema geracional. Se para seus avós era difícil ter acesso à escolarização, para eles é difícil não ter a escolarização. Eles precisam trabalhar e precisam estudar. Eles tentam se equilibrar dentro de uma equação social profundamente desigual, que lhes impõe o trabalho como forma de inserção social no mundo. Por outro lado, informa-lhes que vão corrigir essa desigualdade oferecendo-

lhes a oportunidade de estudar. Ocorre que eles não estudam em condição igual, justamente porque trabalham.

Estudar e trabalhar pode não ser encarado como um problema pelos jovens trabalhadores. Não estudar e não trabalhar simultaneamente seria a complicação. Eles enfrentam todos os desafios para manter-se nesses dois mundos: a falta de tempo, o cansaço físico e mental e as tarefas escolares acumuladas. Viver no “limite” parece ser algo normal, é naturalizado em suas rotinas. Esperam que agindo desse modo possam aproveitar os dias que estão por vir, o futuro. Seja por precaução ou por preocupação, agem se preparando para o futuro, que, para eles, depende unicamente de suas atuais escolhas.

CONCLUSÃO

Ao observar a trajetória escolar de muitos jovens, fica nítido que a dedicação exclusiva para sua formação escolar decresce conforme a idade. Principalmente, a partir dos 15 anos, muitos começam a articular em uma mesma rotina ser estudante e trabalhador. Para alguns, essa combinação exige sacrifícios, uma vez que nem todos conseguem estar presentes nessas duas esferas e, por isso, acabam adiando a sua escolarização, seja por abandonos ou por reprovações, devido a faltas ou por notas. Essa questão sempre incomodou-me muito desde que voltei à escola na condição de docente.

Durante a realização dessa pesquisa, muitos foram os aprendizados e os obstáculos encontrados. Dentre eles, os principais estão diretamente relacionados à produção e à análise das fontes. Como professora, sentia um grande incômodo em presenciar noite após noite os jovens abandonarem a escola, deixando de estudar devido ao trabalho. Sentia tristeza com as desculpas “não fiz o tarefa porque estava trabalhando; cheguei atrasado por causa do serviço e/ou não terminei o trabalho em casa porque não tive tempo”. Vê-los dedicando-se ao trabalho e não à educação era um grande problema para mim, mas um problema exclusivamente meu.

Os “fatos” e a minha “filosofia”, a memorar a produção de Alessandro Portelli (1996), não condiziam. Interpretava superficialmente e imparcialmente a realidade à minha frente. Em uma equação simplista, considerava que o trabalho era prejudicial para o processo de escolarização dos jovens. Era uma visão reducionista, pois não considerava como o trabalho é essencial para os jovens da classe trabalhadora.

Em nenhuma das entrevistas realizadas ouvi algum relato do gênero “eu não gosto de trabalhar” ou “o trabalho me prejudica”. É evidente que alguns sinalizavam para as precárias condições de trabalho, mas não reclamavam de ter um emprego. Além disso, os jovens não encaram a articulação de trabalho e educação como algo problemático. Eles gostam de trabalhar, das vantagens que o trabalho oferece para suas vidas. Vai além da própria sobrevivência, ser trabalhador orienta o olhar deles sobre o presente e o futuro. Assim, quando me deparo com as falas, as ações e os sonhos dos jovens com os quais convivi, sou obrigada a reavaliar minhas concepções, a abandonar os julgamentos e compreender a trama social por trás dos atrasos, das faltas e das desistências.

Ao aproximar-me dos jovens, percebi como cada um tem um modo de pensar único. As estratégias, os planos e os desejos são próprios. A juventude é um conceito plural, vivenciada de maneira múltipla, mas a algo que une os alunos trabalhadores. Mesmo que as trajetórias sejam diferentes, elas tornam-se compartilhadas na medida em que a condição de classe, a qual pertencem, os faz vivenciar os mesmos limites e pressões. E é nesse caminho que eles constroem um “elo perdido”, no qual é preciso estudar e trabalhar.

Desse modo, durante a escrita dessa dissertação, procurei evidenciar quem são os jovens da classe trabalhadora, como a educação e o trabalho são importantes em suas vidas e os sentidos que eles atribuem a essas experiências. Seja nas conversas, nos dados dos questionários, os jovens com os quais mantive contato durante a realização desse estudo sinalizam para as expectativas que constroem para o futuro. E esse é o grande ponto: os jovens trabalhadores se preocupam em grande medida com seu futuro. Sentem-se responsáveis por suas escolhas.

Esse é apenas um dos muitos olhares sobre jovens trabalhadores e os desafios que enfrentam em seu processo de escolarização. Muitos são e serão as pesquisas sobre juventude, educação e trabalho. Afinal, cada um desses “eixos” contém inúmeros desdobramentos e questões a serem problematizadas, investigadas. Muitos também são e serão os encaminhamentos para os dilemas da juventude, da educação e do trabalho, não apenas no Brasil. Essa dissertação nunca teve entre seus objetivos apresentar uma resposta às dificuldades que os jovens trabalhadores enfrentam. Seria ingenuidade acreditar que alcançaria tal feito.

Entretanto, se, ao longo dessas páginas, for possível reconhecer o esforço que os jovens realizam para manter-se na condição de aluno e de trabalhador, terei contribuído (mesmo que minimamente) para refletir sobre o papel desempenhado pelos jovens trabalhadores em nossa sociedade e qual é o cenário em que estes atuam. Conciliar educação e trabalho não é uma tarefa fácil para ninguém.

Digo “atuam”, pois esses sujeitos são atores sociais, são protagonistas de seus caminhos. Ficou evidente que constroem suas trajetórias no contexto de um mundo incerto, que trilham suas vidas com base em possibilidades. Na assertiva de Marx, “os homens fazem sua própria história, mas não a fazem segundo sua livre vontade, não a fazem sobre circunstâncias de sua escolha, mas sobre aquelas circunstâncias com que se defrontam diariamente, legadas e transmitidas pelo passado” (MARX, 2008, p. 207). Dentro desse quadro de possibilidades e limites, eles escolhem. Estella, Luciana, Roselaine, Vanessa, Amanda, Carla, Daniel, Diogo,

Daiana, Tatiana, Juliana, Vicente e Jonas, todos ao seu modo, lutam diariamente por continuar, apesar de todas as dificuldades estudando e trabalhando.

No mundo utópico da obra “Notícias de Lugar Nenhum”, de William Morris, publicado em 1891, o autor critica a sociedade do século XIX. Seu engajamento com o partido comunista é central para compreendermos sua angústia em presenciar um mundo desigual. Nessa direção, apresenta em sua produção o cotidiano de um futuro idealizado, propondo outra alternativa para a educação e o trabalho, em que essas esferas se fundem na vivência. Será que do modo esperado por esses 92 alunos que afirmam que atualmente não é possível conciliar trabalho e educação simultaneamente?

William Gueste, personagem principal dessa narrativa, surpreende-se ao acordar em um mundo em que não existem hierarquias e classes sociais, sistema monetário, grandes cidades, discriminação, crimes ou propriedades privadas. Morris descreve com inúmeros detalhes a beleza desse novo mundo, pós-revolução proletária. Nesse futuro, o homem reestabelece sua relação com a natureza, dispensando a tecnologia para ter uma vida simples. As máquinas são utilizadas apenas para facilitar a vida. As pessoas sentem satisfação em realizar os pequenos detalhes, não têm pressa para realizar os diferentes afazeres. E assim, o choque entre os valores das personagens é recorrente em toda a trama.

Afinal, como Gueste (que vivenciou todas as mazelas e contradições do século XIX) compreenderia facilmente que todo o trabalho, desde a construção de estradas até a fabricação dos mais lindos e delicados cachimbos, era visto como algo prazeroso? Que esse era realizado sem a necessidade de pagamento? Como poderia compreender a disposição dos jovens em buscar trabalhos no campo? Como aceitaria adquirir roupas, alimentos e vestimentas sem ter que oferecer algo em troca?

O estranhamento só aumenta quando Dick, jovem que o acompanha em sua jornada, demonstra não saber o que significa as palavras “escola” e “educação”. Desde crianças o conhecimento ocorre sem mediação. A partir do interesse de cada sujeito, da observação e da prática, vão aprendendo a viver em sociedade, a atuar e “enfeitar” o mundo. Não existe a preocupação de que todos devem adquirir o conhecimento formal e acadêmico, mas que devem encontrar sentido e felicidade naquilo que realizam.

O futuro idealizado por Morris não se realizou. Entretanto, essa obra é significativa ao propor um modelo de sociedade em que educação e trabalho não apareçam de forma

antagônicas, mas que de fato sejam dimensões complementares, indissociáveis. Até lá, os jovens trabalhadores articulam a educação ao trabalho, não como Morris descreveu e nem da forma revolucionária ensaiada na Comuna de Paris (COGGIOLA, 2003), mas real e possível no contexto de suas vidas.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa brasileira**. ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, M. Pedro Paulo (org). São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

AMORIM, Rafaela. O jovem no mercado de trabalho paranaense: comparativo entre os censos demográficos de 2000 e 2010. **Cad. IPARDES**. Curitiba v.3, n.1, p. 39-59, jan./jun. 2013

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008

BERMUDEZ, A.C. No Brasil, 44% dos estudantes de 15 e 16 anos trabalham, mostra ranking. **Portal Uol de Notícias**, São Paulo, 19/04/2017. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2017/04/19/no-brasil-44-dos-estudantes-de-15-e-16-anos-trabalham-mostra-ranking.htm?cmpid=copiaecola> . Acesso em 20/09/2017

BOTTOMORE, Tom (Org.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

BRASIL. Lei ordinária nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial – República Federativa do Brasil: Poder Executivo**. Brasília, DF, 2000

_____. IBGE. **Censo Demográfico**. 2010. Disponível em <www.ibge.gov.br>. Acesso em 10 de fevereiro de 2018.

CAETANO, Paloma Mariana. **Dualismo perverso: as experiências de jovens trabalhadores em seu processo de escolarização**. 52 f. TCC (Licenciatura em História, Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras – CCHEL) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus Marechal Cândido Rondon. Marechal Cândido Rondon. 2016.

CARA, D.; GAUTO, M. juventude: percepções e exposição à violência. In: ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L. C. G. (Orgs.) **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, 2007. p.173-198.

CARR, Edward Hallet. **Que é história?** Conferências George Macaulay Trevelyan proferidas por E. H. Carr na Universidade de Cambridge, janeiro-março de 1961; tradução de Lúcia Maurício de Alverga, revisão técnica de Maria Yedda Linhares, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3a ed. 1982.

CARVALHO, Joari Aparecido Soares de. **Alguns aspectos da inserção de jovens no mercado de trabalho no Brasil: concepções, dados estatísticos, legislação, mecanismos de inserção e políticas públicas**. 2004. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/146.pdf>>. Acesso em 22 de junho de 2017.

CASSAB, Clarice. Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. In. Locus **Revista de História**. Juiz de Fora, v. 17, n.02, 2011.

CASSAB, M. A. T.; NEGREIROS, A. Jovens trabalhadores e o debate da redução da jornada de trabalho. *Revista Versus Acadêmica*, Rio de Janeiro: UFRJ, abril de 2010. p. 85-91.

CIAVATTA, M. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 83-105

CORREA, Lúcia Maria. **Entre apropriação e recusa: os significados da experiência escolar para os jovens da periferia urbana de São Bernardo do Campo (SP)**. 292 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. São Paulo. 2008.

CUSTÓDIO, André Viana; VERONESE, Josiane Rose Petry. **Crianças Esquecidas: o trabalho infantil doméstico no Brasil**. Curitiba: Multidéia, 2009

COGGIOLA, O. **Escritos sobre a Comuna de Paris**. São Paulo, Xamã, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Editora Globo, 2008 (1ª edição, 1964)

FRANCH, Mônica. Nada para fazer? Um estudo sobre atividades no tempo livre entre jovens de periferia no Recife. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v.19, n.2, jul./dez. 2002

FREIRE, Paulo. **“Educação. O Sonho Possível”**. In: Brandão, C.R. CHAUI, M.S.; FREIRE, P. Educador: Vida e Morte. Rio de Janeiro: Greal. 1982

FRIGOTTO, G. Educação e a construção democrática no Brasil: ditadura civil-militar à ditadura do capital. In: FAVERO, O.; SEMERARO, G. (Org.). **Democracia e construção do público no pensamento educacional brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 53-67.

_____. **A produtividade da escola improdutiva**. São Paulo: Cortez, 1984.

GUARALDO, Lúcia Maria. **Discursos jovens sobre vida, escola e trabalho: estudo realizado em uma escola estadual de ensino médio em São Paulo**. São Paulo: USP, 2009. 115f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

HARDY, Thomas. **Judas, o obscuro**. Tradução de Octávio de Faria. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1948.

IANNI, O. **Capitalismo, violência e terrorismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

LIETEN, Georges Kristoffel. **O problema do trabalho infantil: temas e soluções**. Curitiba, PR: Multidéia, 2007.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **A revolução antes da revolução**. São Paulo: Expressão Popular. 2008.

MATTOSO, Francinelly Aparecida; PENIDO, João. Juventude e trabalho: o futuro da classe trabalhadora em questão. **Revista Conexões Geraes/ Conselho Regional de Serviço Social de Minas Gerais**. v. 3, n.6 (2015). – Belo Horizonte: CRESS 6º Região, 2015.

MILLS, Charles Wright. O trabalho. In: **A nova classe média**. Tradução de Vera Borda. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MORRIS, William. **Notícias de lugar nenhum ou uma época de tranquilidade. Um romance utópico.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

NASCIMENTO, Yuri Pinheiro do. A crise da sociedade salarial e a proteção social dos trabalhadores: a propriedade social como condição de cidadania. In: HORN, Carlos Henrique; COTANDA, Fernando Coutinho (org.). **Relações de Trabalho no mundo contemporâneo.** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2011. p. 61–98.

PASSETTI, Edson. Crianças carentes e políticas públicas. In: PRIORE, Mary Del (Org). **História das Crianças no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1999.

PEREIRA, Érico Felden; BERNARDO, Maria Perpeto Socorro Leite; D'ALMEIDA, Vânia; LOUZADA, Fernando Mazzilli. Sono, trabalho e estudo: duração do sono em estudantes trabalhadores e não trabalhadores. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 975-984, maio, 2011.

PÉREZ GÓMEZ, A. I. As Funções Sociais da Escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In GIMENO SACRISTÁN, J.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e Transformar o Ensino.** 4 ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história, operários, mulheres e prisioneiros.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/18992-pnad-continua-2016-51-da-populacao-com-25-anos-ou-mais-do-brasil-possuiam-apenas-o-ensino-fundamental-completo>>. Acesso em 04 de jan de 2019.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

PONCHMANN, Marcio. Emprego e desemprego juvenil no Brasil: as transformações nos anos 90. In: **Globalização, Trabalho e Desemprego um enfoque Internacional.** Belo Horizonte: Ciarte, 2001, p. 202-224

_____. **A batalha pelo primeiro emprego: a situação atual e as perspectivas do jovem no mercado de trabalho brasileiro.** 2.ed. São Paulo: Publisher. Brasil, 2007.

_____. **Educação E Trabalho: Como Desenvolver Uma Relação Virtuosa?** Campinas, Vol. 25, N. 87, P. 383-399, Maio/Ago. 2004 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em jul de 2018.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História.** São Paulo, Educ, n. 14, p. 25-39, fev.1997.

_____. “Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História oral”. In **Revista Projeto História.** São Paulo: PUC/SP, n.15, 1997, p.13-50.

PRADO, Adélia. Limites. In.: **Poesia reunida.** 4ª ed. São Paulo: Siciliano, p.262. 1995

SANTANA, Márcio Santos de. A categoria Juventude na pesquisa histórica: notas metodológicas. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH.** São Paulo, julho 2011.

SANTOS, Anselmo Luis dos; GIMENEZ, Denis Maracci. Inserção dos jovens no mercado de trabalho. **Estudos Avançados**, vol.29 nº .85. São Paulo Sept./Dec. 2015

SGUISSARDI, Valdemar. Educação superior no Brasil. Democratização ou massificação mercantil? **Educ. Soc.**, Campinas, v. 36, n.º. 133, p. 867-889, out.-dez., 2015

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009

SOUZA, Candida; PAIVA, Ilana L. Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real. **Estudos de Psicologia**. Rio Grande do Norte, v. 17, n. 3, p.353-360, set/dez. 2012.

TELLES, Vera da Silva. Mutações do trabalho e experiência urbana. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 18, n. ju 2006, p. 173-195, 2006.

THOMPSON, Edward Palmer. Educação e Experiência. In **Os Românticos A Inglaterra na era revolucionária**. Tradução de Sérgio Moraes Rêgo Reis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In.: **Costumes em comum**. Trad. Rosaura Eichemberg. Editora Schwarcz, São Paulo: 1998. p. 267 – 304.

_____. **A formação da classe operária inglesa**. 3 volumes. Coleção Oficinas da História. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

_____. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

TERRIBELLE, Alexssandra de Oliveira. **Juventude, Trabalho e Ensino Noturno: um estudo sobre os jovens da periferia de Goiânia**. Goiânia: UFG, 2006. 92f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Mestrado em Sociologia. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2006.

URT, Sônia. **Uma análise psicossocial do significado do trabalho para os jovens**. Campinas: Unicamp, 1992. Tese (Doutorado em Educação) – Área de Concentração: Psicologia Educacional. Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1992.

VELLOSO, Jacques L. Socialização e trabalho. Escola e produção capitalista. **Em Aberto**, Brasília, 1984. Disponível em: < <http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1487/1462>>. Acesso em 20 de outubro de 2018.

VYGOTSKY, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WILLIS, Paul. **Aprendendo a ser trabalhador: Escola, Resistência e Reprodução Social**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

Fontes

AMANDA. Entrevista 1. [jul. 2017]. Entrevistador: Paloma Mariana Caetano. Paraná, 2017. 1 arquivo .mp3 (41 min.).

CARLA. Entrevista 2. [jun. 2017]. Entrevistador: Paloma Mariana Caetano. Paraná, 2017. 1 arquivo .mp3 (14 min.).

DAIANA. Entrevista 3. [jul. 2017]. Entrevistador: Paloma Mariana Caetano. Paraná, 2017. 1 arquivo .mp3 (18 min.).

DANIEL. Entrevista 4. [jun. 2017]. Entrevistador: Paloma Mariana Caetano. Paraná, 2017. 1 arquivo .mp3 (13 min.).

DIOGO. Entrevista 5. [jul. 2017]. Entrevistador: Paloma Mariana Caetano. Paraná, 2017. 1 arquivo .mp3 (33 min.).

ESTELLA. Entrevista 6. [jun. 2017]. Entrevistador: Paloma Mariana Caetano. Paraná, 2017. 1 arquivo .mp3 (39 min.).

JONAS. Entrevista 7. [jul. 2017]. Entrevistador: Paloma Mariana Caetano. Paraná, 2017. 1 arquivo .mp3 (21 min.).

JULIANA. Entrevista 8. [jul. 2017]. Entrevistador: Paloma Mariana Caetano. Paraná, 2017. 1 arquivo .mp3 (20 min.).

LUCIANA. Entrevista 9. [jun. 2017]. Entrevistador: Paloma Mariana Caetano. Paraná, 2017. 1 arquivo .mp3 (22 min.).

ROSANA. Entrevista 10. [jul. 2017]. Entrevistador: Paloma Mariana Caetano. Paraná, 2017. 1 arquivo .mp3 (20 min.).

TATIANA. Entrevista 11. [jul. 2017]. Entrevistador: Paloma Mariana Caetano. Paraná, 2017. 1 arquivo .mp3 (30 min.).

VANESSA. Entrevista 12. [jul. 2017]. Entrevistador: Paloma Mariana Caetano. Paraná, 2017. 1 arquivo .mp3 (16 min.).

VICENTE. Entrevista 13. [jun. 2017]. Entrevistador: Paloma Mariana Caetano. Paraná, 2017. 1 arquivo .mp3 (14 min.).